



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE ANÁPOLIS – CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E
HUMANAS – NELSON DE ABREU JÚNIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* INTERDISCIPLINAR EM
TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO

ALEXANDER ANDERSON MOREIRA DA SILVA

**AVENIDA BRASIL, ANÁPOLIS-GO: ENTRE FIXOS E FLUXOS O PROCESSO DE
REGIONALIZAÇÃO DE UM TERRITÓRIO URBANO**

ANÁPOLIS

2024

ALEXANDER ANDERSON MOREIRA DA SILVA

**AVENIDA BRASIL, ANÁPOLIS-GO: ENTRE FIXOS E FLUXOS O PROCESSO DE
REGIONALIZAÇÃO DE UM TERRITÓRIO URBANO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPG-TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar.

Linha de pesquisa: Dinâmicas Territoriais e Relações de Poder

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Mello

ANÁPOLIS

2024

ALEXANDER ANDERSON MOREIRA DA SILVA

**AVENIDA BRASIL, ANÁPOLIS-GO: ENTRE FIXOS E FLUXOS O PROCESSO DE
REGIONALIZAÇÃO DE UM TERRITÓRIO URBANO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Dinâmicas Territoriais e Relações de Poder, no dia 00 de novembro de 2024 para a banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Marcelo de Mello
(Presidente da banca e orientador – PPG-TECCER/UEG)

Prof. Dr^a. Milena D'Ayala Valva
(Avaliador interno – PPG-TECCER/UEG)

Prof. Dr^a. Arlete Mendes da Silva
(Avaliador externo –)

AGRADECIMENTOS

Chegar até este momento é a realização de um sonho compartilhado com muitas pessoas queridas, que caminharam comigo e me fortaleceram ao longo de toda a jornada. Este trabalho carrega em si o apoio, o amor e a confiança de cada um de vocês.

Aos meus pais, Fabiana e Marcelo, minha eterna gratidão. Vocês são minha âncora e meu farol, que me orienta sempre que o caminho se mostra difícil. Cada conselho, cada gesto de carinho e cada exemplo de perseverança fizeram de mim quem sou. Obrigado por nunca desistirem de me apoiar, e por me mostrarem o valor da família em cada momento da minha vida.

À minha esposa, Ewilyn, minha companheira incansável. O teu amor e tua paciência foram o sustento nos momentos de dúvida e cansaço. Obrigado por estar sempre ao meu lado, acreditando em mim. Sou imensamente grato por ter você comigo, dividindo os sonhos e as conquistas.

Minha avó querida, Maria Emília, você é o coração deste trabalho. Sua ternura, suas palavras sempre cheias de sabedoria e aquele carinho que só os avós conseguem dar me alimentaram ao longo de toda esta jornada. Cada vez que pensei em desistir, era o seu amor que me renovava e me empurrava adiante. Obrigado por ser essa presença tão amorosa e constante na minha vida. Este trabalho, de tantas formas, é uma homenagem ao seu carinho incondicional.

Ao meu avô José Augusto, que também teve um papel fundamental nesta caminhada, agradeço por todo o apoio e pelas lições que sempre me transmitiu. Sua força e dedicação me inspiram e me mostraram o valor da perseverança.

A toda a minha família, estendo o meu carinho especial. Vocês foram o abraço nos dias difíceis e o sorriso nas conquistas. Obrigado por estarem sempre ao meu lado.

Aos professores e docentes do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER), agradeço profundamente por compartilharem seu conhecimento e por me guiarem nesta trajetória. Em especial, ao professor Marcelo, que sempre foi compreensivo e incansável no apoio. Sua orientação foi essencial para o sucesso deste trabalho, e sou extremamente grato por isso.

Aos meus colegas de trabalho do SESI, agradeço por todo o incentivo e compreensão, por me ajudarem a equilibrar as demandas profissionais com o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos amigos de vida, que fizeram cada passo mais leve e alegre: aos amigos do

Mauá, Primavera, Teuto, vocês tornaram o caminho mais agradável com suas risadas e companheirismo. Aos amigos da graduação e pré-graduação, vocês foram fundamentais para esta jornada, tornando cada desafio mais suportável com a sua presença.

À turma do TECCER, pela troca de ideias, apoio e inspiração ao longo dessa caminhada, e aos amigos do Polivalente e do futebol de sábado, cujas conversas e momentos de descontração me deram a energia necessária para seguir em frente.

A todos que, de alguma forma, demonstraram carinho por mim, meu agradecimento sincero. Este trabalho é reflexo de cada palavra, cada gesto e cada apoio que recebi.

Obrigado a todos por fazerem parte desta conquista.

RESUMO

Esta dissertação analisa as dinâmicas urbanas e territoriais da Avenida Brasil, em Anápolis-GO, sob a ótica do conceito de fixos e fluxos. O objetivo é compreender como a avenida, importante eixo de circulação de bens e pessoas, reflete as contradições socioespaciais da urbanização contemporânea, marcada pela seletividade na distribuição de infraestrutura e serviços. Dividida em três grandes regiões (Sul, Central e Norte), a Avenida Brasil apresenta diferentes características econômicas e sociais que revelam a desigualdade territorial e a coexistência de centralidades e áreas marginalizadas. A pesquisa discute como o meio técnico-científico-informacional influencia a configuração espacial da avenida, impulsionando tanto o desenvolvimento quanto a segregação urbana. A região Sul concentra atividades ligadas ao setor automotivo; a região Central se destaca pelo comércio e serviços; e a região Norte, em expansão, demonstra um uso mais diversificado do solo. Cada uma dessas áreas reflete o impacto das políticas seletivas de urbanização, que favorecem determinadas regiões, gerando disparidades espaciais. Além disso, a dissertação explora as novas centralidades que surgem ao longo da avenida, onde zonas de alta atividade econômica coexistem com áreas de baixa intensidade, muitas vezes negligenciadas pelo poder público. A análise crítica busca entender como os agentes econômicos, políticos e sociais moldam o espaço urbano de forma desigual, reforçando a segregação espacial. A regionalização da Avenida Brasil é utilizada como metodologia para compreender as particularidades de cada trecho e suas implicações no desenvolvimento urbano de Anápolis. Ao final, a dissertação contribui para o debate sobre as transformações urbanas em cidades de médio porte, como Anápolis, ressaltando as tensões entre desenvolvimento econômico e justiça espacial.

Palavras-chave: fixos e fluxos, urbanização, regionalização, desigualdade socioespacial, Avenida Brasil.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the urban and territorial dynamics of Avenida Brasil in Anápolis, Goiás, concept of fixities and flows. The objective is to understand how the avenue, a key axis for the circulation of goods and people, reflects the socio-spatial contradictions of contemporary urbanization, marked by selective distribution of infrastructure and services. Divided into three major regions (South, Central, and North), Avenida Brasil presents different economic and social characteristics that reveal territorial inequality and the coexistence of centralities and marginalized areas. The research discusses how the technical-scientific-informational environment influences the spatial configuration of the avenue, driving both development and urban segregation. The southern region concentrates activities related to the automotive sector; the central region stands out for its commerce and services; and the northern region, still expanding, shows more diversified land use. Each of these areas reflects the impact of selective urbanization policies, which favor certain regions, generating spatial disparities. Moreover, the dissertation explores the emergence of new centralities along the avenue, where high economic activity zones coexist with low-intensity areas, often neglected by public authorities. The critical analysis seeks to understand how economic, political, and social agents shape urban space in an unequal manner, reinforcing spatial segregation. The regionalization of Avenida Brasil is employed as a methodology to understand the specificities of each segment and its implications for Anápolis' urban development. Finally, the dissertation contributes to the debate on urban transformations in medium-sized cities like Anápolis, highlighting the tensions between economic development and spatial justice.

Keywords: fixities and flows, urbanization, regionalization, socio-spatial inequality, Avenue Brasil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Tabela - Crescimento populacional de Anápolis no período de 1711 a 1935	18
Figura 02	Tabela de imigrantes registrados em Anápolis	19
Figura 03	Croqui do autor com base nos mapas do Plano Diretor de Anápolis de 2006	21
Figura 04	Vista aérea da BR-14 entre Goiânia e Anápolis (GO) em 1957	24
Figura 05	Quadro - Análise da Avenida Brasil em Anápolis à Luz do Meio Técnico-Científico- Informacional de Santos (1994)	30
Figura 06	Tabela – Tipos de gentrificação	39
Figura 07	Tabela – Empresas no bairro Jundiá em Anápolis/Go por porte empresarial	42
Figura 08	Tabela – Empresas no bairro Centro em Anápolis/GO por porte Empresarial	44
Figura 09	Mapa – Zonas luminosas na Avenida Brasil Central	46
Figura 10	Fotografia – Prefeitura Municipal de Anápolis	51
Figura 11	Manchete jornalística sobre os incêndios nas galerias pluviais da Avenida Goiás em Anápolis	52
Figura 12	Fotografia – Pessoas em condição de vulnerabilidade social atendidas pelo “Irmãos Invisíveis”	53
Figura 13	Fotografia – Casa em bairro nobre de Anápolis é ocupada por moradores em situação de rua	54
Figura 14	Mapa – Localização do condomínio fechado <i>Sun Flower</i> e bairros Polo Centro e Calixtolândia	56
Figura 15	Mosaico de fotografias na Avenida Brasiliense, bairro Calixtolândia, em Anápolis-GO, retratando atividades comerciais informais e a presença de zonas de prostituição	57
Figura 16	Fotografia – Fachada da loja da CAO, inaugurada em 2023, a 100 metros da entrada principal do condomínio Sun Flower	58
Figura 17	Fotografia – Porta de entrada da agência da SANEAGO, inaugurada em 2023, localizada a aproximadamente 150 metros do condomínio <i>Sun Flower</i>	59

Figura 18	Fotografia – Fachada do Ibiza Plaza Hotel, localizado a 48 metros do condomínio <i>Sun Flower</i>	59
Figura 19	Fotografia – Prédio abandonado, atualmente ocupado por moradores em situação de rua, localizado na Avenida Brasil, na esquina com a rua de acesso ao bairro Calixtolândia, em frente ao condomínio <i>Sun Flower</i>	60
Figura 20	Fotografia – Residência de um morador do bairro Calixtolândia, localizada na Avenida Brasil, em Anápolis	61
Figura 21	Croqui – Avenida Brasil seccionada em duas partes	70
Figura 22	Mapa – Distribuição espacial das atividades automotivas na Avenida Brasil Sul em Anápolis: vendas, manutenção e aluguel	77
Figura 23	Mapa – Distribuição espacial das atividades automotivas na Avenida Brasil Central em Anápolis: vendas, manutenção e aluguel	79
Figura 24	Mapa – Distribuição espacial das atividades automotivas na Avenida Brasil Norte em Anápolis: vendas, manutenção e aluguel	82
Figura 25	Mapa – Distribuição espacial de instituições de ensino na região norte da Avenida Brasil	83
Figura 26	Mapa – Distribuição espacial de saúde na região norte da Avenida Brasil: hospitais e farmácias	84
Figura 27	Mapa – Distribuição espacial e especificidades da construção civil na região norte da Avenida Brasil	85

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CIDADE, REDE E PODER: A AVENIDA BRASIL, EM ANÁPOLIS, COMO VETOR DE METAMORFOSES ESPACIAIS	15
1.1 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA AVENIDA BRASIL NO ESPAÇO URBANO DE ANÁPOLIS: ENTRE DADOS MATERIAIS E SOCIAIS A PRODUÇÃO DE REDES URBANAS	15
1.2 A AVENIDA BRASIL COMO PRODUTO RETICULAR DIALÉTICO DA INTENCIONALIDADE E DA SELETIVIDADE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: A BUSCA POR FLUIDEZ NA CIRCULAÇÃO DO CAPITAL	26
1.3 AS TRANSFORMAÇÕES DA AVENIDA BRASIL COMO RESPOSTAS ÀS DEMANDAS PRODUTIVAS E DE INCORPORAÇÃO INTENCIONAL DE MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL	28
2 AS DIMENSÕES TERRITORIALIZADAS DE REDES URBANAS COEXISTENTES	32
2.1 A AVENIDA BRASIL E AS CONTRADIÇÕES PRODUZIDAS EM UM TERRITÓRIO URBANO: A COEXISTÊNCIA DE DIVERSAS REDES	34
2.1.1 Delineando do vetor Redes: o território em sua multidimensionalidade	37
2.2 A HETEROGENEIDADE DE UM TERRITÓRIO RETICULAR: ZONAS BAIXA E ALTA INTENSIDADE (ESPAÇOS LUMINOSOS E OPACOS)	40
2.3 AS REDES, SUAS ESCALAS E A DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO: OS SUJEITOS PRIVILEGIADOS E A PRODUÇÃO DE REALIDADES MARGINAIS	55

3 AS DENSIDADES TÉCNICAS E A DEMANDA POR UMA REGIONALIZAÇÃO DA REALIDADE URBANA	62
3.1 FLUIDEZ, COMPETITIVIDADE E DENSIDADE TÉCNICA SELETIVA: AS DIVERSAS AVENIDAS BRASIL	64
3.2 AS DIVERSAS AVENIDAS BRASIL	67
3.3 AS TRÊS AVENIDAS BRASIL E AS NOVAS CENTRALIDADES	72
3.3.1 Avenida Brasil Sul: a concentração de atividades automotivas	76
3.3.2 Avenida Brasil Central: a articulação entre o comércio e serviços	78
3.3.3 Avenida Brasil Norte: expansão e diversificação de funções urbanas	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

A urbanização contemporânea, caracterizada por uma intensa metamorfose espacial, reflete, principalmente, a fluidez do capital, bem como as profundas desigualdades sociais que moldam as cidades modernas. Esta dissertação, centrada na Avenida Brasil, em Anápolis, como um eixo vital dessas transformações, onde a produção do espaço urbano evidencia uma complexa interação entre intencionalidades econômicas e as demandas sociais. O estudo procurou desvendar como essa avenida foi convertida em um vetor de mudanças espaciais, influenciando e sendo influenciada pelas redes de poder e pela configuração territorial da cidade.

A Avenida Brasil, em Anápolis, funciona como um corredor de fluxos econômicos e sociais, cuja análise revela as complexidades da interação entre desenvolvimento urbano e qualidade de vida. Este estudo detalha como estratégias de urbanização e reestruturação espacial têm sido aplicadas na avenida, transformando-a em um espaço de alta intensidade de uso e significado social. A pesquisa sublinha a necessidade vital de políticas públicas que fomentem um equilíbrio entre o crescimento econômico e a inclusão social, destacando como as vias urbanas configuram decisivamente as vivências diárias dos indivíduos. Estas políticas devem reconhecer as ruas e avenidas não apenas como meros canais de circulação ou plataformas de comércio, mas como espaços vivos e dinâmicos, integradores de funções sociais e de interação humana. Assim, o estudo evidencia o papel das vias urbanas como estruturas fundamentais no molde das experiências cotidianas, onde cada decisão política e cada intervenção no espaço pode reforçar ou mitigar as desigualdades existentes.

A análise da Avenida Brasil destaca como as decisões urbanísticas afetam diretamente a distribuição de recursos e serviços, impactando desproporcionalmente as diversas camadas sociais. Essa dinâmica evidencia uma crítica severa ao modelo de urbanização que, como apontado por Braga e Pessali (2015, p. 4), demonstra um crescimento e expansão da malha urbana marcados por um acesso profundamente desigual à terra. Este padrão não apenas espelha a segregação espacial, mas solidifica as desigualdades, desafiando os princípios de justiça social que deveriam orientar o planejamento urbano. Nesse contexto, a configuração urbana revela-se não como um espaço de coletividade, mas como um campo de exclusão, onde o direito à cidade é sistematicamente negado às camadas menos privilegiadas da população.

Diante desse cenário, a presente pesquisa destacou o potencial de políticas de zoneamento e de uso do solo para criar ambientes urbanos mais resilientes e adaptáveis às necessidades de uma população diversificada, buscando reverter os padrões de desigualdade e

promover uma integração mais efetiva de todos os segmentos da sociedade na estrutura urbana. Neste contexto, a reflexão de Corrêa (2000) sobre a organização espacial e sua relação com a sociedade é fundamental:

Como materialidade, a organização espacial é uma dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer a sua própria história. Ela é, no processo de transformação da sociedade, modificada ou congelada e, por sua vez, também modifica e congela. A organização espacial é a própria sociedade espacializada' (Corrêa, 2000. p. 23).

A incorporação de tecnologias na área urbana de Anápolis, especialmente na Avenida Brasil, é analisada quanto à sua capacidade de transformar a gestão e a vivência urbana. Este foco no meio técnico-científico-informacional revela como a integração de novas tecnologias pode otimizar a circulação de pessoas e bens, ao mesmo tempo em que levanta questões críticas sobre vigilância e privacidade. Conforme discutido por Roberto Lobato Corrêa, a organização espacial reflete e molda as relações sociais, indicando que as tecnologias urbanas não apenas facilitam a mobilidade urbana, mas também espacializam normas sociais, podendo tanto reforçar quanto desafiar as dinâmicas de poder existentes.

A discussão sobre as diversas "Avenidas Brasil" apresenta as múltiplas realidades que coexistem dentro do mesmo espaço urbano. Esta realidade decompõe a noção de uma única identidade urbana, revelando a complexidade das interações entre diferentes grupos sociais e econômicos que definem a paisagem urbana de Anápolis. Neste contexto, Gaspar (2011) aponta que

[...] os processos associados à globalização, embora implicando um aumento nas interações globais, não eliminam as especificidades locais das cidades, que continuam a se diferenciar significativamente entre si. As cidades tornam-se espaços onde as tensões globais se manifestam de maneira particular, reconfigurando suas morfologias urbanas e sistemas socioeconômicos em respostas adaptativas a essas forças externas (Gaspar, 2011, p. 236).

Essa discussão ressalta como as dinâmicas urbanas são moldadas tanto por influências globais quanto por particularidades locais, enfatizando a necessidade de políticas urbanas que reconheçam e integrem essa diversidade. A pesquisa emprega uma abordagem multidimensional para entender como essas dinâmicas influenciam a percepção do espaço urbano e a formação de territórios identitários dentro da cidade, propondo uma análise crítica sobre como políticas urbanas podem ser reformuladas para refletir a diversidade e a complexidade de suas populações.

Com um foco específico na produção de redes urbanas e nas transformações da

Avenida Brasil, a dissertação aborda a coexistência de diferentes realidades urbanas, desde zonas de alta intensidade econômica até áreas marcadas pela precariedade. Essa heterogeneidade revela as múltiplas "Avenidas Brasil" existentes, cada uma representando diferentes aspectos da vida urbana — das mais luminosas às mais opacas.

Neste contexto, é válido observar o surgimento de novas centralidades que é discutida para entender e responder às complexidades urbanas de Anápolis. Este processo deve ser observada como uma questão técnica, e profundamente enraizado em disputas sociais e políticas, onde o espaço urbano é continuamente negociado entre diversos atores.

O trabalho está organizado em capítulos que progressivamente desenvolve e discute as camadas de influência e transformação ao longo da Avenida Brasil, desde sua concepção até as dinâmicas atuais. Cada capítulo aborda uma dimensão específica da avenida, entrelaçando teorias urbanísticas com observações empíricas para ilustrar como Anápolis se remodela no contexto das demandas contemporâneas de urbanização.

Objetivos da Pesquisa

Objetivo Geral

Analisar as centralidades na Avenida Brasil em Anápolis, investigando as relações espaciais e as dinâmicas de segregação e desigualdade que moldam o uso do território, a partir de uma perspectiva da regionalização urbana.

Objetivos Específicos

1. Examinar as centralidades e os fluxos urbanos ao longo da Avenida Brasil, identificando como os espaços são hierarquizados e como isso influencia as relações sociais e econômicas dentro da cidade.
2. Avaliar os efeitos da atual divisão territorial sobre a acessibilidade e a distribuição desigual de serviços essenciais, com ênfase nas desigualdades socioespaciais que caracterizam a Avenida Brasil.
3. Investigar como a configuração espacial atual da Avenida Brasil contribui para a fragmentação urbana, com foco nas consequências dessa divisão para as populações que habitam e transitam por essas áreas.

Discussão Metodológica

A pesquisa adota uma metodologia sistêmica, que permite analisar a Avenida Brasil como uma totalidade formada por múltiplos elementos interconectados. Esse enfoque compreende o espaço urbano como resultado de interações entre atores, fluxos, tecnologias e políticas, considerando as dimensões sociais, econômicas e culturais da cidade. A abordagem sistêmica também possibilita examinar como as centralidades emergem e se reconfiguram ao

longo do tempo, destacando as interdependências entre as dinâmicas locais e as forças globais.

Por meio dessa metodologia, foi possível integrar dados qualitativos e quantitativos, combinando análises espaciais, mapeamentos e estudos de campo para revelar as múltiplas dimensões das transformações urbanas na Avenida Brasil. Essa perspectiva contribui para uma leitura crítica das dinâmicas socioespaciais de Anápolis, fundamentando a proposta de uma regionalização que reconheça as particularidades e desafios desse território.

Nesse sentido, no **primeiro capítulo** o estudo inicia-se com uma contextualização da Primeira Revolução Industrial, destacando como esse período não só transformou a produção econômica, mas também reconfigurou o espaço urbano e social. A inovação tecnológica, como as máquinas a vapor e as tecelagens automatizadas, impulsionou uma migração substancial para as cidades, criando as bases da urbanização moderna. Esta transformação destacou a interdependência crescente entre tecnologia, economia e sociedade, e redefiniu a paisagem urbana.

À medida que os centros urbanos se expandiam, tornou-se evidente que as antigas estruturas e sistemas eram insuficientes para as novas demandas de uma população crescente e de uma economia em expansão. As cidades modernas começaram a ser uma rede intrincada de interações, com a urbanização como um processo físico, mas, interligado com as transformações sociais e econômicas.

A produção nas cidades é multifacetada, envolvendo bens tangíveis e a geração e disseminação de ideias e inovações. O planejamento urbano, influenciado por uma rede complexa de atores e interesses, reflete tanto as políticas de poder quanto as dinâmicas sociais e culturais. Isso ilustra a importância de considerar tanto os dados materiais quanto os sociais na análise das redes urbanas.

Refletimos a discussão que, conforme destacado por Saquet e Sposito (2008), o território é definido primordialmente pelo poder, e a dimensão política é crucial na configuração de seu perfil. As cidades, então, não são apenas espaços físicos, mas territórios onde o poder, a política e a cultura se intersectam, moldando a organização espacial e as identidades urbanas.

Dito isso, a análise da Avenida Brasil como um espaço de interação complexa entre forças materiais e sociais revela como as infraestruturas urbanas e os espaços públicos são definidos tanto pelas estruturas físicas quanto pelos valores e normas da sociedade. Esta dialética é essencial para entender a verdadeira natureza das redes urbanas e a vivência urbana. A produção de redes urbanas está longe de ser um processo linear, deve ser entendido a partir de uma observação contínua entre o tangível e o intangível, o fixo e o fluido. As cidades são espaços de interação dinâmica, onde diferentes forças colidem e coexistem, tornando cada

decisão urbana parte de um contexto mais amplo e muitas vezes imprevisível.

Neste primeiro capítulo, estabelece a complexidade das redes urbanas e o papel da Avenida Brasil como vetor dessas metamorfoses espaciais em Anápolis. A discussão prepara o terreno para uma análise mais detalhada nas seções subsequentes da dissertação, focando em como a Avenida Brasil reflete e molda as transformações urbanas em resposta às dinâmicas do capital e das tecnologias modernas, além de gerar novas centralidades.

O **segundo capítulo** intitulado "As Dimensões Territorializadas de Redes Urbanas Coexistentes" fornece um retrato vívido e complexo das interações espaciais e sociais que definem a Avenida Brasil em Anápolis. O território, longe de ser um simples receptáculo para a atividade humana, emerge como um palimpsesto de relações de poder, divisões sociais e dinâmicas econômicas que são continuamente inscritas e reinscritas na paisagem urbana.

A Avenida Brasil se caracteriza pela coexistência de zonas de alta e baixa intensidade, um reflexo tangível das disparidades socioeconômicas da cidade. As zonas "luminosas" são aquelas onde o desenvolvimento é palpável, com uma infraestrutura robusta, serviços abundantes e uma vida comercial e cultural ativa e complexa. Contrapondo-se a essas áreas, existem zonas "opacas", marcadas pela negligência e escassez de investimentos, onde a infraestrutura é precária e as oportunidades são limitadas. Esta segregação espacial deve ser vista como uma manifestação de desigualdade econômica e um reflexo a expressão das dinâmicas de poder e exclusão que moldam o território urbano.

As redes urbanas em Anápolis, e particularmente ao longo da Avenida Brasil, são profundamente influenciadas pela circulação de capital e pela presença de agentes econômicos poderosos, tanto públicos como privados. Esses agentes, muitas vezes ligados a interesses globais, desempenham um papel fundamental na definição de quais áreas são desenvolvidas e quais permanecem marginalizadas. A estrutura dessas redes reflete e reforça as divisões sociais e econômicas existentes, perpetuando um ciclo de investimentos e interesses desiguais e desenvolvimento segregado.

A Avenida Brasil serve como palco para uma série de interações sociais que vão desde a colaboração até o conflito aberto. As dinâmicas de coexistência entre diferentes grupos sociais e econômicos revelam a complexidade das relações urbanas e a luta contínua por espaço e reconhecimento. Esta coexistência é frequentemente tensa, refletindo as amplas disparidades de poder e acesso aos recursos entre os diferentes habitantes da avenida.

Partindo do pressuposto anterior, decisões sobre planejamento urbano, alocação de recursos e desenvolvimento de infraestrutura são profundamente influenciadas pelo poder político e econômico, que, muitas vezes em detrimento das necessidades da população mais

vulnerável. Este capítulo destaca a necessidade de uma governança mais inclusiva e justa que possa equilibrar os interesses de todos os cidadãos. Em meio às dinâmicas de poder e exclusão, emergem histórias de resistência e reivindicação.

Grupos marginalizados e comunidades desfavorecidas frequentemente lutam para afirmar seu direito ao espaço urbano e para desafiar as estruturas que perpetuam sua marginalização. A Avenida Brasil não é isolada das forças globais. As dinâmicas internacionais de capital, trabalho e política influenciam profundamente a realidade local. Entender essa conexão global-local é essencial para uma análise completa das redes urbanas e para a formulação de estratégias de desenvolvimento que reconheçam e integrem essa dimensão.

Finalizando, no **terceiro capítulo** propõe uma reflexão sobre como as densidades técnicas, a fluidez e a competitividade se manifestam em diferentes segmentos da Avenida Brasil e como a regionalização pode ser uma ferramenta essencial para uma compreensão mais aprofundada e pragmática das disparidades urbanas.

A Avenida Brasil se desdobra não como uma única via, mas como uma série de segmentos distintos, cada um com suas próprias características técnicas e sociais. Nesta seção, explora-se a ideia de que a densidade técnica — a acumulação de infraestrutura, tecnologia e capacidades humanas — varia significativamente ao longo da avenida, configurando zonas de alta fluidez e competitividade ao lado de outras marcadas pelo esquecimento e estagnação. Esta distribuição seletiva de capacidades técnicas e recursos revela uma geografia de privilégios que favorece determinadas áreas em detrimento de outras, criando uma cidade fragmentada e desigual.

Propõe-se a regionalização como uma abordagem analítica para decompor a cidade em unidades menores, cada uma com suas especificidades e desafios. Esta metodologia permite não apenas uma melhor compreensão das disparidades intraurbanas, mas também uma forma de intervenção política e planejamento mais alinhados às realidades locais. A regionalização, ao destacar as particularidades de cada segmento da cidade, abre caminho para ações que respondem de maneira mais eficaz às necessidades e potencialidades locais.

1 CIDADE, REDE E PODER: A AVENIDA BRASIL, EM ANÁPOLIS, COMO VETOR DE METAMORFOSES ESPACIAIS

1.1 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA AVENIDA BRASIL NO ESPAÇO URBANO DE ANÁPOLIS: ENTRE DADOS MATERIAIS E SOCIAIS A PRODUÇÃO DE REDES URBANAS

Para iniciar uma análise sobre as dinâmicas urbanas, podemos destacar o cenário da Primeira Revolução Industrial, que ocorreu entre o final da segunda metade do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX. Esta fase sinalizou uma metamorfose produtiva substantiva, mas, igualmente, precipitou uma reconfiguração espacial e societária de magnitude inédita. Dominadas até então por paradigmas agrários e núcleos urbanos de dimensões reduzidas, as configurações territoriais sofreram alterações significativas, impulsionadas pela emergência de inovações tecnológicas como as máquinas a vapor e as tecelagens automatizadas. Este período, mais do que um mero propulsor de avanço econômico, atuou como vetor determinante na mobilidade populacional em direção às zonas urbanas, estabelecendo os alicerces para a complexa urbanização contemporânea.

A crescente complexidade das cidades modernas não ficou restrita a estas transformações. Enquanto os centros urbanos se expandiam, tornava-se evidente que as antigas estruturas e sistemas não eram mais adequados para acomodar as demandas de uma população em rápido crescimento, no contexto de uma economia urbana em expansão. Os emergentes desafios logísticos, sociais e ambientais exigiam novas e contínuas adequações nas bases produtivas.

Esta transição não foi apenas física, mas também conceitual. A malha urbana deveria refletir uma mudança no modo como a sociedade percebia a si mesma e seu entorno. A interdependência entre as atividades econômicas e as cidades, entre o avanço tecnológico e as transformações sociais, estabeleceu as bases para as cidades contemporâneas e sua intrincada rede de interações. Desta forma, as cidades, percebidas como mais do que simples aglomerados humanos, se tornaram epicentros de revoluções que impactaram todas as dimensões da vida manifestada territorialmente.

Neste contexto, é importante considerar que o processo de produção nas cidades é um fenômeno multifacetado. Não se restringe meramente à produção de bens tangíveis; engloba também a geração e disseminação de ideias, inovações de procedimentos técnicos e culturais. Estas manifestações intangíveis, muitas vezes, têm um impacto expressivo,

afetando formas, funções, estruturas e processos urbanos das formas mais diversas (Santos, 1996).

Neste sentido, é importante destacar que as escolhas vinculadas a uma ideia de planejamento urbano, por exemplo, não são simplesmente decisões técnicas; pois elas são influenciadas por uma complexa rede de sujeitos, interesses e discursos. Em um contexto mais amplo, ao considerar a tessitura de territórios e as relações que os definem, é crucial considerar que as políticas de gestão territorial modelam seu perfil a partir de arranjos centrados nas disputas pelo exercício do poder. Como destaca Saquet e Sposito (2008):

O que “define” o território é, em primeiríssimo lugar, o poder – e, nesse sentido, a dimensão política é aquela que, antes de qualquer outra, lhe define o perfil. Isso não quer dizer, porém, que a cultura (o simbolismo, as teias de significados, as identidades...) e mesmo a economia (o trabalho, os processos de produção e circulação de bens) não sejam relevantes ou não estejam “contemplados” ao se lidar com o conceito de território.

A partir dessa discussão, refletimos que, neste cenário, os dados materiais, como infraestrutura, edificações e espaços públicos, interagem de maneira complexa com os dados sociais – as normas, os valores, as aspirações e os conflitos da população. Essa dialética entre o material e o imaterial muitas vezes é subestimada, mas é fundamental para entender a natureza das redes urbanas. As estruturas físicas de uma cidade podem definir seu “esqueleto”, mas são os dados sociais que lhe conferem vida, determinando sua pulsação e ritmo (Santos, 2006).

A produção de redes urbanas, portanto, não pode ser vista como um processo linear marcado pela ausência de conflitos e contradições. É um diálogo contínuo entre o tangível e o intangível, entre o que é fixo e o fluxo, entre o excesso e a falta. As cidades, em sua essência, são espaços de interação, onde diferentes forças, sejam elas materiais ou sociais, convergem, colidem e coexistem (Mello, 2009). Cada decisão tomada, cada intervenção realizada, não é um evento isolado, mas uma peça de um intrincado quebra-cabeça que se entrelaça de maneiras, muitas vezes, imprevisíveis.

Para entender a natureza fluida e interconectada do espaço urbano, recorreremos a Santos (2006). De acordo com sua perspectiva, ao analisar a natureza interconectada do espaço urbano, percebemos que:

Os objetos são formados, por sua carga específica de intencionalidade, e não funcionam senão a partir de uma informação que é também específica. Essa informacionalização do espaço tanto é a dos objetos que formam o seu esqueleto material, como a das ações que o percorrem, dando-lhe vida. Fixos e fluxos são, pois, ricos em informação" (Santos, 2006, p.198).

Ao tentar desvendar a complexidade das realidades urbanas, é fundamental adotar uma abordagem sistêmica, reconhecendo tanto os dados materiais quanto os sociais. Apenas assim podemos aspirar entender a complexa rede de relações que definem as dimensões do urbano no século XXI.

A expansão da rede urbana e o crescimento das cidades, observados ao longo da história, têm sua gênese intrinsecamente ligada aos marcos industriais e tecnológicos. Como destacado anteriormente, após a Primeira Revolução Industrial, os centros urbanos passaram por metamorfoses significativas. A tecelagem mecânica, a máquina a vapor e outras inovações tecnológicas, - em consonância com as bases teóricas e metodológicas que fundaram a ciência moderna - trouxeram consigo a promessa de progresso, redesenhando a paisagem urbana e propiciando mudanças sociais, econômicas e espaciais sem precedentes. Como Santos ressalta:

Vivemos a era da inovação galopante. A rapidez com que geograficamente se difundem as tecnologias do presente período mostra-se ainda maior quando a comparamos com o que o mundo conheceu na fase anterior. Era, então, um processo gradual de difusão, enquanto em nossos dias esse processo é brutal. Paralelamente, as novas tecnologias envolvem muito mais gente e colonizam muito mais áreas. [...] enquanto o rádio e a televisão penetram no coração dos países, estão presentes nos lugares mais ermos e invadem nossas casas. Se os atuais sistemas técnicos são invasores, sua capacidade de invasão tem limites. Esses limites são dados pela divisão do trabalho e pelas condições de criação de densidade. Quanto mais forte, numa área, é a divisão do trabalho, tanto mais há tendência para que esses sistemas técnicos hegemônicos se instalem. Nesses lugares, é mais eficaz a ação dos motores da economia mundializada, que incluem as instituições supranacionais, as empresas e bancos multinacionais. E a densidade - já notavam Marx e Durkheim - é um fator de divisão do trabalho, pois facilita a cooperação (Santos, 1996, p. 117).

Considerando o contexto histórico e as principais inovações técnicas implementadas, podemos entender a estruturação de novos nexos produtivos a partir da implementação sistemática de redes ferroviárias. Essas redes foram cruciais para a consolidação de uma nova configuração urbana e industrial, potencializando o papel econômico de muitos centros urbanos. A técnica, portanto, é um elemento que transforma o espaço e a sociedade. Na era moderna, a técnica adquire uma dimensão global, infiltrando-se em todos os aspectos da vida e moldando a estrutura urbana. A difusão dessas inovações não ocorre de maneira uniforme: enquanto algumas regiões se tornam centros de adensamento tecnológico, outras permanecem à margem deste processo.

Nesse sentido, Anápolis pode ser inserida no contexto até aqui destacado. A rede ferroviária foi muito aguardada pelos agentes econômicos situados na cidade transição do século XIX para o século XX. A chegada dos trilhos da rede ferroviária afetaram a estrutura

física da cidade; bem como o modo de vida de sua população.

A rede férrea alcança Anápolis em 1935. As alterações promovidas a partir inserção deste elemento técnico, em Anápolis, a tornaram o epicentro para indivíduos que buscavam ampliar suas participações no cultivo de grãos, como café e arroz. Certamente, é possível afirmar que as repercussões territoriais da inserção de Anápolis na rede ferroviária foram profundas. Os trilhos, incorporamos ao território anapolinao, não apenas catalisaram a produção agrícola local, mas também tornaram a cidade atrativa para migrantes, especialmente da região de Minas Gerais.

Conforme observações de Polonial (1995), a chegada da ferrovia, em Anápolis, reforçou a posição comercial de Goiás, eliminando intermediários no comércio de grãos como feijão, milho e, principalmente, arroz; consolidando a cidade como um *hub* econômico regional. A esse respeito, é notável apontar que a estrada de ferro, portanto, teve participação importante no crescimento populacional dessas cidades. No caso de Anápolis, esse aumento esteve acima da média nacional, com taxas de crescimento anual conforme a tabela a seguir:

Figura 1: Tabela - Crescimento populacional de Anápolis no período de 1711 a 1935

Período	Crescimento Anual (%)	Observações
1711-1920	5,61%	Crescimento populacional médio nacional.
1921-1935	6,58%	Ano de extensão da ferrovia à cidade.

Fonte: Polonial (1995) – Organização própria.

Anápolis se tornou um destino para imigrantes internacionais. As observações de Polonial (Tabela 2) sobre o período entre 1910 e 1940 mostram que Anápolis foi a cidade goiana que mais acolheu estrangeiros, com a presença notável de japoneses, italianos e sírios, influenciando significativamente a diversidade cultural e econômica da cidade.

Figura 2: Tabela de imigrantes registrados em Anápolis

	Nacionalidade	Quantidade	%
1	Japoneses	102	42.68
2	Sírios	72	30.13
3	Italianos	23	9.62
4	Outras	42	17.57

Fonte: Polonial (1995) – Organização própria.

Esta diversidade cultural, observada na essência de Anápolis, delineou uma identidade urbana caracterizada por constantes transformações e adaptações, refletindo a interação do velho com o novo. O crescimento econômico, em paralelo ao desenvolvimento técnico, proporcionado pela ferrovia, redefiniu a paisagem urbana da cidade, posicionando Anápolis como um centro comercial em ascensão no cenário regional.

A ferrovia, durante o seu auge, representou um meio eficiente de transporte de mercadorias e pessoas; ela reconfigurou o espaço urbano, as relações econômicas, sociais e até mesmo a percepção do tempo e do espaço. Por exemplo, as zonas ao redor das estações ferroviárias geralmente se transformavam em polos de atividade econômica e social, levando a um desenvolvimento concentrado que contrastava com áreas mais periféricas. Esta centralização, por sua vez, determinou padrões de crescimento, com áreas comerciais, industriais e residenciais se formando como resposta à proximidade e acessibilidade proporcionadas pela ferrovia.

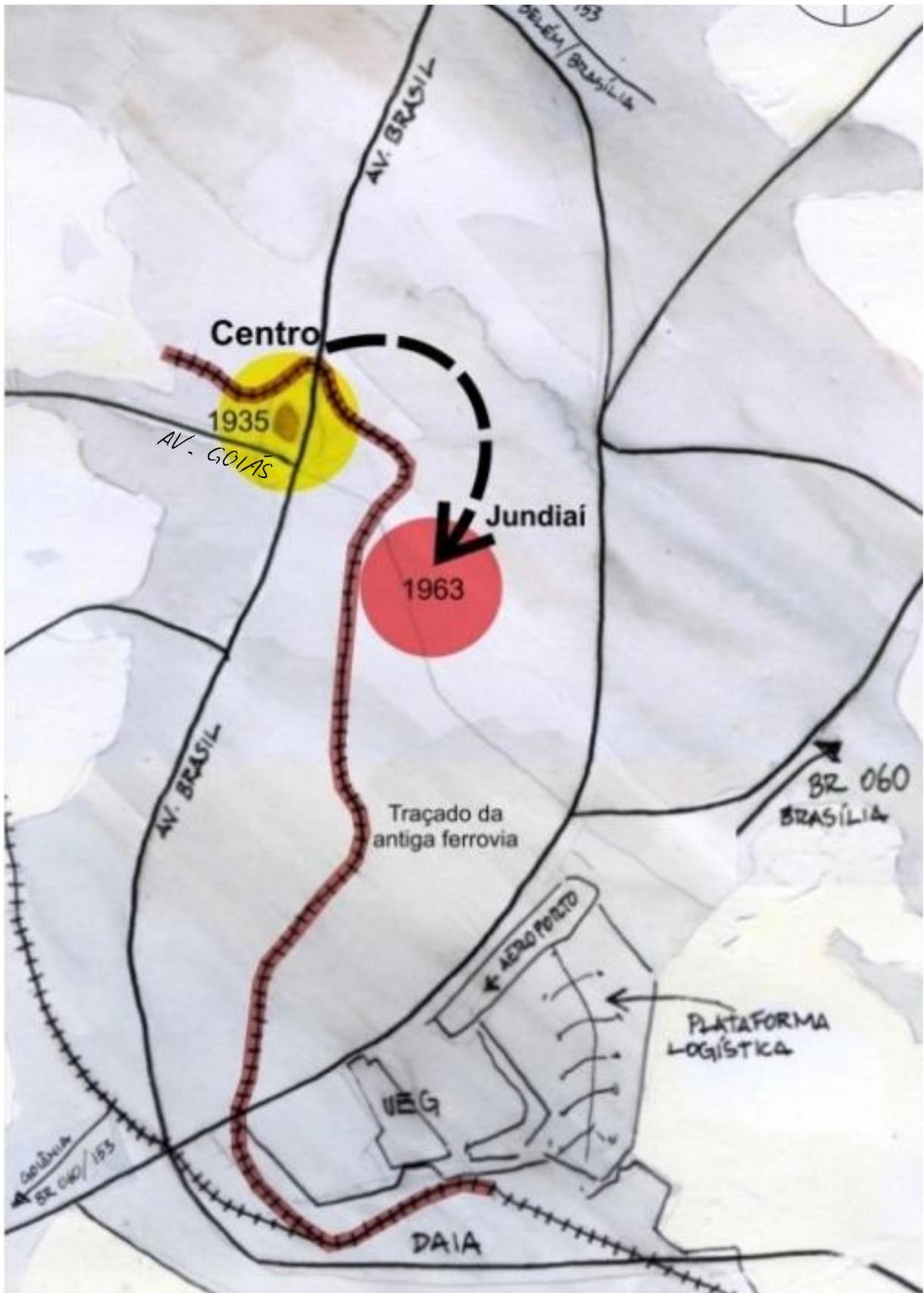
Do ponto de vista econômico, a ferrovia facilitou tanto o transporte de bens, quanto a disseminação de ideias, estilos arquitetônicos e inovações tecnológicas. As cidades ligadas por ferrovias encontraram-se, muitas vezes, na vanguarda da inovação urbano-industrial, beneficiando-se de um fluxo mais eficiente de matérias-primas, pessoa e capital; ampliado suas relações com os centros urbanos mais expressivos.

Em uma perspectiva demográfica, a ferrovia contribuiu para uma maior mobilidade da população. Isto teve implicações significativas, desde o crescimento das classes trabalhadoras urbanas até a formação de novas identidades culturais e comunitárias, pois as pessoas de diferentes regiões encontraram-se em centros urbanos emergentes.

Além disso, a infraestrutura ferroviária influenciou profundamente a distribuição de recursos nas cidades. O controle sobre rotas ferroviárias, estações e a solo adjacente tornou-se uma questão política e econômica significativa. Os “barões ferroviários”, como eram frequentemente chamados, ganharam imenso poder e influência, moldando decisões urbanísticas e políticas públicas.

Para uma melhor compreensão da influência e abrangência da ferrovia, em Anápolis, e sua inserção no cenário regional, é indispensável uma análise visual que demonstre sua extensão e interconexões. Neste contexto, o mapa da ferrovia, elaborado por Rézio (2015), proporciona uma visão geográfica preliminar da infraestrutura ferroviária, destacando sua importância e conectividade com outras regiões.

Figura 3: Croqui com base nos mapas do Plano Diretor de Anápolis de 2006



Fonte: Rézio (2015) – Adaptação própria.

O croqui apresenta uma visão esquemática da cidade de Anápolis com base nos mapas do Plano Diretor de 2006, destacando a relação entre o Centro da cidade e a região do Jundiaí. A linha de ferro, traçada em vermelho, representa o antigo traçado ferroviário que conectava o Centro de Anápolis à região onde hoje se encontra o Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA). Essa ferrovia, essencial para o desenvolvimento urbano e econômico, teve sua origem no Centro da cidade em 1935, marcando o núcleo inicial de urbanização, e estendeu-se até o bairro Jundiaí, consolidado em 1963 como uma nova centralidade urbana (REZIO, 2015).

O mapa ainda destaca a localização estratégica da BR-060, que conecta Brasília a Goiânia, evidenciando a integração da cidade às rotas logísticas regionais. A Plataforma Logística de Anápolis também está indicada, reforçando a importância da infraestrutura de transporte para a configuração territorial e econômica da cidade.

Diante disso, os governantes da década de 1960, percebendo as mudanças aceleradas do cenário urbano e tecnológico, viram-se compelidos a promover mudanças que aproximassem Anápolis ao contexto da época. Estas mudanças envolviam a integração de novas tecnologias, a reconfiguração dos espaços urbanos para responder as demandas do momento.

Como exemplo das alterações urbanas implementadas, pode-se destacar que, em janeiro de 1963, o então prefeito Jonas Ferreira Alves Duarte, sancionou a Lei nº 379, que "dispõe sobre a abertura da Avenida Goiás, visando à criação de uma importante via de circulação para o desenvolvimento urbano e econômico da cidade de Anápolis." Esta via, que hoje mantém seu nome, Avenida Goiás, foi planejada para facilitar a mobilidade na cidade, além de se consolidar como símbolo de progresso e modernidade, refletindo o espírito de crescimento que Anápolis buscava alcançar na época.

Nesta perspectiva, a mutação do cenário urbano de Anápolis, observada com a criação da Avenida Brasil na década de 1960, foi resultado de políticas públicas que direcionavam as transformações espaciais. A transição de rodovia BR-14 para Avenida Brasil, marcou uma nova fase no processo de expansão urbana, conectando-se diretamente à Avenida Goiás. Esta nova via, que se estendeu até as cercanias do Estádio Jonas Duarte, ampliou as rotas de circulação e redefiniu o entorno urbano, transformando a paisagem local e promovendo o crescimento econômico através da integração de novos espaços urbanos.

Essa transformação urbanística, articulada com as demandas do período, personifica um momento de inovação na administração municipal, que buscava equilibrar o crescimento urbano com as exigências de mobilidade e infraestrutura de uma cidade em

expansão. Como resultado, a Avenida Brasil se tornou um símbolo das políticas de desenvolvimento adotadas, consolidando-se como parte crucial na reconfiguração espacial de Anápolis (Rézio, 2015). Assim, este marco histórico convida a uma reflexão mais profunda sobre a importância do planejamento urbano na adaptação da cidade às novas demandas sociais e econômicas.

Essa lógica que insere a Avenida Brasil na estrutura urbana anapolina não apenas revela a busca pela ampliação de uma escala produtiva, mas também a trama intrincada da estratégia de planejamento urbano. O surgimento da Avenida Brasil, ancorado na premissa do progresso viário e funcional, evoca uma análise crítica que transcende a superfície. Moldado por terminologias técnicas, como avaliação de impacto ambiental, diretrizes de mobilidade e zonificação, esse processo de transformação urbana instiga uma indagação profunda: até que ponto as intenções políticas materializadas no espaço urbano alinham-se eficazmente com as necessidades da comunidade?

A Avenida Brasil ultrapassa a mera ressignificação física, indicando uma narrativa da mutação da própria identidade urbana através dos tempos. A contextualização histórica dessa empreitada desvenda um processo que hoje manifesta uma série de densos processos, como o de gentrificação, salvaguarda do patrimônio cultural e zonificação. A metamorfose das vias urbanas ecoa nos contornos fluidos da própria cidade, reafirmando que as estratégias urbanísticas não apenas delineiam a paisagem, mas também imbuem de significado o âmago e a consciência de seus habitantes.

Observar a Avenida Brasil nos dias de hoje é como decifrar as camadas ocultas que compõem a evolução incessante das formas e funções urbanas. A cidade, ao ser produto e produtora de escolhas passadas, revela suas lógicas e contradições. A análise dessas escolhas permite antever as trajetórias que se desenham no horizonte urbano. É a partir dessa dialética entre permanência e mudança que se desenham as linhas do futuro. Nesse sentido, as práticas da gestão municipal, muitas vezes presas a discursos técnicos e distantes da realidade cotidiana, necessitam reconhecer os verdadeiros atores do espaço, articulando-se de maneira mais profunda com as demandas e os desejos da sociedade. Termos como "densificação controlada", "revitalização" e "planejamento resiliente" carecem de significado se não forem acompanhados de uma compreensão crítica e socialmente comprometida com a transformação das paisagens e das vidas urbanas.

No entanto, essa visão prospectiva solicita critérios de análise, pois a implementação de estratégias frequentemente entra em choque com interesses diversos e com as nuances do contexto local. Como apontou Santos (1996, p. 148), "A cidade é um espaço de

relações sociais, de relações de poder, onde os grupos dominantes controlam os espaços e os fluxos, gerando desigualdades".

Avenida Brasil, enraizada no contexto de Anápolis, não assumiu somente uma importância momentânea para a geografia e a história da cidade. Na realidade, ela foi transformada ao longo dos anos para se tornar um ícone representativo das mudanças socioeconômicas de cunho regional. Em seus primórdios, delineada como a rodovia BR 14 (Figura 4), essa via estabeleceu conexões, ao norte, entre Anápolis e Ceres, e, ao sul, com Goiânia. No entanto, sua influência transcende a mera função de corredor de tráfego. Ao longo do tempo, esse eixo viário foi adquirindo uma importância inestimável na movimentação de pessoas, mercadorias e capital, emergindo como um alicerce vital para a economia e a evolução urbanística da região.

Figura 4: Vista aérea da BR-14 entre Goiânia e Anápolis (GO) em 1957



Fonte: IBGE.

O diálogo entre o espaço e a sociedade assume uma relevância singular ao examinarmos a trajetória da Avenida Brasil. Conforme ponderado por Santos (2006), os espaços não são entidades estáticas; eles são formados por suas funções específicas e intenções subjacentes, desempenhando um papel essencial na modelagem simultânea da sociedade que os ocupa. Dessa forma, ao contemplarmos a Avenida Brasil, não podemos dissociá-la do contexto que a envolve. Ela deve ser compreendida como um elemento intrínseco e resultante das dinâmicas sociais e econômicas em constante transformações.

De fato, essa avenida não se limita a integrar uma rede mais ampla; ela incorpora uma pluralidade de outros elementos interconectados, conferindo-lhe um caráter complexo e intrincado. Assim, a circulação de pessoas e mercadorias transcende seu aspecto meramente logístico; ela se revela como um reflexo palpável da teia de interconexões que abraça os espaços, seus habitantes e as atividades produtivas que pulsam por sobre eles.

Nessa perspectiva, a crescente importância da Avenida Brasil promove uma aproximação com a discussão de Santos (2006) sobre "fixos e fluxos", onde o autor argumenta que a dinâmica urbana é moldada pela interação entre estruturas permanentes, os "fixos", e as movimentações contínuas de pessoas, mercadorias e informações, os "fluxos". No caso de Anápolis, a transformação da antiga rodovia BR-14 em Avenida Brasil, e sua posterior consolidação como uma das principais vias de circulação da cidade, ilustra de forma clara essa relação dialética entre os dois elementos.

A Avenida Brasil, como infraestrutura física, representa um "fixo" dentro do espaço urbano, desempenhando o papel de elemento catalizador na cidade. Ela reorganiza o entorno, valoriza áreas adjacentes e cria centralidades que antes não existiam. Além disso, sua construção foi acompanhada por um conjunto de investimentos em equipamentos urbanos e serviços, que também podem ser interpretados como "fixos", já que consolidam a importância da via e influenciam diretamente o desenvolvimento das áreas ao seu redor.

Por outro lado, a função da Avenida Brasil como um eixo de circulação demonstra o papel dos "fluxos". Desde a sua criação, essa via tornou-se um canal por onde ocorrem fluxos constantes de veículos, mercadorias, trabalhadores e consumidores, conectando diferentes partes da cidade e até mesmo a região com outros centros urbanos. A Avenida, portanto, atua como uma catalisadora da integração espacial, promovendo o trânsito não só de bens materiais, mas também de valores simbólicos e econômicos, que definem o dinamismo urbano de Anápolis.

Santos (2006) enfatiza que a interação entre os "fixos" e os "fluxos" gera um ambiente de constantes mutações, onde as formas urbanas são produzidas e reproduzidas de maneira fluida. Essa perspectiva ajuda a entender como a Avenida Brasil se insere no processo de transformação urbana da cidade. A avenida não apenas facilita a mobilidade e as trocas, mas também redefine a própria estrutura urbana, criando demandas por serviços e infraestruturas que perpetuam e intensificam os fluxos.

Ao analisarmos o impacto da Avenida Brasil nesse contexto, fica claro que sua importância vai além da simples função de via de transporte. Ela se transforma em um elemento estruturante do espaço urbano, influenciando a maneira como a cidade se organiza e

se expande. A partir dessa análise, podemos compreender que o processo de urbanização, em Anápolis, envolve também dimensões sociais, políticas e econômicas, que se articulam e se potencializam através da relação entre "fixos" e "fluxos". A Avenida Brasil, portanto, pode ser vista como um agente de transformação contínua, que reflete as contradições e possibilidades do desenvolvimento urbano em uma cidade em constante metamorfose.

Essa análise permite concluir que, ao articular o conceito de "fixos e fluxos", podemos não só compreender melhor a importância histórica da Avenida Brasil, mas também avaliar suas implicações futuras no planejamento urbano de Anápolis. Assim, a Avenida Brasil emerge como um exemplo prático da interação entre estrutura e movimento, permanência e transformação, moldando e sendo moldada pelas forças econômicas, políticas e sociais que definem o espaço urbano.

1.2 A AVENIDA BRASIL COMO PRODUTO RETICULAR DIALÉTICO DA INTENCIONALIDADE E DA SELETIVIDADE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: A BUSCA POR FLUIDEZ NA CIRCULAÇÃO DO CAPITAL

A produção do espaço urbano está associada a um processo intrincado e multifacetado. A Avenida Brasil constitui um exemplo vívido desse fenômeno complexo. Mais do que apenas um eixo de circulação, essa via se configura como um entrelaçamento reticular dialético, que surge da intersecção entre a intencionalidade e a seletividade. O desenvolvimento da avenida e de sua capacidade de moldar a cidade, surgem de um denso conjunto de decisões balizadas pela dinâmicas do capital e pela consequente demanda por fluidez associada a este sistema produtivo.

Milton Santos (2006) postulou que o espaço se consubstancia com a interação de sistemas de objetos e sistemas de ações, um conjunto inseparável e contraditório que se configura como o palco primordial para os episódios históricos. Em consonância com a visão de Santos (2006), a compreensão da Avenida Brasil, e de seu papel na tessitura urbana, nos convida a desvendar as complexidades dessa trama espaço-temporal, onde elementos materiais e ações humanas entram em um diálogo constante, gerando uma teia de significados que compõem a narrativa urbana. Nesse contexto, a citação direta de Santos (2006, p. 39) ressoa de maneira esclarecedora:

O espaço é formado não somente pelos sistemas de objetos, mas, também, pelos sistemas de ações, não separados, mas como um conjunto indissociável e que nos dá a ideia de formação (estrutura). É isto que torna o espaço um conjunto

indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história passa.

Neste contexto, a Avenida Brasil, em sua essência, é um microcosmo que revela as relações entre o capital, a urbanização e as forças sociais subjacentes. Ao se debruçar sobre o contexto urbano que essa via representa, é possível perceber as camadas de história, economia e sociopolítica que estão entrelaçadas em sua formação. Seu surgimento e evolução não ocorreram de forma isolada ou aleatória; foram, em vez disso, produto de escolhas conscientes e circunstâncias específicas.

A Avenida Brasil, como um espaço em constante metamorfose, revela as tensões entre o fixo e o fluido, entre o materializado e o idealizado. Estes sistemas de ações e objetos, conforme descritos por Santos, são evidenciados na forma como a avenida serve como palco para interações humanas, comércio, cultura e desenvolvimento econômico. O fluxo constante de pessoas, veículos e ideias, nesse corredor urbano, é um testemunho da sua capacidade de adaptar-se às exigências do tempo e responder às dinâmicas de uma sociedade em fluxo.

Em um mundo caracterizado pela 'modernidade líquida', conforme descrito por Zygmunt Bauman (2001), as estruturas sociais estão em constante mutação e adaptação. Neste cenário, a Avenida Brasil ressalta-se pelo seu dinamismo e adaptabilidade. Ela não apenas reflete as transformações urbanas, mas também atua como um impulsionador essencial dessas mudanças.

Conectando isso à perspectiva de Bauman (2001), a fluidez da modernidade se manifesta nas paisagens urbanas, nas interações sociais e nas identidades individuais e coletivas. A Avenida Brasil é mais do que uma via de trânsito, como já discutido acima, é um microcosmo das transformações que caracterizam a era contemporânea. As edificações, os estabelecimentos comerciais e até mesmo o comportamento dos transeuntes, refletem a transitoriedade e a adaptabilidade requeridas pela modernidade líquida. Nesse sentido, a avenida, ao mesmo tempo em que é moldada por essas forças, também desempenha um papel ativo, influenciando a direção e o ritmo das mudanças urbanas e socioculturais.

Na complexa tessitura urbana da Avenida Brasil, cada sujeito traz à tona suas aspirações, desejos e motivações. As influências dos sujeitos – e dos grupos a eles articulados – não se limitam a manifestações físicas, como edifícios ou infraestruturas; elas também se traduzem em normas, valores e práticas que definem a experiência cotidiana na avenida. Esta miríade de interesses, muitas vezes conflitantes, dá origem a um processo contínuo de negociação e re-negociação sobre o que a avenida deve representar e como ela deve servir à

comunidade. A intervenção e a influência desses grupos desempenham um papel crucial na moldagem da identidade e função da Avenida Brasil ao longo do tempo.

A convergência entre intencionalidade e seletividade emerge como um ponto especialmente saliente neste contexto. Conforme discutido anteriormente, a Avenida Brasil é um cenário onde essas duas forças operam de forma inextricável. Por um lado, a orientação e o propósito, que guiam a Avenida Brasil são moldados por escolhas deliberadas e estratégias voltadas para metas específicas, como o aprimoramento da conectividade urbana. No entanto, por outro lado, a seletividade, influenciada por variáveis econômicas e políticas, delinea as áreas que prosperam e aquelas que são relegadas a um segundo plano. Essa dualidade complexa se manifesta com grande impacto na própria Avenida Brasil, servindo como um lembrete vivo da constante tensão entre o planejamento deliberado e as complexas realidades da diferenciação socioespacial inerente à teia da urbanização moderna (Santos, 1996).

A intencionalidade na produção do espaço refere-se às decisões deliberadas e planejadas que buscam atender a objetivos específicos. No caso da Avenida Brasil, podemos inferir que sua implementação e expansão visavam, entre outras coisas, melhorar a circulação e conexão entre regiões estratégicas da cidade e áreas adjacentes, em diversas escalas (Santos, 1996). Ao mesmo tempo, a seletividade atua como um filtro, determinando quais áreas recebem investimentos e quais são negligenciadas, baseando-se em critérios econômicos, políticos e sociais.

Nesse contexto, a Avenida Brasil assume uma função dual: por um lado, é uma ferramenta para a promoção da circulação de capital, facilitando o transporte de mercadorias e a movimentação de pessoas; por outro, reflete as prioridades e o foco seletivo das entidades e indivíduos responsáveis por sua criação e manutenção: a estrutura da avenida, seus nós de conexão e os fluxos que ela suporta, são representações materiais das forças intencionais e seletivas em ação; além das forças marginais que se opõem as ações hegemônicas, constituindo resistências à ordem dominante.

Para compreender a Avenida Brasil, como um produto/produzidor dialético, é crucial conhecer sua estrutura urbana. A fluidez na circulação do capital é um dos principais impulsionadores das reestruturações urbanas (Harvey, 2008). Nesse sentido, a Avenida Brasil deve ser vista como, também, como um vetor¹ que viabiliza a circulação, conectando diferentes

¹ A globalização e a modernização das infraestruturas urbanas, como a Avenida Brasil, são exemplos de como a integração de novas tecnologias e redes de transporte transformam o espaço urbano. Essa avenida, que evoluiu de rodovia BR 14 para Avenida Brasil na década de 1960, ilustra a transição e adaptação do espaço urbano às

partes da cidade e promovendo interações econômicas. Conforme Lefebvre destaca, o espaço urbano não é apenas um recipiente passivo, mas um mediador ativo nas relações sociais e econômicas (Lefebvre, 1991).

1.3 AS TRANSFORMAÇÕES DA AVENIDA BRASIL COMO RESPOSTAS AS DEMANDAS PRODUTIVAS E DE INCORPORAÇÃO INTENCIONAL DE MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

A Avenida Brasil testemunhou transformações significativas em suas formas, estruturas e funções. Este cenário em movimento representa a dinâmica mutante da economia e das demandas produtivas em suas distintas escalas. Seguindo a lógica do que Santos (1996) define como meio técnico-científico-informacional, a avenida não se manteve estática. Ela transformou-se e foi transformada para atender às necessidades de uma sociedade em rápida modernização.

Historicamente, Anápolis, por sua posição geográfica estratégica, sempre desempenhou um papel crucial na logística regional em que está inserida. Conforme Harvey (1989) discute, os centros urbanos se adaptam e se transformam em resposta às pressões do capital e das mudanças tecnológicas. Desta forma, a Avenida Brasil pode ter refletido essa adaptação ao incorporar infraestruturas mais modernas e sistemas de informação avançados. A incorporação intencional do meio técnico-científico-informacional não é apenas uma questão de modernização, mas também de poder e controle. Para Lefebvre (1974), o espaço urbano é frequentemente modelado de acordo com as demandas do capital e dos grupos dominantes. A transformação da Avenida Brasil, portanto, não apenas atende às necessidades produtivas, mas também às intenções de grupos que visam consolidar sua influência na região.

Entretanto, tais transformações não estão isentas de desafios. A intensa modernização e a incorporação de novas tecnologias podem levar a desigualdades sociais e espaciais. Soja (1989) destaca como as cidades podem se tornar palco de desigualdades, onde certas áreas se beneficiam da modernização enquanto outras são abandonadas. É crucial, portanto, que a transformação da Avenida Brasil Anápolis seja vista não apenas como uma resposta às demandas produtivas, mas também à luz das implicações sociais e políticas.

Para aprofundar a compreensão desta interação, elaboramos uma tabela que

novas exigências econômicas e sociais. A criação da Avenida Brasil conectou a Avenida Goiás às cercanias do Estádio Jonas Duarte, demonstrando o compromisso da administração municipal em alinhar o desenvolvimento urbano com as tendências globais de mobilidade e conectividade (Rézio, 2015).

considera as premissas teóricas apresentadas por Santos (1994) e as evidências práticas identificadas na Avenida Brasil. Esta análise, permeada por um olhar crítico, desvela as complexas interações da Avenida com o cenário globalizado, enfatizando a tensão existente entre a teoria e sua manifestação concreta no espaço urbano. Através deste diálogo, entre a perspectiva de Santos e a realidade de Anápolis, é possível uma análise coerente centrada nas forças modeladoras dos ambientes urbanos da atualidade. Observe a analisar a tabela a seguir:

Figura 5: Quadro - Análise da Avenida Brasil em Anápolis à Luz do Meio Técnico-Científico- Informacional de Santos (1994)

Aspectos do Meio Técnico-Científico- Informacional	Reflexos na Avenida Brasil, Anápolis (GO)
Transformação dos territórios nacionais em espaços da economia internacional	Avenida Brasil é moldada pelas forças da economia global, questionando a autenticidade e preservação das características locais.
Exacerbação das especializações produtivas no espaço	Embora a avenida evidencie nichos de mercado e serviços especializados, é pertinente indagar sobre a exclusividade dessas especializações em longo prazo.
Concentração da produção em unidades menores	O surgimento de pequenos negócios na região sinaliza uma atomização produtiva. No entanto, é essencial questionar a viabilidade dessas unidades em um cenário economicamente volátil.
Aceleração das formas de circulação e seu papel na regulação	O tráfego acelerado de informações e mercadorias potencializa a Avenida Brasil como uma central de conectividade. Contudo, está aceleração pode sacrificar a profundidade e qualidade das interações e transações.
Produtividade espacial como critério para escolha de localizações	A preferência por estabelecimentos na Avenida Brasil é indicativa de sua produtividade espacial. No entanto, deve-se ponderar se esta produtividade não intensifica desigualdades e elitizações no espaço urbano.
Recorte horizontal e vertical dos territórios	A estratificação dos negócios pode indicar uma maximização do uso do espaço, mas é crucial discutir sobre os potenciais conflitos e hierarquias que esta verticalização pode acirrar.
Organização e processos de regulação na constituição das regiões	As políticas locais que orientam o desenvolvimento da avenida podem favorecer interesses específicos, levantando questionamentos sobre inclusão e representatividade na formulação dessas políticas.

Tensão entre localidade e globalidade	A presença simultânea de características locais e influências globais na Avenida Brasil revela um espaço de tensionamento. É imperativo discutir como a avenida equilibra (ou não) estas forças e quais as implicações para a identidade local.
---------------------------------------	---

Fonte: Elaboração própria, baseada em SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

Segundo Santos (1994, p. 48) [...] esse meio técnico, científico e informacional está presente em toda a parte, mas suas dimensões variam de acordo com continentes, países, regiões: superfícies contínuas, zonas mais ou menos vastas, simples pontos.

Assim, a Avenida Brasil pode ser vista como um "eixo/vetor" específico onde as características do meio técnico-científico-informacional de Santos (1994) são vividamente observadas. Esta avenida reflete os desafios e oportunidades do período tecnológico atual, marcado pela globalização e a constante dinâmica de mudanças tecnológicas. Castells (1999, p. 475) destaca “em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade coletiva, seja cultural, religiosa, étnica ou nacional, torna-se a principal fonte de significado”.

Essa afirmação ressalta como a identidade urbana, exemplificada pela Avenida Brasil, como uma resposta às demandas econômicas e a uma reivindicação de significado em meio à globalização. Nesse cenário urbano mundializado, a gentrificação emerge como uma possível ramificação desse desenvolvimento. Segundo Smith (1996, p. 32):

A gentrificação ocorre quando novos investimentos de capital são acompanhados pelo retorno de novos residentes de renda média a alta para bairros de renda baixa, deslocando os residentes mais pobres originais e alterando a estrutura social, espacial e cultural do bairro.

Este processo, quando analisado mais detidamente, revela como a renovação e revitalização de espaços urbanos, ainda que tenham a intenção inicial de promover desenvolvimento, podem conduzir a deslocamentos demográficos e sociais no interior das cidades. A reconfiguração de áreas urbanas, como a Avenida Brasil, é muitas vezes vista sob uma luz positiva, associada ao progresso, modernização e potencial aumento da atividade econômica. No entanto, tais transformações não são isentas de efeitos que evidenciam a existência de uma perversidade sistêmica (Santos, 2000).

Quando áreas anteriormente subdesenvolvidas ou degradadas são alvo de investimenetos, os preços dos imóveis e aluguéis tendem a aumentar, tornando o local menos acessível para seus habitantes originais. Estes residentes, muitas vezes pertencentes a classes

sociais mais vulneráveis, são forçados a se deslocar para outras regiões, frequentemente mais distantes e com menos infraestrutura. Tal fenômeno, encapsulado no termo "gentrificação", não é apenas uma mera mudança demográfica, indicando implicações mais profundas.

A reconfiguração de espaços urbanos exige uma análise profunda que abrange desde a evolução histórica até as implicações contemporâneas dessas transformações. A cada mudança, vemos uma resposta a um complexo jogo de forças, abrangendo interesses econômicos, demandas sociais e pressões estéticas. Jane Jacobs, destacou a complexidade inerente às cidades e suas dinâmicas. Ela observou: "As cidades têm a capacidade de fornecer algo para todos, somente porque, e apenas quando, são criadas por todos". Esta observação nos conduz à reflexão sobre a Avenida Brasil, que, ao incorporar o meio técnico-científico-informacional, pode enfrentar o desafio de assegurar que todos os cidadãos sejam beneficiados pela modernização nela introduzida.

Tal investimento em modernização, se mal gerido, pode ter o efeito inverso e alienar ou marginalizar segmentos da população, criando divisões sociais severas. Pode-se questionar: em que medida as alterações na Avenida Brasil refletem genuinamente as necessidades e desejos da comunidade local? E como estas mudanças podem influenciar, ou até mesmo determinar, os padrões de desigualdade na região?

A dinâmica de urbanização e modernização, especialmente na Avenida Brasil, ressalta complexidades intrínsecas que envolvem as cidades em processo acelerado de desenvolvimento. Harvey (1989, p. 23) postula que "[...] a modernização, em sua marcha implacável, tem um caráter paradoxal, tensionando o novo e o velho, e colocando em xeque o equilíbrio entre a rápida evolução tecnológica e a imperativa preservação das raízes culturais".

Dentro desse paradigma, é ingênuo acreditar que a renovação urbana seja uma simples substituição do obsoleto pelo contemporâneo. Ao contrário, há um espaço potencial onde tradição e modernidade podem dialogar, gerando um mosaico urbano repleto de significados. Como consequência, a questão crucial é como orquestrar esse equilíbrio sem cair nas armadilhas do desenvolvimentismo simplista. Ao destacar a questão da gentrificação, por exemplo, Smith (1996, p. 45) adverte que "a gentrificação, embora aclamada como revitalização urbana, carrega em seu seio profundas implicações socioeconômicas, sendo capaz de alienar e deslocar comunidades consolidadas".

Nesse viés, a gentrificação pode ser interpretada não apenas como uma mera renovação estética ou valorização imobiliária, mas como um fenômeno que pode corroer a matriz social existente.

2 AS DIMENSÕES TERRITORIALIZADAS DE REDES URBANAS COEXISTENTES

FRAGMENTOS DA BRASIL

Na vasta extensão da Avenida Brasil,
Surge o palco de um drama tão sutil.
Redes coexistentes traçam linhas invisíveis,
Contradições urbanas, cicatrizes sensíveis.

O ritmo pulsante de carros e multidões,
Esconde nas sombras as contradições.
Diversas redes em conflito e harmonia,
Revelam no asfalto uma complexa teia dia a dia.

No território luminoso, a riqueza se expande,
Mas nas zonas opacas, a realidade é grande.
Desigualdades gritantes, contrastes tão cruéis,
Na mesma avenida, mundos paralelos e fiéis.

As elites tecem suas redes, amplas e vastas,
Manipulando escalas, como marionetistas.
Decidem os rumos, traçam os destinos,
Enquanto os marginalizados seguem seus próprios caminhos.

Na divisão territorial, o trabalho se fragmenta,
Entre os privilegiados e aqueles que a vida apresenta.
Desafios e lutas, em cada esquina e beco,
No teatro urbano, um constante eco.

Avenida Brasil, espelho de um país,
Onde o poder dita e o fraco não é feliz.
Redes entrelaçadas, em constante tensão,
Num jogo de forças, em perpétua colisão.

Diante dessas palavras, delineiam os contrastes da Avenida Brasil, A poesia oferece uma discussão, um lampejo superficial, mas a verdadeira tarefa está no exame crítico e metódico destes territórios. Este trabalho busca dissecar, questionar e revelar as contradições inerentes das redes urbanas. Ao se aprofundar nesta dissertação, espero enfrentar realidades complexas e, por vezes, desconcertantes da coexistência urbana.

2.1 A AVENIDA BRASIL E AS CONTRADIÇÕES PRODUZIDAS EM UM TERRITÓRIO URBANO: A COEXISTÊNCIA DE DIVERSAS REDES

A compreensão das dinâmicas urbanas pressupõe uma análise territorial aprofundada que vá além das superficialidades visíveis. Assim, ao se abordar os fenômenos urbanos, é fundamental compreender o espaço enquanto acumulação desigual de tempos. Neste contexto, como Lefebvre ressalta:

O espaço (social) é um produto (social). [...] O espaço assim produzido também serve como uma ferramenta de pensamento e de ação; [...] além de ser um meio de produção, é também um meio de controle e, portanto, de dominação, de poder (Lefebvre, 1974, p. 05).

Este conceito nos remete à ideia de que cada fragmento do território é um compósito de histórias, de decisões políticas, de desastres naturais, de fluxos econômicos e de diversas outras ações e reações que ocorreram ao longo do tempo. Estas acumulações de tempos não ocorrem de maneira homogênea, o que resulta em desigualdades espaciais, manifestas tanto em aspectos físicos quanto sociais.

No contexto urbano, tais desigualdades são frequentemente acentuadas. Diferentes partes de uma cidade podem carregar marcas distintas de desenvolvimentos passados, seja de um período colonial, industrial ou pós-industrial. Em muitos casos, é possível identificar bairros que se desenvolveram durante o auge industrial e ainda mantêm características dessa era, enquanto outros bairros, mais recentes, refletem as tendências de uma economia pós-industrial. Essa configuração territorial das cidades, como Storper & Scott (2018) apontam, decorre da aglomeração de pessoas e habitações em regiões de grande movimentação produtiva e econômica. Os autores destacam que essa aglomeração, especialmente visível ao redor dos centros fabris e, nos tempos contemporâneos, dos grandes centros econômicos, é influenciada por fatores como inovação tecnológica e transformações pós-Revolução

Industrial. Ainda assim, é essencial reconhecer as determinações sociais que caracterizam cada cidade, emergindo das lutas e forças que conferem individualidade a cada espaço urbano

Por exemplo, certos bairros podem evidenciar uma infraestrutura robusta, edifícios antigos e até poluição remanescente de indústrias já extintas, como podemos notar em indústrias próximo de onde passava a linha férrea.

Em contrapartida, áreas mais novas da cidade podem ostentar arquitetura moderna, espaços verdes e infraestrutura qualificada. Essas diferenças não são apenas testemunhos de épocas distintas, mas também são indicativos de diferentes prioridades, investimentos e abandono ao longo do tempo.

A compreensão da acumulação desigual, tanto de tempos quanto de territórios, surge como elemento chave na abordagem de problemáticas urbanas intrincadas, tais como a segregação espacial, a distribuição desigual de serviços e infraestruturas, e os desafios da mobilidade urbana. Cada rua, edifício ou praça encerra em si uma narrativa que transcende o meramente temporal, imbricando-se na espacialidade que desdobra as diversas camadas de escolhas, crises e oportunidades, que historicamente têm configurado o tecido urbano.

Na atual lógica urbana, a presença e a influência da indústria automobilística, no delineamento do território, emergem como forças de imposição quase hegemônicas, redefinindo não somente a estética e funcionalidade das cidades, mas também suas dinâmicas sociais e relações de poder. Essa influência se estende vastamente para além do ato transacional de veículos, imprimindo sua marca na arquitetura das metrópoles, nos padrões de mobilidade urbana e até mesmo no imaginário coletivo.

O automóvel, longe de ser apenas um meio de transporte, tem se consolidado como um vetor de transformação espacial, onde estradas e viadutos se sobrepõem às tramas de convivência comunitária e onde o espaço público é frequentemente subjugado ao império das vias de tráfego rápido. A urbanização guiada por esta indústria não apenas reflete uma preferência modal, mas também revela um projeto de cidade que prioriza o deslocamento mecanizado em detrimento da acessibilidade humana e da diversidade de usos.

Esta influência se estende até as periferias, onde a ausência de alternativas de mobilidade de massa reforça a dependência do automóvel, aprofundando a segregação socioespacial e ampliando a distância simbólica e material entre as diferentes camadas sociais. As cidades, nesse sentido, são esculpidas sob a égide de uma lógica que privilegia o consumo e a circulação de mercadorias, relegando a um segundo plano as necessidades de um desenvolvimento urbano mais equânime e inclusivo.

Assim, a análise desse contexto demanda um olhar atento às nuances da formação e transformação dos espaços urbanos, reconhecendo a capacidade da indústria automobilística de não só vender veículos, mas de vender um modelo de cidade que reverbera as desigualdades estruturais da sociedade. É neste panorama que se deve buscar estratégias que contemplem a diversidade e complexidade dos usos do espaço urbano, visando a construção de cidades para as pessoas, e não apenas para os carros. Como salienta Rézio (2015, p. 20):

A paisagem urbana desvenda o controle da indústria automobilística na moldagem do espaço. Esta influência transcende a venda de veículos, abrangendo a fetichização do carro como símbolo de poder e domínio. É essa dominação que, muitas vezes, ofusca as necessidades dos mais vulneráveis.

Esta dominação é fruto de crises urbanas geradas por planejamentos alinhados com interesses privados e capitalizados, que moldam o espaço urbano e muitas vezes desconsideram as necessidades reais da população. Como aponta Rézio (2015, p. 20), estas crises se manifestam em âmbito mundial e são resultados de disputas territoriais, negligência política, e uma indiferença generalizada à vida em favor do capital globalizado.

A retórica política é frequentemente tingida com termos atraentes, como "sustentabilidade" e "mobilidade", no entanto, essa linguagem muitas vezes mascara um planejamento que prioriza os interesses de uma elite, em vez do bem-estar coletivo. Esta perspectiva reducionista da cidade, promovida por estratégias de marketing urbano, resulta em uma compreensão superficial do espaço urbano, esquecendo-se do "espaço enquanto acumulação desigual de tempos".

No atual contexto, a prioridade dada ao automóvel está remodelando a cidade para se tornar mais isolada, limitando interações sociais e ocupando espaços que poderiam ser usados de maneira mais comunitária. Este é um reflexo de uma gestão urbana que, movida por interesses políticos e econômicos, ainda está firmemente enraizada em ideais de um modernismo tardio.

A essência deste debate impõe é a necessidade de uma abordagem mais integradora e centrada no humano. O pedestre, com seus deslocamentos multifacetados, enfrenta desafios que muitos planejadores parecem ignorar. Ignorar as dinâmicas de deslocamento dos atores mais vulneráveis em favor de grandes intervenções de infraestrutura não é só uma abordagem míope, mas também economicamente insustentável a longo prazo.

Em um mundo onde metrópoles globais estão repensando sua relação com o automóvel, Anápolis parece estar seguindo um caminho divergente, buscando soluções

onerosas e de curta visão que, em última análise, são apenas remendos temporários com fortes impactos na capacidade de investimento e difícil superação a posteriori.

A Avenida Brasil, manifesta em seu cenário produtos dos processos dinâmicos e contraditórios que estruturam o território urbano contemporâneo (Siqueira, 2019). Ao debruçarmo-nos sobre a Avenida Brasil, é possível perceber, por meio das lentes de um pensamento crítico, um espaço tensionado pela coexistência de redes múltiplas e muitas vezes antagônicas. A avenida, em sua materialidade, é palco para a representação de uma cidade fragmentada, onde diferentes temporalidades e racionalidades coexistem, mas nem sempre dialogam harmoniosamente.

Ao evidenciar a mendicância como "representante da pobreza extrema", que compõe a cena urbana, Siqueira (2019) ressalta o corpo marginalizado, que traduz a violência simbólica de um sistema que o subalterniza. Este corpo, marcado pelo abandono e desespero, interage diariamente com a lógica capitalista que governa a Avenida Brasil. Estabelecimentos comerciais sofisticados, escritórios corporativos e empreendimentos de luxo, evidenciam a lógica de consumo e produção que, em contraste com a situação das pessoas em condição de rua, traz à tona as disparidades sociais crônicas do território urbano.

O passado de Anápolis, pontuado pela dolorosa segregação dos hansenianos², nos remete a uma época em que a doença era envolta em estigma e medo, relegando aqueles afetados a um ostracismo brutal. Os ecos dessa exclusão reverberam na avenida, onde a marginalização se manifesta em novas formas, como a mendicância que pinta os contornos de uma segregação contemporânea. A tessitura da Avenida Brasil é composta por essas camadas de segregadoras que se sobrepõem, formando um tecido urbano que fala de desigualdades persistindo através dos tempos.

Hoje, a Avenida Brasil vê-se entrelaçada com os desafios do agora, onde a mendicância não é apenas uma expressão de pobreza material, mas também um sintoma de um espaço urbano que, em sua evolução, não soube ou não pôde integrar todos os seus habitantes de forma justa e digna. A segregação espacial penaliza cidadãos, colocados as margens da sociedade formal: é um testemunho das iniquidades que o desenvolvimento urbano, muitas vezes, acaba por perpetuar.

² Segundo Siqueira e Mello (2021), o bairro Novo Paraíso, em Anápolis (GO), foi diretamente influenciado pela segregação residencial imposta pela hanseníase. A área se constituiu como um espaço de isolamento para hansenianos, refletindo não apenas as condições de marginalização desses indivíduos, mas também os processos sociais e econômicos envolvidos na produção do espaço urbano, que, nesse contexto, funcionava tanto como refúgio quanto como exclusão social.

A contradição da Avenida, em última análise, evidencia as dualidades e os paradoxos do espaço urbano contemporâneo. As diversas redes que coexistem neste território — sejam elas econômicas, sociais ou culturais —, ao interagirem, desencadeiam processos dinâmicos, ora de cooperação, ora de conflito.

2.1.1 Delineando do vetor Redes: o território em sua multidimensionalidade

O entendimento moderno de território se expandiu muito além das concepções geográficas tradicionais. Em uma era caracterizada por um acelerado processo de globalização e digitalização, o território é agora percebido não apenas em sua dimensão física de unidade contínua, mas como uma realidade entrelaçada mosaico de redes. Estas redes, manifestações das relações sociais, políticas e econômicas, são cruciais para decodificar a natureza e a dinâmica das cidades contemporâneas. Castells (1999) postula que “o espaço de fluxos substitui o espaço de lugares. As cidades não estão localizadas em lugares geográficos, mas em redes de informação. No mundo da globalização, a principal função das cidades é produzir e processar informação”.

No contexto econômico, a globalização e a urbanização estão intrinsecamente relacionadas, influenciando-se mutuamente de maneiras complexas. Quando observamos as cidades contemporâneas, percebemos que, mesmo estando geograficamente ancoradas em locais específicos, elas operam efetivamente como centros conectados em extensas redes globais, interagindo em múltiplas camadas e variadas escalas, do âmbito local ao global. Estas dinâmicas econômicas, embora possam parecer intangíveis à primeira vista, desempenham um papel determinante na moldagem e transformação dos espaços urbanos.

As redes políticas, embora menos palpáveis que suas contrapartes econômicas ou de comunicação, são igualmente essenciais para o delineamento do território. Como Harvey (1989) corretamente destaca, “a urbanização depende dos processos de acumulação de capital e das lutas de classe”. O jogo político, portanto, influencia, regula e, em muitos casos, determina a forma e o funcionamento dessas redes urbanas.

No interior das redes urbanas, temos a dimensão social. Estas são as redes formadas por indivíduos e comunidades. Elas são marcadas por relações de solidariedade, reciprocidade, conflito, segregação e exclusão. A mobilidade, a migração e as diásporas são fenômenos que podem ser entendidos profundamente através da lente das redes sociais urbanas.

A relação dialética entre o global e o local tornou-se uma marca registrada dos espaços urbanos contemporâneos. Ao olharmos para a Avenida Brasil, deparamo-nos com uma manifestação clara dessa dinâmica. Esta artéria urbana apresenta-se como um espaço simultaneamente enraizado em sua localidade e, paradoxalmente, inserido na escala global.

No mundo atual, onde o tempo e o espaço estão em constante redefinição devido à intensidade e a velocidade dos fluxos informacionais, qualquer análise crítica da Avenida Brasil pode considerar como fenômenos que ocorrem em lugares distantes repercutem e influenciam diretamente sua configuração e vivência local.

Alguns espaços urbanos assumem uma posição central nas redes de informação e comércio. A Avenida Brasil, com sua variedade de estabelecimentos, atividades e interações diárias, pode ser interpretada como uma destas posições-chave, refletindo em sua estrutura e funcionamento as ramificações dessas conexões globais.

Não é raro perceber, na Avenida analisada, a presença de negócios que operam em escala global, caracterizados pela inserção em circuitos técnicos avançados.

Como destacado anteriormente, uma tendência emergente em muitos centros urbanos é a gentrificação³, um processo impulsionado, em parte, pela globalização. A Avenida Brasil, como um espaço altamente valorizado, expressa essa dinâmica, colocando em destaque as tensões entre os interesses globais e as necessidades e realidades locais. A mobilidade urbana é um reflexo direto da interação entre o global e o local. A circulação de pessoas, bens e informações na Avenida Brasil tem seu ritmo e padrões moldados tanto por influências locais quanto por conexões externas. Para exemplificar o tema em modo geral, Wagner (2019) apresenta a tabela sobre os tipos de gentrificação:

Figura 6: Tabela – Tipos de gentrificação

³ Gentrificação é um fenômeno urbano onde a chegada de moradores mais abastados em bairros anteriormente menos valorizados promove um aumento no custo de vida e uma mudança no perfil sócio-cultural da área. Frequentemente acompanhada por reformas e investimentos em infraestrutura, a gentrificação pode levar ao deslocamento das comunidades residentes de menor renda, alterando a identidade e a acessibilidade do local. No caso da Avenida Brasil, o processo de gentrificação pode representar tanto uma oportunidade para o desenvolvimento e modernização quanto um risco de exacerbação das desigualdades socioespaciais e perda do tecido social histórico da avenida.

1ª Fase (anos 1950 - 1960)	Gentrificação Esporádica	Isolada e espontânea; processo esporádico e em escala restrita devido à ausência de interesse, tanto do Estado como das instituições financeiras, por investimentos em zonas ainda consideradas decadentes.
2ª Fase (anos 1970 - 1980)	Consolidação do Processo	Mudança significativa na escala e nos agentes envolvidos neste processo: o fenômeno passa a ser sistemático, e elemento de uma reestruturação mais ampla da cidade.
3ª Fase (anos 1990 - hoje)	Gentrificação Generalizada (também referida como Complexa ou Institucional)	Um processo bem mais amplo e multifacetado de reestruturação urbana onde o fenômeno está invariavelmente ligado a outros processos (sociais, políticos e econômicos), seguindo uma estratégia articulada (público/privado) baseada na lógica estrutural da cidade capitalista.

Fonte: Wagner (2019).

A forte presença do capital global tem a sua marca estampada em cada esquina: franquias multinacionais, publicidades que exaltam padrões estéticos eurocêntricos e produtos que prometem um estilo de vida "moderno". Entretanto, ao olhar mais de perto, percebemos que essa avenida, como muitas outras, é palco de um silencioso enfrentamento. Os atores locais, dotados de suas tradições, histórias e vivências, disputam constantemente seu espaço contra a onda homogeneizante do capitalismo global.

Neste contexto, Santos (2002) destaca que "o espaço geográfico, sobretudo o urbano, é simultaneamente um sistema de objetos e um sistema de ações, e nada nele é inocente, nada é neutro". A Avenida Brasil não é diferente. As construções, os estabelecimentos e até mesmo as árvores plantadas são carregados de intenções, muitas delas voltadas para os interesses de uma elite globalizada, em detrimento das necessidades e desejos da população local.

A apropriação desse espaço pelos moradores locais é, muitas vezes, subversiva. Os pequenos comércios, os vendedores ambulantes e as manifestações culturais que brotam no asfalto e calçadas da Avenida Brasil são testemunhos de uma resistência cotidiana. São práticas que desafiam a lógica hegemônica e que reivindicam o espaço urbano como um território de pertencimento, e não apenas de consumo

Além disso, a mobilidade nesse espaço é altamente política. Quem pode se deslocar livremente pela Avenida Brasil? Quem tem suas movimentações restringidas ou controladas? As respostas a essas perguntas revelam as hierarquias e desigualdades inerentes à estrutura socioespacial de Anápolis. A "liberdade" prometida pelo mundo globalizado raramente se traduz em liberdade para todos no espaço local.

E, por fim, é essencial questionar o tipo de "desenvolvimento" e "modernização" que a globalização traz para a Avenida Brasil. Estamos diante de um desenvolvimento que valoriza a diversidade cultural, social e econômica local, ou apenas replicamos modelos externos sem considerar a singularidade e necessidades da população local? A resposta, embora complexa, é crucial para determinar o futuro da Avenida Brasil em meio ao turbilhão de influências e pressões da era global.

2.2 A HETEROGENEIDADE DE UM TERRITÓRIO RETICULAR: ZONAS DE BAIXA E ALTA INTENSIDADE (ESPAÇOS LUMINOSOS E OPACOS)

Os territórios reticulares, conceito-chave na análise geográfica contemporânea, referem-se à configuração do espaço urbano como uma complexa rede de interações e conexões. Esta perspectiva critica a visão tradicional, que tende a considerar os lugares como entidades isoladas e fixas. Na realidade, os territórios são dinâmicos e permeáveis, definidos não apenas pela proximidade física, mas por relações funcionais e simbólicas que se estabelecem entre os diferentes atores urbanos.

Essa rede de relações urbanas revela o entrelaçamento de processos políticos, culturais e sociais; além dos fluxos de capital e trabalho; envolvendo as estruturas de poder; reforçando ou desintegrando identidades e práticas cotidianas. A reticularidade do território desafia as fronteiras estabelecidas e exige um entendimento de cidade como um corpo em constante transformação, onde cada lugar conecta-se a um sistema maior, influenciando e sendo influenciado pelo todo.

Desta forma, a malha urbana de uma cidade deve ser compreendida em sua totalidade reticular, considerando como as centralidades, frequentemente saturadas de investimentos e atenção, estão em diálogo constante — ou em oposição — com as periferias esquecidas e marginalizadas.

Neste cenário, a heterogeneidade é a regra. Há espaços que brilham com intensidade — os centros de atividade econômica, social e cultural, que são pulsantes e repletos de vida. Estes são os espaços luminosos. Porém, coexistindo com essas zonas de alta intensidade, encontramos os espaços opacos — áreas que, por uma série de razões, permanecem menos visíveis, menos acessíveis e frequentemente marginalizadas.

A reflexão de Santos (Santos, [1994] 2013, p. 71-72) sobre as transformações urbanas ressoa profundamente na realidade da Avenida Brasil. Ele observa que

[...] a cidade é objeto de um processo incessante de transformações que atingem aquelas áreas necessárias à realização das atividades modernas de produção e de circulação. Como os recursos disponíveis ou trazidos de fora são orientados para essas transformações, o resto da aglomeração não recebe cuidados, sendo essa diferença de tratamento um dos fatores da crise ambiental.

Este panorama reflete a situação na Avenida Brasil, onde as zonas de alta intensidade, brilhantes e dinâmicas, recebem investimentos significativos e são o foco do desenvolvimento urbano, enquanto outros territórios da cidade permanecem marginalizadas e negligenciadas.

Santos (2013) continua: "[...] os novos objetos surgem para atender aos reclamos precisos da produção material ou imaterial, criando espaços exclusivos de certas funções." Na Avenida Brasil, isso se manifesta na forma de regiões altamente desenvolvidas para comércio e serviços, contrastando com áreas de baixa intensidade que carecem de infraestrutura e investimentos. À cidade como um todo, teatro da existência de todos os seus moradores, superpõe-se essa nova cidade moderna, seletiva, cidade técnico-científica-informacional," descreve Santos, uma realidade visível na dualidade da Avenida Brasil, onde a modernização beneficia apenas certas áreas e populações.

A citação explica como, apesar de serem minoritárias em termos de extensão, esses territórios modernizados são dominantes nos processos econômicos e políticos. Isso é claramente evidenciado na Avenida Brasil, onde as zonas de alta intensidade, embora menores, exercem influência significativa sobre a economia e a política local, muitas vezes à custa das zonas mais extensas, porém subordinadas e negligenciadas.

Nas zonas de alta intensidade da Avenida Brasil, observa-se uma concentração de comércio, serviços e entretenimento. São áreas onde o capital circula com fluidez, onde há uma confluência de pessoas e onde a vida urbana manifesta-se em sua máxima expressão. Estas zonas, muitas vezes, são o reflexo das lógicas de acumulação capitalista, onde o espaço é valorizado e otimizado para maximizar a produção e o consumo.

A tabela anexada (Tabela 1) sobre a distribuição de empresas no bairro Jundiá, localizado em Anápolis, pode ser interpretado como um reflexo microcômico das tendências observadas nas zonas de alta intensidade da Avenida Brasil. A predominância de Microempresas, que compõem 78% do total, seguidas por MEIs (Microempreendedores Individuais) com 33%, indica uma economia impulsionada principalmente por pequenos empreendedores e negócios independentes. Este cenário é típico das áreas urbanas onde a agilidade e a capacidade de adaptação das microempresas as tornam fundamentais para a dinâmica econômica local.

As Médias e Grandes Empresas, embora menos numerosas, representando 14%, e as de Pequeno Porte com 8%, desempenham um papel significativo no perfil econômico do bairro, muitas vezes agindo como âncoras que atraem outros negócios e serviços. No contexto da Avenida Brasil, é possível que essas empresas de maior porte também se concentrem nas áreas de maior visibilidade e acesso, contribuindo para a intensidade econômica dessas zonas e reforçando as lógicas de acumulação capitalista mencionadas.

Figura 7: Tabela – Empresas no bairro Jundiaí em Anápolis/Go por porte empresarial

Tipo	Quantidade	Percentual (%)
Micro Empresa	2526	78
MEI	1081	33
Médio/Grande Porte	452	14
Pequeno Porte	250	8

Fonte: Empresa Aqui (2023).

Esta tabela não apenas destaca a diversidade do tecido empresarial do bairro Jundiaí, mas também levanta questões importantes sobre a distribuição espacial das atividades econômicas e seu impacto na organização urbana. Além disso, a presença dessas empresas em um bairro que faz parte de uma área de alta intensidade urbana, como a Avenida Brasil, sinaliza uma tendência de descentralização das atividades econômicas, com a proliferação de polos dinâmicos de negócios fora dos tradicionais centros financeiros e comerciais da cidade.

Em suma, a tabela anexada fornece uma base quantitativa para discutir como o espaço urbano da Avenida Brasil e seu entorno é usado e valorizado economicamente, evidenciando uma complexa rede de atividades empresariais que são fundamentais para compreender as dinâmicas urbanas contemporâneas.

A proliferação de microempresas e MEIs no bairro Jundiaí, conforme ilustrado pelo gráfico anexado, é um fenômeno que merece atenção especial ao considerar o potencial de transformação dessas áreas em zonas de alta intensidade. Esses negócios, frequentemente caracterizados por sua flexibilidade e inovação, têm a capacidade de responder rapidamente às mudanças do mercado e às demandas dos consumidores. No entanto, é importante refletir se essa capacidade é realmente compartilhada por todas as empresas desse porte. Nem todas dispõem dos mesmos recursos tecnológicos, financeiros ou humanos para acompanhar o dinamismo do mercado. Fatores como gestão ineficaz, falta de acesso a crédito e pouca capacitação podem limitar essa flexibilidade teórica, afetando o desempenho e a sustentabilidade de muitas dessas empresas. Assim, o impacto dessas empresas na

densificação econômica e social do tecido urbano pode variar significativamente, dependendo da estrutura e suporte que elas recebem.

Além disso, a presença de uma base sólida de pequenos negócios gera um ecossistema onde o empreendedorismo é estimulado, criando uma cultura de inovação e colaboração. Isso pode levar a uma sinergia econômica que transcende a contribuição individual de cada empresa, resultando em um crescimento cumulativo que beneficia toda a área. Este crescimento pode se traduzir em aumento da circulação de pessoas e recursos, elevando o perfil do bairro Jundiaí a uma zona de alta intensidade dentro da malha urbana da Avenida Brasil.

Entretanto, para que esta transição ocorra, é essencial que haja apoio adequado, tanto do setor público quanto do privado. Investimentos em infraestrutura, como melhorias no transporte público e na conectividade digital, são fundamentais para suportar o crescimento empresarial e facilitar o acesso ao mercado de trabalho e a serviços essenciais. Políticas públicas voltadas para o desenvolvimento empresarial, como incentivos fiscais e programas de capacitação, também podem desempenhar um papel vital na promoção de um ambiente propício ao crescimento e à inovação.

É crucial considerar o impacto social dessas transformações. Enquanto a ascensão de uma zona de alta intensidade pode trazer benefícios econômicos, é importante garantir que o desenvolvimento seja inclusivo e equitativo. Isso inclui a preservação da identidade e da cultura locais, a garantia de habitação acessível e a oferta de oportunidades para todos os segmentos da população. A gentrificação, com o deslocamento de residentes de longa data devido ao aumento dos custos de vida, é um risco que deve ser cuidadosamente gerenciado.

Por outro lado, em sua extensão, também encontramos as zonas de baixa intensidade. Estes são espaços que, em muitos casos, são marcados pela ausência – ausência de investimentos, de infraestrutura adequada e, em alguns casos, de representação política. Eles refletem as desigualdades inerentes à urbanização moderna, onde certos territórios e populações são priorizados em detrimento de outros.

No entanto, à medida que a noite cai, essas mesmas ruas que fervilham sob o sol tornam-se espectralmente quietas, revelando uma dualidade onde a intensidade econômica é substituída por um vazio que ressoa com as questões de segurança urbana, falta de atividades noturnas e uma infraestrutura que não sustenta um ciclo econômico de 24 horas.

Figura 8: Tabela – Empresas no bairro Centro em Anápolis/GO por porte Empresarial

Tipo	Quantidade	Percentual (%)
Micro Empresa	2299	78
MEI	900	31
Médio/Grande Porte	438	15
Pequeno Porte	196	7

Fonte: Empresa Aqui (2023).

Essa transição diária de alta para baixa intensidade no centro de Anápolis é um indicador agudo das falhas na integração urbana e econômica. A infraestrutura existente e as políticas públicas parecem falhar em catalisar uma vivacidade contínua, resultando em um espaço que não capitaliza seu potencial após o expediente. Este contraste noturno com a Avenida Brasil, que pode manter um grau de atividade após o anoitecer, desafia a ideia de que o centro é o coração indiscutível da cidade.

O desafio enfrentado pelo centro de Anápolis é sintomático de uma abordagem de desenvolvimento urbano que não leva em conta a necessidade de espaços multifuncionais que possam atender às demandas de uma população urbana após o horário comercial. A concentração de capital e serviços no centro durante o dia não deve ser uma justificativa para o descuido noturno. Ao contrário, deve-se procurar entender como o espaço urbano pode servir a uma comunidade 24 horas por dia, 7 dias por semana, para realmente atender às necessidades de uma população urbana moderna.

A situação do centro de Anápolis levanta questões críticas sobre a distribuição espacial e temporal do desenvolvimento econômico. A visão estratégica para o futuro da cidade deve ir além de uma lógica binária de dia e noite, alta e baixa intensidade. Deve-se buscar uma sinergia entre as várias regiões e períodos do dia para que o crescimento econômico e o desenvolvimento urbano sejam sustentáveis e inclusivos. Ignorar a dinâmica noturna do centro é ignorar uma parte vital da vida da cidade e das oportunidades que ela oferece.

Portanto, a necessidade de uma revisão das políticas de planejamento urbano e econômico é imperativa. Deve-se olhar além das estatísticas de negócios diurnos e entender o tecido econômico e social do centro de Anápolis como um organismo vivo que respira 24 horas por dia.

Na esteira dos processos de requalificação urbana, os bairros Jundiá e Centro de Anápolis/GO apresentam um cenário que reflete a alternância de "iluminar" e "sombrear" áreas específicas. Essas estratégias de iluminação e sombreamento, metaforicamente falando,

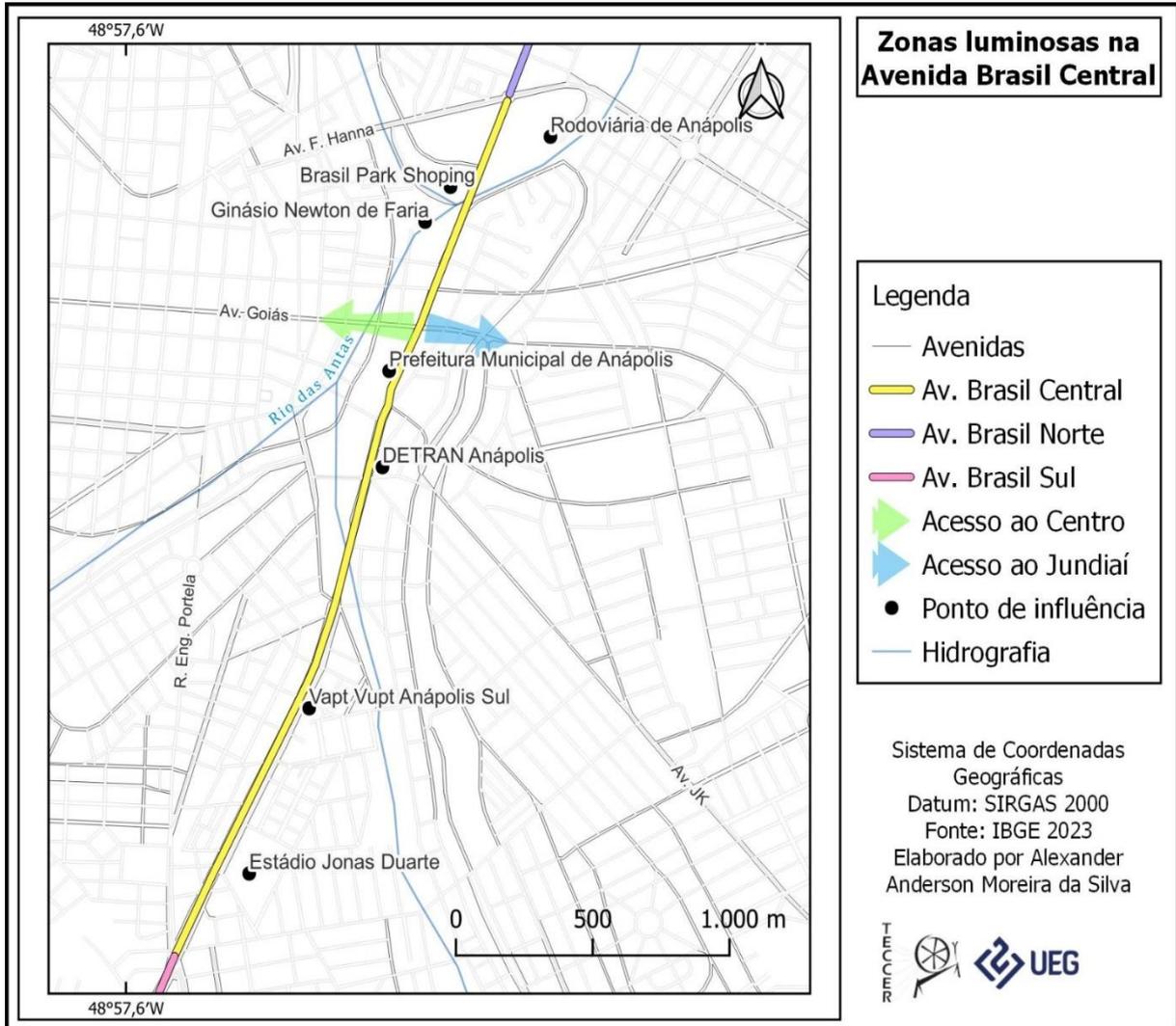
servem como instrumentos de manifestação do poder e influência, não somente no sentido físico de regeneração ou declínio urbano, mas também no contexto da visibilidade e prestígio social e econômico que determinadas áreas recebem em comparação com outras.

Essa dinâmica temporal de iluminação e sombreamento entre os bairros Jundiaí e Centro levanta questões sobre os agentes hegemônicos e suas influências na definição dos espaços urbanos. Por que certas áreas mantêm sua vitalidade enquanto outras oscilam entre o vigor e o marasmo? Esta pergunta remete ao papel do poder público e de outros agentes de influência, como o mercado imobiliário e as entidades comerciais, na configuração desses bairros. Se os modelos de desenvolvimento adotados seguem padrões antigos e questionáveis, a cidade pode estar fadada a repetir ciclos de desigualdades espaciais e sociais.

Ao tratar da estratificação empresarial e da fragmentação socioespacial, os bairros Jundiaí e Centro podem estar exibindo sinais de uma cidade que, embora modernizada em superfície, ainda lida com a persistência de políticas urbanas que não atendem às necessidades de todos os seus cidadãos. Isso pode resultar em áreas "modernizadas" destinadas a determinadas atividades econômicas e sociais, contrastando com zonas "não modernizadas" e "opacas", que permanecem associadas à habitação e a atividades menos valorizadas.

A análise crítica dos bairros Jundiaí e Centro deve, portanto, ir além da avaliação superficial de suas condições econômicas e sociais atuais. Deve contemplar as implicações de longo prazo das decisões de planejamento urbano, a interação entre diferentes atores hegemônicos e o impacto de suas ações no tecido urbano. A busca por caminhos viáveis requer uma reflexão sobre os modelos de desenvolvimento urbanos adotados, questionando se eles promovem uma visão inclusiva e integrada do desenvolvimento ou se apenas perpetuam ciclos de desigualdade e segregação.

Figura 9: Mapa – Zonas luminosas na Avenida Brasil Central



Fonte: IBGE (2023) – Elaboração Própria.

A discussão sobre os bairros Jundiaí e Centro em Anápolis/GO, e suas dinâmicas de alta e baixa intensidade, adquire uma nova dimensão ao considerarmos a natureza dual do território. Como Haesbaert (2005, p. 6774) tão perspicazmente aponta:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no 'territorium' são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva 'apropriação'.

Essa transformação diária do Centro de Anápolis, de área pulsante a espaço sombreado, é emblemática das contradições urbanas que frequentemente enfatizado. A aparente prosperidade e dinamismo do Centro, durante as horas diurnas, não devem ser

interpretados como sinais de um desenvolvimento urbano equânime ou de uma integração social efetiva. Ao contrário, eles mascaram uma realidade de segregação e marginalização que se manifesta quando as atividades comerciais se encerram.

A análise aprofundada dessas dinâmicas revela que o bairro Jundiáí, embora constantemente "iluminado", não está imune às forças de exclusão e marginalização que afetam outros territórios urbanos. A constância da "iluminação" não garante equidade ou imunidade contra as dinâmicas de poder que moldam o território. Em vez disso, essa iluminação contínua deve ser questionada quanto ao tipo de atividade que sustenta e as possíveis sombras que projeta sobre populações marginalizadas ou práticas subalternas.

A dominação jurídico-política manifesta-se no Jundiáí por meio de políticas de desenvolvimento urbano e de investimentos que privilegiam o comércio, os negócios, as pessoas iluminando essa região tanto literal quanto metaforicamente.

Portanto, ao refletir sobre a urbanização de Anápolis e as interações entre seus bairros, é crucial reconhecer as implicações mais profundas das estratégias de desenvolvimento territorial. A inclusão dessa análise territorial na discussão sobre Jundiáí e Centro oferece uma compreensão mais abrangente das dinâmicas urbanas e sociais em jogo e sublinha a necessidade urgente de abordar as desigualdades que a atual configuração territorial apresenta.

Ao percorrer as tramas urbanas de Anápolis, deparamo-nos com as zonas de opacas, espaços onde o pulsar econômico e social parece ter se atenuado. Santos (2006) poderia descrever essas áreas como as "geografias do subdesenvolvimento inseridas no seio da cidade", onde a baixa intensidade não é apenas uma questão de menor fluxo comercial ou de uma densidade habitacional reduzida, mas também de uma vivência urbana que se vê privada das benesses da modernidade. Nestes espaços, o ritmo lento poderia ser o resultado de um processo histórico de planejamento urbano que segregou mais do que integrou, que esqueceu mais do que promoveu, resultando em uma distribuição desigual de oportunidades.

Um bairro em Anápolis, afastado do dinamismo do centro e das luzes da Avenida Brasil, poderia servir como um estudo de caso para Santos. Ele poderia argumentar que a baixa intensidade dessas áreas é sintomática de uma política urbana que perpetua a desigualdade, onde o investimento público e privado é canalizado para regiões já saturadas de atividades, deixando zonas periféricas em um estado de abandono funcional. As consequências, ele diria, vão além da infraestrutura degradada ou da falta de serviços: residem na própria cidadania dos habitantes, que se veem cada vez mais distantes dos centros de decisão e do tecido socioeconômico que compõe a urbe contemporânea. O desafio, é

reconhecer que essas zonas de baixa intensidade são parte integrante da cidade e que os seus moradores são igualmente merecedores da "plenitude do viver urbano".

A transformação urbana e a criação de espaços com funções específicas se alinha estreitamente com a observação sobre a dualidade entre espaços luminosos e opacos na Avenida Brasil. Esta dualidade não é apenas uma questão de diferenças físicas ou estéticas, mas sim uma representação de desigualdades políticas e econômicas profundas, como Santos sugere. Os espaços luminosos, vibrantes com atividades econômicas e culturais, são frequentemente o resultado de decisões políticas e investimentos econômicos direcionados, enquanto os espaços opacos são marginalizados e negligenciados.

A perspectiva de Santos (1997) ressalta que, embora os espaços de alta intensidade possa ser minoritários em extensão, eles são dominantes em termos de influência econômica e política. Isso leva a questionamentos críticos sobre as dinâmicas de poder e as estruturas de dominação na organização do espaço urbano. Quem define quais áreas serão desenvolvidas e quais serão negligenciadas? Quem se beneficia dessas decisões e quem fica à margem? Estas perguntas são fundamentais para entender a dinâmica entre as zonas de alta e baixa intensidade na Avenida Brasil.

Os territórios opacos, por outro lado, poderiam ser entendidos como expressão do "atraso", "excluídos" da racionalidade hegemônica. No entanto, Santos (1994, p. 185) oferece uma perspectiva alternativa ao afirmar que:

[...] a uma sociedade como a africana 'escapa dessa racionalização, dessa globalização perversa, e por isso tem uma margem de liberdade maior', na medida em que não há a presença de tantos objetos técnicos, permitindo aos locais o comando dos objetos". Este entendimento subverte a noção tradicional de atraso e coloca em xeque a associação comum de "opaco" com negatividade.

O desenvolvimento e a reconfiguração do espaço na Avenida Brasil, portanto, não são fenômenos neutros. Eles são moldados por decisões, interesses e lutas que têm implicações profundas para os habitantes da cidade. Seja na forma de políticas de planejamento urbano, investimentos imobiliários ou movimentos sociais que buscam reivindicar e redefinir o espaço, a Avenida torna-se um campo de batalha simbólico e material. A citação de Santos aqui inserida ilumina a discussão, sugerindo que as áreas "opacas" podem, de fato, oferecer espaços de maior autonomia e liberdade por estarem menos sujeitas às pressões da globalização e da modernização técnica, que muitas vezes são acompanhadas de restrições e perda de controle local.

A heterogeneidade de um território reticular como a Avenida Brasil, somos confrontados com as complexidades e contradições do desenvolvimento urbano. Esse entendimento nos chama a uma postura crítica, não apenas reconhecendo a coexistência de espaços luminosos e opacos, mas questionando as forças e decisões que dão forma a essa paisagem urbana.

À medida que nos aprofundamos na exploração da Avenida Brasil, encontramos um mosaico de realidades que ilustra a tensão constante entre o desenvolvimento e a estagnação, entre o visível e o invisível, e entre a inclusão e a exclusão. A análise dos espaços de alta e baixa intensidade oferece apenas um vislumbre do espectro dinâmico de interações, conflitos e negociações que permeiam a paisagem urbana da Avenida.

O zoneamento da Avenida Brasil, como anteriormente comentado, em termos de espaços de alta e baixa intensidade, denota as desigualdades entranhadas que definem as experiências urbanas de seus habitantes. No entanto, além desta dicotomia aparente, reside uma gama de nuances e detalhes que adicionam camadas adicionais de complexidade ao quadro. A dimensão sociopolítica desses espaços, muitas vezes obscurecida pela atividade econômica, emerge como um fator crítico que molda a tessitura da Avenida.

Embora as zonas de alta intensidade possam prosperar, elas também podem perpetuar a segregação socioespacial, confinando comunidades marginalizadas à periferia do progresso. Isso, por sua vez, limita o acesso a oportunidades, recursos e serviços essenciais, perpetuando ciclos de pobreza e exclusão. A configuração espacial da Avenida Brasil, neste contexto, atua como um espelho que reflete as assimetrias do desenvolvimento urbano contemporâneo.

Além disso, as lutas e resistências que emanam dos espaços de baixa intensidade fornecem uma narrativa alternativa. Elas destacam as aspirações e reivindicações daqueles que habitam as margens, buscando redefinir sua posição dentro do mosaico urbano. Esses espaços, longe de serem passivos, tornam-se arenas de ação coletiva, onde comunidades marginalizadas articulam suas demandas por reconhecimento, inclusão e justiça espacial.

À luz dessas considerações, a Avenida Brasil transcende sua mera funcionalidade infraestrutural para emergir como um campo de disputa simbólico e material. Aqui, as negociações de poder e autoridade são continuamente jogadas, refletindo as tensões mais amplas que caracterizam a sociedade urbana contemporânea.

Sob esse prisma, a compreensão dos sistemas técnicos se torna fundamental para desvendar as camadas históricas que compõem a Avenida Brasil. Como Santos (1996, p.137) destaca,

o conhecimento dos sistemas técnicos que marcam cada período é essencial para o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albores da história até os dias atuais. Cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica.

Esta reflexão é particularmente relevante no contexto da Avenida Brasil, onde a evolução dos sistemas técnicos - desde as primeiras vias de transporte até as complexas infraestruturas urbanas atuais - reflete a transformação contínua do espaço e a redefinição das relações sociais.

A alta intensidade da Avenida Brasil se manifesta em um mosaico de instituições e infraestruturas: órgãos governamentais, centros comerciais, terminais de transporte, estabelecimentos de saúde, educacionais e residenciais de alto padrão. Estes são os lugares onde o capital circula com vigor, onde a modernidade se apresenta em sua forma mais brilhante e onde a cidadania parece ser exercida plenamente. No entanto, essa luminosidade não deve ser vista apenas como um sinal de progresso, mas também como um indicativo de poder, de quem detém o controle sobre os recursos e as narrativas urbanas.

Em contrapartida, nas periferias e nas zonas classificadas popularmente como "perigosas", encontramos as áreas de baixa intensidade. Aqui, a realidade é marcada por desafios sociais complexos, incluindo altos índices de prostituição e a presença de instituições penais. Estes espaços, frequentemente relegados ao esquecimento e à marginalização, são o produto de uma urbanização seletiva que prioriza determinadas áreas em detrimento de outras. Os bairros periféricos, assim rotulados e percebidos, tornam-se territórios onde a cidadania é negada ou limitada, onde a participação na vida urbana é frequentemente restrita pelo estigma, pela falta de oportunidades e pelo acesso limitado a serviços essenciais. Estes espaços, vistos frequentemente como relegados ao esquecimento, são, na verdade, produtos de um processo de urbanização seletivo, que favorece certas áreas enquanto negligência outras. Nas palavras incisivas de Engels (2010, p.70):

Todas as grandes cidades têm um ou vários "bairros de má fama" onde se concentra a classe operária. É certo ser frequente a miséria abrigar-se em vielas escondidas, embora próximas aos palácios dos ricos; mas, em geral, é-lhe designada uma área à parte, na qual, longe do olhar das classes mais afortunadas, deve safar-se, bem ou mal, sozinha. Na Inglaterra, esses "bairros de má fama" se estruturam mais ou menos da mesma forma que em todas as cidades: as piores casas na parte mais feia da cidade; quase sempre, uma longa fila de construções de tijolos, de um ou dois andares, eventualmente com porões habitados e em geral dispostas de maneira irregular. Essas pequenas casas de três ou quatro cômodos e cozinha chamam-se cottages e normalmente constituem em toda a Inglaterra, exceto em alguns bairros

de Londres, a habitação da classe operária. Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias – onde, ademais, quando faz bom tempo, as ruas servem aos varais que, estendidos de uma casa a outra, são usados para secar a roupa.

Esta análise de Engels, embora enraizada em seu contexto histórico, encontra um eco perturbador na Anápolis contemporânea, onde a segregação espacial é explicitamente o resultado de políticas econômicas e decisões políticas deliberadas. A Avenida Brasil, exemplifica claramente a dualidade dessa realidade urbana. Lá, instituições governamentais, centros comerciais e residências de luxo ostentam a fachada da modernidade, como podemos notar no novo centro administrativo inaugurado em julho de 2024.

Figura 10: Fotografia – Prefeitura Municipal de Anápolis



Fonte: Prefeitura de Anápolis, 2024.

No entanto, essa aparente prosperidade oculta de forma significativa as disparidades e os conflitos vivenciados na região. À medida que se avança apenas alguns metros pela mesma avenida, o cenário muda drasticamente. Do outro lado da rua, contrastando com o desenvolvimento e os investimentos em infraestrutura da área nobre, encontram-se locais marginalizados, onde moradores em situação de rua buscam abrigo em prédios abandonados ou espaços públicos desassistidos. Esses locais são frequentemente ignorados pelo poder público, apesar de estarem inseridos em áreas de grande visibilidade. O contraste entre essas disparidades se torna evidente e expõe uma realidade urbana marcada

por profundas desigualdades. Esse contexto pode ser observado na reportagem do Portal 6, que destaca uma das ocorrências que envolvem a população vulnerável na região, conforme ilustrado a seguir.

Figura 11: Manchete jornalística sobre os incêndios nas galerias pluviais da Avenida Goiás em Anápolis

O que a polícia já descobriu sobre o incêndio nas galerias pluviais da Avenida Goiás, em Anápolis

Investigadores têm pistas do que causou as chamas no local

 Isabella Valverde - 24 de agosto de 2022



No dia do incêndio, fumaça saiu da boca de lobo na avenida. (Foto: Reprodução)

Investigações policiais indicam que foi culposo [o incêndio que destruiu a tubulação da galeria pluvial](#) que corta a Avenida Goiás, no cruzamento com a Avenida Brasil, na região Central de Anápolis.

Fonte: Portal6, 2022.

A reportagem destaca um incêndio ocorrido nas galerias pluviais da Avenida Goiás, próximo à Avenida Brasil, em uma área que serve de abrigo para moradores em situação de rua. O local, descrito na matéria, evidencia as condições precárias em que essas pessoas vivem, utilizando espaços públicos para se refugiar. É possível observar, de maneira clara, como essas áreas, apesar de sua proximidade com regiões de alto desenvolvimento como áreas de administração pública, que permanecem invisíveis aos olhos do poder público. A falta de infraestrutura adequada e de políticas de assistência contribui para que espaços como esse, destinados a outras funções urbanas, se transformem em moradias improvisadas.

Abaixo do viaduto, localizado na avenida Brasil, ao lado do novo centro administrativo, também é utilizado por voluntários intitulado de irmãos invisíveis, para ajuda a essas pessoas em situação vulnerável, como podemos observar na imagem a seguir:

Figura 12: Fotografia – Pessoas em condição de vulnerabilidade social atendidas pelo “Irmãos Invisíveis”



Fonte: Irmãos Invisíveis, 2024.

No entanto, apresentar essa realidade é fundamental para destacar que essas dinâmicas não se limitam apenas aos bairros de menor infraestrutura econômica; há também evidências de segregação em bairros considerados mais desenvolvidos, como o Jundiaí, que faz fronteira com a Avenida Brasil e o próprio Setor Central, como citado nos trechos anteriores. A segregação não se restringe à geografia tradicional dos bairros periféricos, mas emerge também em espaços urbanos com maior organização econômica, revelando tensões sociais latentes. Conforme pode ser observado na imagem (...), essas desigualdades se

manifestam em diferentes formas no espaço urbano, evidenciando a coexistência de realidades contrastantes dentro do mesmo tecido urbano.

Figura 13: Fotografia – Casa em bairro nobre de Anápolis é ocupada por moradores em situação de rua



Fonte: Samuel Leão/ Portal 6 (2023).

A imagem expõe uma realidade de exclusão social no bairro Jundiáí, tradicionalmente conhecido por sua infraestrutura de alto padrão em Anápolis. A ocupação de uma casa por moradores em situação de rua, situada ao lado de escolas e uma delegacia, contrasta com o perfil do bairro. O espaço, que, mencionado na reportagem, serve como ponto de uso e tráfico de drogas, evidencia as contradições sociais dentro da cidade, onde áreas nobres convivem com problemas de marginalização. Esse cenário desafia a visão convencional de que a segregação socioespacial é restrita às periferias, demonstrando que mesmo os bairros mais valorizados enfrentam desafios de exclusão e falta de amparo social. A proximidade da Avenida Brasil, com essa realidade ressalta as contradições do crescimento urbano. Apesar de todo o potencial econômico representado pela avenida, os contrastes sociais ao seu redor são inegáveis.

Nestes espaços periféricos, onde a infraestrutura é muitas vezes negligenciada e as oportunidades são escassas, as promessas da urbanização moderna falham em se materializar. A coexistência dessas zonas de alta e baixa intensidade na Avenida Brasil e suas adjacências é

um lembrete contínuo da segregação espacial e da exclusão social que caracterizam muitas de nossas cidades. Essa dicotomia reflete não apenas escolhas urbanísticas, mas também decisões políticas e econômicas que moldam a vida urbana. Ela revela as prioridades de uma sociedade e os valores que ela sustenta, questionando o modelo de desenvolvimento que seguimos e os tipos de cidades que estamos construindo.

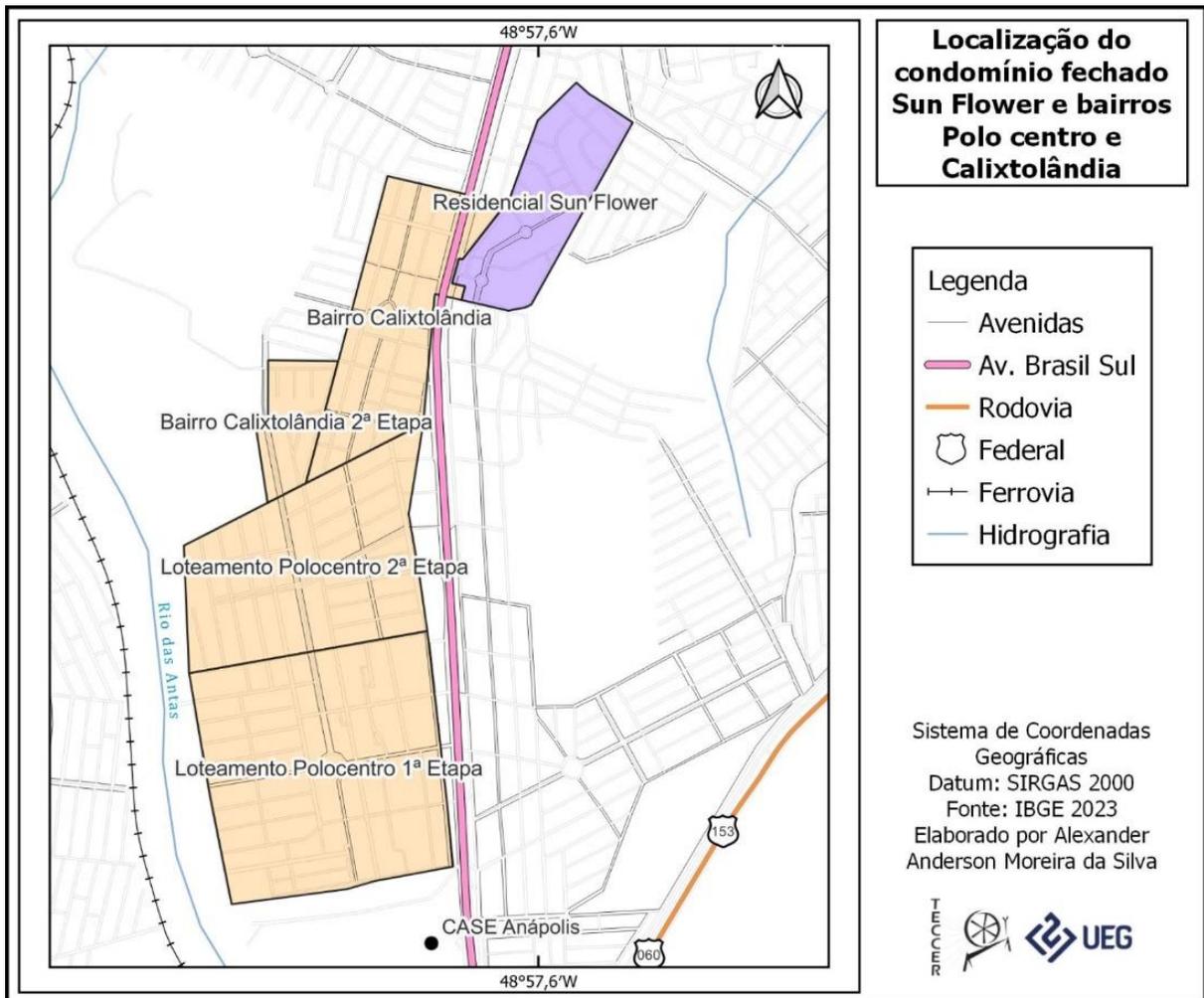
Portanto, ao analisar a Avenida Brasil em Anápolis, é crucial reconhecer que a dinâmica entre as zonas de alta e baixa intensidade é mais do que uma questão de infraestrutura urbana; é um reflexo das relações de poder, das desigualdades socioeconômicas e das lutas cotidianas pela dignidade e reconhecimento. Essa compreensão deve ser o ponto de partida para repensar as políticas de planejamento urbano, visando uma cidade mais inclusiva e equitativa, onde cada espaço e cada cidadão possa encontrar seu lugar e seu valor na complexa trama da vida urbana.

2.3 AS REDES, SUAS ESCALAS E A DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO: OS SUJEITOS PRIVILEGIADOS E A PRODUÇÃO DE REALIDADES MARGINAIS

Na Avenida Brasil, as redes globais e locais revelam uma profunda complexidade da divisão territorial do trabalho. Os sujeitos privilegiados, muitas vezes detentores de poder econômico e político, desempenham um papel crucial na modelagem do espaço urbano. Eles influenciam significativamente o desenvolvimento urbano, priorizando áreas que servem aos seus interesses. Essa influência se manifesta na alocação de recursos, decisões de planejamento urbano e na implementação de projetos de infraestrutura.

A rede urbana, à luz das análises de Corrêa (2006), revela uma dinâmica complexa, especialmente ao considerar o contraste presentes no espaço urbano. Na Avenida Brasil é possível, este contraste pode ser exemplificado pela suntuosidade do condomínio Sunflower e as áreas circundantes marcadas pela pobreza e vulnerabilidade social. Neste contexto, o condomínio Sunflower representa a inserção na economia global e a presença de uma elite econômica. Por outro lado, as áreas vizinhas evidenciam a desigualdade socioeconômica aguda, mostrando como a rede urbana não apenas conecta, mas também divide, criando espaços de exclusão e marginalização.

Figura 14: Mapa – Localização do condomínio fechado *Sun Flower* e bairros Polo Centro e Calixtolândia



Fonte: IBGE (2023) – Elaboração própria.

Nas proximidades do condomínio de luxo demarcado no mapa acima, observam-se evidências marcantes de desigualdade social. Áreas como os bairros Calixtolândia e Polocentro, conhecidos por abrigarem zonas de prostituição, são exemplos claros dessa disparidade. Esses bairros estão localizados nas imediações da Avenida Brasiliense, que faz fronteira com a Avenida Brasil e com o condomínio de luxo Sun Flower. O mosaico de fotografias a seguir captura diferentes momentos ao longo da Avenida Brasiliense, ilustrando a coexistência de realidades contrastantes, enquanto a opulência do condomínio Sun Flower simboliza uma zona elitizada.

Esse cenário revela as contradições do processo de urbanização em Anápolis, onde espaços de alto padrão convivem com bolsões de pobreza/marginalização e atividades informais à sua volta. A segregação socioespacial fica ainda mais evidente quando se considera a proximidade física entre esses contextos tão diferentes, expondo as limitações das políticas de planejamento urbano e a falta de inclusão efetiva. Assim, essas regiões se tornam

um microcosmo das desigualdades presentes nas cidades brasileiras, onde o desenvolvimento econômico não necessariamente implica em equidade social e melhor distribuição de recursos.

Figura 15: Mosaico de fotografias na Avenida Brasiliense, bairro Calixtolândia, em Anápolis-GO, retratando atividades comerciais informais e a presença de zonas de prostituição



Fonte: Google Earth (2011-2023).

Seguindo essa lógica, a avenida Brasil reflete de forma nítida as diferenças no tratamento de suas áreas adjacentes. De um lado, temos o condomínio de luxo Sun Flower, cercado por investimentos consistentes em infraestrutura, hotéis, e atividades governamentais, que reforçam a valorização contínua dessa porção da avenida. O ciclo de desenvolvimento dessa área é evidente, com a presença de novos empreendimentos e uma forte sensação de progresso e segurança. Deixo abaixo alguns reflexos dessa realidade⁴.

⁴ Abordo aqui a realidade de empreendimentos que foram instalados recentemente nas proximidades do condomínio residencial Sun Flower, um condomínio de alto padrão. Localizado em uma área valorizada, o Sun

Figura 16: Fotografia – Fachada da loja da CAO A, inaugurada em 2023, a 100 metros da entrada principal do condomínio *Sun Flower*



Fonte: Autoria própria (2024).

Figura 17: Fotografia – Porta de entrada da agência da SANEAGO, inaugurada em 2023, localizada a aproximadamente 150 metros do condomínio *Sun Flower*



Fonte: Autoria própria (2024).

Figura 18: Fotografia – Fachada do Ibiza Plaza Hotel, localizado a 48 metros do condomínio *Sun Flower*



Fonte: Autoria própria (2024).

No entanto, ao atravessarmos para o outro lado da avenida, encontramos uma realidade bastante distinta. O bairro Calixtolândia, que faz fronteira com o condomínio Sun

Flower, apresenta-se marcado por empresas abandonadas e uma crônica falta de investimentos. Essas áreas, muitas vezes percebidas como perigosas pela população local, são negligenciadas pelo poder público, refletindo um contraste evidente com o desenvolvimento das áreas vizinhas. A Avenida Brasil, nesse contexto, atua como uma fronteira simbólica, onde os direitos e oportunidades são desigualmente distribuídos. Esta disparidade fica evidente nas imagens capturadas durante o trabalho de campo, que ilustram as condições discrepantes dos dois lados da avenida.

Figura 19: Fotografia – Prédio abandonado, atualmente ocupado por moradores em situação de rua, localizado na Avenida Brasil, na esquina com a rua de acesso ao bairro Calixtolândia, em frente ao condomínio *Sun Flower*



Fonte: Autoria própria (2024).

Figura 20: Fotografia – Residência de um morador do bairro Calixtolândia, localizada na Avenida Brasil, em Anápolis



Fonte: Autoria própria (2024).

Como observado, atualmente, a Avenida Brasil configura-se como um laboratório vivo de experimentações urbanísticas, onde projetos de revitalização buscam imprimir novos contornos à ideia de inclusão e sustentabilidade: pelo menos nas dimensões discursivas. Tais iniciativas podem soar como um despertar diante da urgência de se repensar o urbano sob lentes que priorizem o equilíbrio e a equidade, desafiando as práticas tradicionais de planejamento que frequentemente marginalizam o social em favor do estético ou do economicamente rentável.

No desvelar das camadas que compõem a Avenida Brasil, nos deparamos com a continuidade de um processo produtor de desigualdades que esgarçam o tecido urbano de Anápolis. Neste ponto, é fundamental compreender a Avenida Brasil como um território onde as relações assimétricas de poder se manifesta de forma contundente. Os investimentos ali realizados, longe de serem meramente decisões técnicas, são expressões de uma lógica de poder e dominação. As áreas beneficiadas por estes investimentos refletem os interesses e a influência dos grupos dominantes, enquanto as regiões negligenciadas denunciam a marginalização sistemática das camadas menos favorecidas da população.

Nas franjas marginalizadas da Avenida Brasil, a realidade se manifesta com uma crueza que não pode ser ignorada. A infraestrutura deficiente não é um produto do acaso, mas sim o legado de uma política urbana que se inclina, com persistência, para o favorecimento

das enclaves privilegiados. Estradas em desalinho, a ausência de saneamento digno e a carência de espaços públicos de qualidade não são meros lapsos urbanísticos, mas sim sintomas de um planejamento que segrega⁵.

A penúria de serviços essenciais — saúde, educação, transporte — nas zonas desatendidas é um espelho das prioridades distorcidas que têm guiado o planejamento urbano. Esta negligência não somente perpetua as condições adversas de vida, mas também estrangula as potencialidades de progresso e desenvolvimento dos habitantes dessas áreas.

Esta dinâmica de desenvolvimento desigual não somente perpetua a disparidade existente, mas também obstrui o avanço integrado da cidade. Os territórios desassistidos enfrentam desafios crescentes, marcados pela falta de serviços fundamentais e infraestrutura deficiente, alimentando um ciclo de pobreza e segregação. Enquanto isso, as zonas privilegiadas florescem, ampliando o fosso entre diferentes segmentos da população urbana.

Ademais, a dominância dos interesses privados sobre as deliberações públicas coloca em xeque os próprios fundamentos da democracia e representatividade no planejamento urbano. A ausência de uma participação justa e transparente na formulação das políticas urbanas semeia desconfiança e descontentamento entre os residentes das zonas marginalizadas.

3 AS DENSIDADES TÉCNICAS E A DEMANDA POR UMA REGIONALIZAÇÃO DA REALIDADE URBANA

A realidade urbana contemporânea é marcada pela intensa presença de objetos técnicos e infraestruturas que permeiam os mais diversos espaços, conferindo ao território características homogêneas em muitos aspectos. Essa homogeneização decorre do avanço das tecnologias e da lógica de competitividade que estrutura o sistema técnico global, como destacado por Santos (1996). Observe a seguir:

Os objetos técnicos atuais se encontram praticamente em todas as latitudes e longitudes. Daí vem o ar de família de tantos lugares, sua aparência repetitiva. A universalidade é, também, resultado de que o sistema técnico funciona no nível

⁵ A segregação urbana, muitas vezes resultante de decisões de planejamento intencionais, reflete uma complexa interação entre políticas públicas, interesses privados e dinâmicas sociais. O favorecimento de determinadas áreas em detrimento de outras pode ser influenciado por uma variedade de fatores, incluindo, mas não se limitando a, especulação imobiliária, políticas de zoneamento e investimentos em infraestrutura. Este processo pode levar à exclusão sistemática de comunidades vulneráveis do acesso a serviços básicos e oportunidades de desenvolvimento, exacerbando as desigualdades sociais e econômicas existentes. Ver, por exemplo, Harvey, D. (2008). "A justiça social e a cidade". São Paulo: Edições Loyola, onde o autor discute como as práticas de planejamento urbano podem contribuir para a reprodução de desigualdades na cidade.

global. Vida sistêmica e auto-expansão são correlates, já que as atividades correspondentes tendem a se difundir largamente, graças à sua competitividade (Santos, 2006, p. 142).

Dessa forma, a difusão dos objetos técnicos nos convida a questionar as consequências desse processo para a organização e estruturação das cidades. Embora as densidades técnicas promovam uma aparente uniformidade nas paisagens urbanas, disfarçando as desigualdades regionais, a realidade cotidiana de muitos centros urbanos é marcada por profundas disparidades socioeconômicas. Enquanto algumas áreas concentram equipamentos e infraestruturas de ponta, outras permanecem à margem, sem acesso adequado a serviços essenciais. Esse fenômeno gera uma divisão espacial que reforça as desigualdades, evidenciando a necessidade de uma regionalização da realidade urbana que leve em consideração as especificidades locais.

A regionalização, nesse sentido, não deve ser compreendida como uma estratégia de planejamento que reconheça as particularidades socioeconômicas, culturais e técnicas de cada espaço. A universalidade dos objetos técnicos, embora eficiente em sua lógica de expansão, tende a negligenciar as especificidades de cada região, impondo uma estrutura homogênea sobre territórios heterogêneos. A consequência desse processo é o aumento das disparidades entre áreas de alta densidade técnica – geralmente associadas a maior desenvolvimento econômico – e regiões que, embora urbanas, carecem de investimentos e modernização.

Santos (2006) nos alerta para o fato de que essa "vida sistêmica e auto expansão" dos objetos técnicos tem uma correlação direta com a competitividade. As regiões que conseguem incorporar esses objetos em maior quantidade tornam-se mais competitivas, atraindo investimentos e desenvolvimento, enquanto outras permanecem excluídas desse processo, acentuando as desigualdades territoriais. Para que as cidades possam se organizar de maneira mais equitativa, é essencial que o planejamento urbano considere essas diferenças e promova uma regionalização da realidade que se aproxime das necessidades reais dos seus habitantes e de uma organização urbana mais evidente a todo o município, a começar pela avenida Brasil.

3.1 FLUIDEZ, COMPETITIVIDADE E DENSIDADE TÉCNICA SELETIVA: AS DIVERSAS AVENIDAS BRASIL

A análise da Avenida Brasil em Anápolis, através das lentes da fluidez, competitividade e densidade técnica seletiva, requer uma compreensão aprofundada do fator tempo e de sua influência na evolução urbana e nas dinâmicas socioeconômicas. O tempo, neste contexto, não é apenas um elemento cronológico, mas uma dimensão que integra e transforma as relações espaciais e as práticas sociais ao longo dos anos.

Historicamente, a Avenida Brasil emergiu como um eixo central de desenvolvimento, refletindo as mudanças e adaptações da cidade de Anápolis. Cada período trouxe consigo um conjunto de desafios e oportunidades, moldando a avenida de maneiras distintas. No início, a avenida serviu principalmente como uma via de ligação, facilitando o transporte de mercadorias e pessoas entre diferentes partes da cidade. Com o passar do tempo, e com a crescente urbanização, a Avenida Brasil passou a abrigar uma gama diversificada de atividades comerciais e de serviços, tornando-se um microcosmo das transformações econômicas e sociais da cidade. Conforme Santos (2000, p. 67):

Vivemos hoje um novo período histórico, no qual a técnica, pela primeira vez, é capaz de homogeneizar o planeta. A técnica transforma o mundo num só território, um território sem fronteiras, pelo menos em termos de economia e de informação. Em contrapartida, esse mesmo processo cria uma profunda fragmentação, pois ao mesmo tempo em que se constituem grandes sistemas técnicos globais, as diferenças locais são exacerbadas, gerando uma nova forma de exclusão. A fluidez da informação e do capital não é acompanhada pela fluidez das pessoas, e essa contradição marca profundamente o espaço contemporâneo.

A fluidez da Avenida Brasil, que originalmente se caracterizava pela facilidade de movimentação, foi progressivamente comprometida pelo aumento do tráfego e pela inadequação das infraestruturas viárias. As mudanças no fluxo temporal das atividades econômicas, como a concentração de horários de pico, contribuíram para a intensificação dos congestionamentos e para a redução da eficiência da mobilidade urbana. A competição pelo espaço, intensificada ao longo dos anos, refletiu-se na multiplicação de empreendimentos comerciais que, embora dinamizassem a economia local, também sobrecarregaram a capacidade da avenida de suportar um fluxo contínuo e ordenado de pessoas e veículos.

A densidade técnica seletiva, como fenômeno espacial e temporal, revela como a distribuição de infraestruturas e recursos variou ao longo dos anos, privilegiando certos setores em detrimento de outros. As áreas que receberam maior investimento e desenvolvimento tecnológico passaram a desfrutar de vantagens competitivas significativas, enquanto outras permaneceram subdesenvolvidas, perpetuando um ciclo de desigualdade urbana. Este processo seletivo de densificação técnica não só reflete as decisões políticas e

econômicas do passado, mas também condiciona as possibilidades de transformação futura da Avenida Brasil.

Conforme argumentado por Cardoso Júnior e Lunas (2015), "o uso do conceito da densidade técnica nos dá a capacidade explicativa de englobar os objetos e as dinâmicas produtivas com suas resultantes transformações nas relações sociais e de produção" (Cardoso Júnior; Lunas, 2015, p. 1). Este conceito é fundamental para analisar as mudanças na Avenida Brasil em Anápolis, onde a distribuição de infraestruturas e recursos variou ao longo dos anos, privilegiando certos setores em detrimento de outros. As áreas que receberam maior investimento e desenvolvimento tecnológico passaram a desfrutar de vantagens competitivas significativas, enquanto outras permaneceram subdesenvolvidas, perpetuando um ciclo de desigualdade urbana.

A fluidez, como capacidade de circulação e mobilidade dentro da avenida, é essencial para a integração urbana e para a eficiência na movimentação de pessoas e mercadorias. No entanto, os congestionamentos frequentes e a sinalização inadequada comprometem essa fluidez, refletindo uma gestão urbana deficiente que não atende às necessidades da população de maneira eficaz. A competitividade, observada nas intensas disputas por espaços privilegiados entre diferentes agentes econômicos, exacerba ainda mais as desigualdades, evidenciando as tensões inerentes ao desenvolvimento urbano.

No contexto de Anápolis, a Avenida Brasil exemplifica esta dinâmica ao apresentar variações significativas em termos de fluidez e competitividade. A fluidez, conforme descrita por Santos (2006), é um elemento essencial para a circulação eficiente de ideias, produtos e capital, sustentando a competitividade e o desenvolvimento econômico. Santos argumenta que "a fluidez contemporânea é baseada nas redes técnicas, que são um dos suportes da competitividade. Daí a busca voraz por ainda mais fluidez, levando à procura de novas técnicas ainda mais eficazes" (Santos, 2006, p. 185). Esta busca incessante por fluidez reflete-se na Avenida Brasil, onde as regiões dotadas de melhor infraestrutura técnica e tecnológica atraem investimentos e desenvolvem-se mais rapidamente.

A modernização e a apropriação do território, em Anápolis, são processos que refletem diretamente nas estruturas produtivas e nas relações sociais. Segundo Luz (2009), "neste capítulo são caracterizadas as dimensões econômica e política que configuram a dinâmica de (re)produção do espaço de Anápolis, enquanto cidade média, estabelecendo as bases que consolidam sua atuação na esfera regional" (Luz, 2009, p. 243). Esse processo de modernização envolve a implementação de infraestruturas avançadas e a introdução de

tecnologias que visam otimizar a eficiência produtiva, mas também resulta na marginalização de áreas que não recebem o mesmo nível de investimento.

Desta forma Luz (2009), ressalta como a combinação das dimensões econômica e política molda a reprodução do espaço urbano em Anápolis. A Avenida Brasil, como parte dessa dinâmica, ilustra as implicações da modernização e dos investimentos seletivos, que favorecem certas áreas em detrimento de outras, perpetuando desigualdades e consolidando a atuação da cidade em uma esfera regional. A avenida, enquanto eixo central de desenvolvimento, serve tanto como um motor de crescimento econômico quanto como um símbolo das disparidades estruturais que caracterizam a cidade.

As políticas públicas desempenham um papel crucial na gestão das desigualdades produzidas. A decisão sobre onde e como investir em infraestrutura e tecnologia é influenciada por interesses econômicos e políticos que muitas vezes favorecem regiões já desenvolvidas, em detrimento das áreas periféricas. Conforme Santos destaca, em sua obra "Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional" (1994), "a fluidez contemporânea é baseada nas redes técnicas, que são um dos suportes da competitividade" (Santos, 1994, p. 185). Este suporte técnico se concentra principalmente nas regiões que já possuem uma infraestrutura robusta, criando um ciclo de desenvolvimento que perpetua e amplia as desigualdades existentes

A urbanização desigual tem implicações significativas para a estrutura social e econômica de Anápolis. As áreas desenvolvidas atraem uma população de renda elevada e mão de obra qualificada, enquanto as regiões periféricas enfrentam problemas de desemprego, pobreza e falta de serviços básicos. Essa polarização socioeconômica é exacerbada pelas políticas públicas que favorecem a concentração de investimentos nas áreas já desenvolvidas, criando um ciclo vicioso de desigualdade.

Para mitigar essas disparidades, é necessário repensar as políticas públicas de investimento e desenvolvimento urbano. Uma abordagem que busque equilibrar o desenvolvimento regional, promovendo investimentos em infraestrutura e tecnologia também nas áreas periféricas, pode ajudar a reduzir as desigualdades e promover um crescimento mais homogêneo. Como Santos sugere, "é preciso que o poder público intervenha de forma a corrigir as desigualdades e promover uma distribuição mais justa dos benefícios do desenvolvimento técnico e econômico" (Santos, 1994, p. 188).

Em suma, a análise das políticas públicas de investimento em Anápolis, à luz das teorias de Milton Santos sobre fluidez e densidade técnica, revela uma dinâmica de desenvolvimento que perpetua e amplia as desigualdades regionais. A concentração de

recursos em áreas específicas cria um ciclo de crescimento que marginaliza as regiões periféricas, reforçando as disparidades socioeconômicas e limitando as oportunidades de desenvolvimento integral da cidade.

3.2 AS DIVERSAS AVENIDAS BRASIL

A Avenida Brasil, como eixo central do espaço urbano de Anápolis, como já discutido anteriormente, apresenta-se como um microcosmo das transformações sociais, econômicas e espaciais que caracterizam as cidades contemporâneas. A diversidade de atividades e serviços ao longo da Avenida Brasil, incluindo comércio, serviços de saúde, educação e construção civil dentre outros, reflete a complexidade das interações sociais e econômicas que moldam o espaço urbano da cidade.

Autores como Janes Socorro da Luz⁶ e Tiago José Duarte Rézio⁷ forneceram contribuições significativas para a compreensão desses fenômenos, e suas pesquisas serão consideradas para aprofundar a análise das transformações urbanas em Anápolis. Luz (2009) contribui com a discussão sobre a modernização e apropriação do território urbano, enfatizando como a combinação de fatores econômicos e políticos molda a configuração espacial das cidades. A Avenida Brasil, enquanto eixo de desenvolvimento, exemplifica as implicações da modernização seletiva e dos investimentos direcionados, que favorecem certas áreas em detrimento de outras, perpetuando desigualdades socioeconômicas.

Neste contexto, Luz (2009) observa que

[...] a cidade de Anápolis é um exemplo emblemático dessa percepção, de sua origem aos dias atuais, se valeu da localização estratégica que possui para se firmar como centro regional que articula uma parcela significativa do território goiano. Por sinal, a leitura sobre o território que inicia este estudo, valorizou essa abordagem,

⁶ A tese de Janes Socorro da Luz, intitulada "A (Re)Produção do Espaço de Anápolis/GO: a trajetória de uma cidade média entre duas metrópoles, 1970-2000", oferece uma análise detalhada sobre a importância da divisão territorial do trabalho na configuração das cidades médias, com um foco específico na cidade de Anápolis. A pesquisa de Luz é fundamental para a discussão sobre a estruturação da Avenida Brasil, pois destaca como os processos de modernização, apropriação do território e a centralidade econômica moldam a configuração espacial e as dinâmicas urbanas de Anápolis. A tese também aborda as transformações que influenciam a caracterização da cidade média e o exercício do comando regional, fornecendo um contexto abrangente para entender as implicações da modernização seletiva e dos investimentos direcionados na Avenida Brasil.

⁷ Tiago José Duarte Rézio, em sua dissertação intitulada "A Tradição do Novo: Uma análise das transformações da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)", oferece uma análise detalhada das transformações urbanas que ocorreram na Avenida Brasil ao longo de mais de cinco décadas. Orientado por Milena d'Ayala Valva e avaliado por uma banca composta por destacados pesquisadores, incluindo Janes Socorro Luz, Rézio investiga como as intervenções urbanísticas e infraestruturais impactaram a mobilidade e a paisagem urbana de Anápolis. Sua obra é de suma importância para a presente discussão, pois fornece um contexto abrangente sobre as mudanças estruturais e principalmente funcionais na Avenida Brasil, evidenciando como essas transformações refletem e influenciam a dinâmica socioeconômica da cidade.

considerando como as articulações se processam nas diferentes dimensões, econômica, política e social. Também, desenvolvemos a proposta contida na parte introdutória do trabalho para caracterizar a dinâmica da divisão territorial do trabalho no caso de Anápolis, demonstrando o perfil das atividades terciárias e secundárias, bem como a emergência de novas funções, além, da expansão das atividades comerciais e de serviços na direção norte e ao longo do eixo da Avenida Brasil Norte-Sul (Luz, 2009, p. 319).

A análise de Luz (2009) revela como a cidade de Anápolis, através da Avenida Brasil, utilizou sua localização estratégica para se consolidar como um importante centro regional. Essa consolidação não é apenas resultado de fatores geográficos, mas também de como "as articulações se processam nas diferentes dimensões, econômica, política e social" (Luz, 2009, p. 319). Assim, a Avenida Brasil facilita a circulação e o comércio, como também, reflete as dinâmicas socioeconômicas mais amplas da cidade.

Essa dinâmica de modernização e expansão não se limita apenas à infraestrutura física, mas também envolve a realocação estratégica das empresas. Como Luz (2009) aponta que:

A realocação das empresas melhora a acessibilidade que passa a ser um elemento decisivo na escolha do novo local para fixar a empresa. A empresa situada em uma posição estratégica passa a impor um ritmo mais veloz para as atividades de distribuição, conseguindo conectar o cliente local e os mais distantes com eficiência. Ou seja, as empresas ao articularem os fornecedores e os consumidores projetam a cidade de Anápolis para regiões cada vez mais amplas e distantes (Luz, 2009, p. 263).

Este processo de realocação e posicionamento estratégico das empresas é fundamental para processos de regionalização, pois "verifica-se que as empresas atacadistas-transportadoras modernas de Anápolis possuem um papel significativo no processo de articulação no campo econômico, tanto interna como externamente, permitindo que se estabeleçam relações dinâmicas com Goiânia e outros centros urbanos" (Luz, 2009, p. 263). Assim, a posição estratégica das empresas em Anápolis não apenas fortalece o papel econômico da cidade, no contexto do estado de Goiás, mas também facilita a formação de uma rede regional integrada.

Como destaca Haesbaert (2010),

a "região", enquanto locus da produção da diferença, e não simplesmente no sentido do "regionalismo reacionário", também pode, dependendo do emaranhado de poder em que estiver enredada, estimular a constante re-produção do novo – ou seja, ela nem sempre é produzida apenas pelo "regionalismo anacrônico e reacionário" hegemônico aí enfatizado, o que pode ser constatado ao reconhecermos a própria natureza, sempre ambivalente, de sua (re)criação simbólica" (Haesbaert, 2010, p. 12).

Haesbaert (2010) sublinha a importância de uma abordagem abrangente na regionalização, considerando as especificidades locais e dinâmicas regionais. A integração de políticas de desenvolvimento urbano deve reconhecer e valorizar a capacidade das regiões de inovar e se transformar, indo além de abordagens reacionárias e anacrônicas que perpetuam desigualdades.

Este enfoque no planejamento urbano ressalta a importância de uma abordagem que vá além da mera infraestrutura, incorporando a necessidade de uma reestruturação profunda das políticas de desenvolvimento. A Avenida Brasil, enquanto eixo de viário, deve ser um símbolo de progresso, mas também um exemplo de como o planejamento urbano pode ser utilizado para criar uma cidade que atenda de maneira mais adequada às demandas sociais, refletindo os princípios de uma regionalização territorial.

Portanto, a integração de políticas de desenvolvimento urbano com estratégias de incentivo à realocização empresarial deve ser realizada com uma visão que considere os impactos sociais e econômicos de tais medidas. A criação de uma rede regional mais coesa e integrada dinamicamente não pode ser alcançada sem abordar as desigualdades estruturais que permeiam o espaço urbano. Ao invés de perpetuar um ciclo de desenvolvimento desigual, é necessário que as intervenções urbanas sejam planejadas de maneira a redistribuir recursos e oportunidades. Brenner (2018) enfatiza que

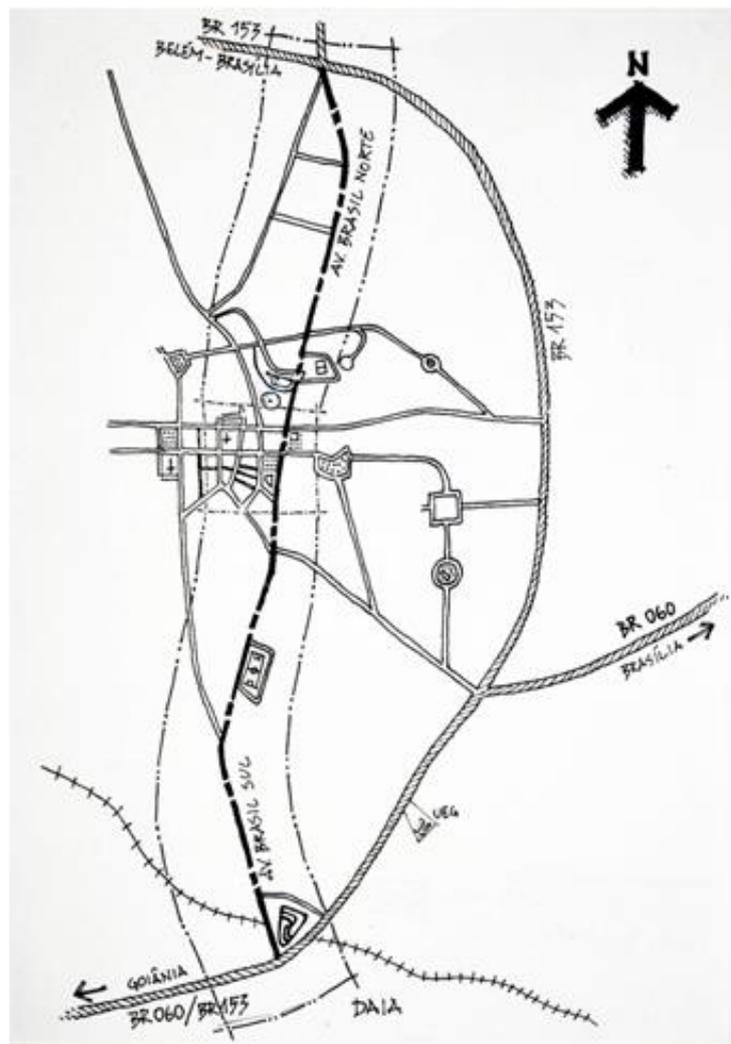
[...] a falha das intervenções discutidas não incide na questão 'externa', exclusiva e antidemocrática do desenho urbano, mas sim na constatação de que a visão de projeto por si só é muito limitada, tanto em termos espaciais como operacionais. Em termos espaciais, porque corre-se o perigo de circunscrever o lugar a ser remodelado de maneira simplória demais e, assim, estimular o desenvolvimento restrito desse urbanismo dentro de um 'bolsão' ou 'enclave' cujas atividades, limitadas por essa realidade, não conseguem interferir mais amplamente nos sistemas de uso do solo baseados no mercado, no investimento e nas remoções em maiores escalas, em vários locais e territórios. Em termos operacionais, por sua vez, porque corre-se o perigo de se idealizar a intervenção prevista no projeto por meio de uma epistemologia que se debruça apenas sobre elementos como o consumismo, a 'qualidade de vida' e a provisão de infraestrutura básica, negligenciando, assim, a complexidade e a interdependência dos processos sociais, econômicos e políticos que configuram as dinâmicas urbanas contemporâneas" (Brenner, 2018, p. 199).

A proposta de uma nova regionalização da Avenida Brasil visa atender às demandas sociais. A análise das intervenções urbanas existentes, conforme discutido por Brenner (2018), demonstra a necessidade de ir além das simples reconfigurações espaciais e operacionais. É crucial que o planejamento urbano leve em consideração as complexidades e interdependências dos processos sociais, econômicos e políticos que moldam as dinâmicas

urbanas. A nova regionalização deve evitar a criação de áreas isoladas e desiguais, promovendo, em vez disso, uma redistribuição equitativa dos recursos e oportunidades. Assim, todas as regiões da Avenida Brasil podem se desenvolver de forma integrada e coesa, atendendo melhor às necessidades da população.

A imagem ilustrada por Rézio (2015) ilustra a Avenida Brasil seccionada em duas partes: Norte e Sul. Essa divisão é fundamental para a análise das características do tecido urbano e dos elementos da paisagem ao longo da avenida e ao longo da história. A segmentação abordada pelo autor que se baseou no Plano Diretor de Anápolis de 2006.

Figura 21: Croqui – Avenida Brasil seccionada em duas partes



Fonte: Rézio (2015).

Rézio (2015) faz um diálogo a partir de 1960, onde ele relata:

À medida que a Avenida Brasil, a partir de 1960, adquiria importância como eixo longitudinal norte/sul de circulação na escala local, potencializando o processo de urbanização de Anápolis, paralelamente, a cidade desenvolvia novas centralidades a leste e a oeste da Avenida, criando assim uma série de conexões de vias arteriais de 2ª categoria, coletoras e locais, que, por sua vez, se conectariam a outras vias, que convergiam para diversos trechos da Avenida Brasil (Rézio, 2015, p. 89).

A observação de Rézio destaca a importância estratégica da Avenida Brasil no processo de urbanização de Anápolis, evidenciando como a infraestrutura viária pode influenciar significativamente o desenvolvimento urbano. A partir dessa análise, é possível compreender que a Avenida Brasil não apenas facilitou a circulação norte-sul, mas também promoveu a criação de novas centralidades e a integração de diferentes áreas da cidade. A capacidade da avenida de atuar como um eixo de articulação longitudinal permitiu uma distribuição mais equilibrada das atividades urbanas, contribuindo para a descentralização do crescimento e a mitigação de problemas associados à urbanização desordenada.

Ao focar nas particularidades de cada segmento da Avenida Brasil, é possível desenvolver um plano de regionalização que não apenas atenda às necessidades imediatas de infraestrutura, mas que também promova uma integração social e econômica mais eficiente. Cada eixo identificado na figura possui suas próprias dinâmicas e desafios, exigindo soluções específicas que considerem tanto a melhoria da mobilidade quanto o desenvolvimento de serviços essenciais. A participação ativa da comunidade no planejamento dessas intervenções é crucial para garantir que as medidas adotadas sejam eficazes e sustentáveis a longo prazo.

Portanto, a integração de políticas de desenvolvimento urbano com estratégias de incentivo à realocação empresarial deve ser realizada com uma visão que considere os impactos sociais e econômicos de tais medidas. A criação de uma rede regional mais coesa e integrada dinamicamente não pode ser alcançada sem abordar as desigualdades estruturais que permeiam o espaço urbano. Ao invés de perpetuar um ciclo de desenvolvimento desigual, é necessário que as intervenções urbanas sejam planejadas de maneira a redistribuir recursos e oportunidades. Como mencionado por Soja (2000, p. 45) “[...] a reestruturação espacial urbana deve envolver tanto a modernização técnica quanto a consideração das dinâmicas sociais e econômicas locais, de modo a evitar a reprodução das desigualdades existentes”.

A implementação dessas estratégias na Avenida Brasil pode melhorar a infraestrutura, e promover uma integração eficiente dos diferentes setores da cidade. Essa integração requer um planejamento que leve em conta a distribuição equitativa de recursos e a necessidade de corrigir as desigualdades estruturais existentes.

Para garantir que todas as áreas da cidade se beneficiem, é fundamental que a nova regionalização da Avenida Brasil incorpore soluções que atendam às demandas de mobilidade, promovendo um uso mais racional do espaço urbano. Além disso, é crucial envolver a comunidade local no processo de planejamento, assegurando que as intervenções reflitam as necessidades reais dos moradores e dos diversos atores sociais e econômicos.

A partir dessa perspectiva, a Avenida Brasil pode servir como um modelo para futuras intervenções urbanas em Anápolis e outras cidades médias. A integração de políticas de desenvolvimento urbano com estratégias de incentivo à realocização empresarial deve ser realizada com uma visão que considere os impactos sociais e econômicos de tais medidas. A criação de uma rede regional mais coesa e integrada dinamicamente não pode ser alcançada sem abordar as desigualdades estruturais que permeiam o espaço urbano. Milton Santos (1996, p. 22) destaca que “os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.

Essa visão reforça a necessidade de um planejamento urbano que vá além da mera infraestrutura, incorporando a necessidade de uma reestruturação profunda das políticas de desenvolvimento. A Avenida Brasil, enquanto eixo de desenvolvimento, também, um exemplo de como o planejamento urbano pode ser utilizado para criar uma cidade, refletindo os princípios de uma regionalização territorial coerente.

Portanto, a regionalização da Avenida Brasil deve ser realizada com uma visão que considere os impactos sociais e econômicos de tais medidas. A criação de uma rede regional mais coesa e integrada dinamicamente não pode ser alcançada sem abordar as desigualdades estruturais que permeiam o espaço urbano.

3.3 AS TRÊS AVENIDAS BRASIL E AS NOVAS CENTRALIDADES

A exploração da Avenida Brasil em três — Sul, Central e Norte — em Anápolis revela-se como uma dissecação das forças estruturantes que configuram o espaço urbano, expondo um processo dinâmico e contraditório de formação de centralidades. Cada segmento, como introduzido no capítulo anterior, dessas avenidas manifesta as tensões e os paradoxos inerentes às práticas espaciais contemporâneas, onde as lógicas econômicas, sociais e políticas se entrelaçam, produzindo um território que não é apenas o palco dessas interações, mas o próprio instrumento de dominação e resistência. Compreender a distribuição das atividades econômicas, dos serviços e da infraestrutura ao longo dessas vias significa penetrar nos

mecanismos que, ao mesmo tempo, consolidam e desafiam as estruturas de poder e controle na cidade.

A Avenida Brasil Sul materializa-se como um território de especialização econômica, onde a concentração de atividades automotivas se cristaliza como um reflexo das estratégias de acumulação capitalista que privilegiam setores específicos em detrimento de outros. A segmentação desse espaço, longe de ser aleatória, responde a uma lógica de valorização desigual do solo urbano, exacerbando as desigualdades socioespaciais e reforçando a fragmentação da cidade. Tal configuração não só revela as forças do mercado que determinam a organização espacial, mas também escancara as limitações e exclusões impostas por um desenvolvimento urbano que serve prioritariamente aos interesses econômicos dominantes. Conforme ressaltado por Villaça (2005, p. 28):

"É essa ilusão que o Plano Diretor Participativo – querendo ou não – procura inculcar na opinião pública. O que raramente aparece é que os grupos e classes sociais têm não só poderes político e econômico muito diferentes, mas também diferentes métodos de atuação, diferentes canais de acesso ao poder e, principalmente – algo que se procura sempre esconder – diferentes interesses. Evidentemente, em um país como o Brasil, com uma abismal diferença de poder político entre as classes sociais, conseguir uma participação popular democrática – que pressuporia um mínimo de igualdade – é difícil. Essa é a principal razão da 'Ilusão da Participação Popular'".

Podemos notar isso na esfera local, como destacado por Rezio (2015, p. 10):

Gradualmente, a saturação da capacidade viária da Avenida Brasil está transformando negativamente sua função de eixo de circulação, reduzindo a eficiência não só da própria via, mas da paisagem urbana em seu conjunto, dada a importância dessa via arterial para o contexto urbano.

A análise da Avenida Brasil Sul revela, de maneira incontestável, como as dinâmicas de acumulação capitalista operam sobre o espaço urbano, conduzindo a uma valorização seletiva do solo que, por sua vez, aprofunda as desigualdades socioespaciais e fragmenta a cidade. Nesse contexto, como bem observado por Siqueira (2019), a lógica dessa valorização desigual não é mera consequência acidental, mas sim um mecanismo estruturante que sustenta e intensifica a segregação espacial. As áreas que atraem maiores investimentos tornam-se polos de desenvolvimento, enquanto as zonas que não se encaixam nessa lógica de mercado são relegadas à marginalização, sendo destituídas de infraestrutura e serviços básicos. Essa dinâmica não é isolada, mas permeia toda a extensão da Avenida Brasil, evidenciando as forças hegemônicas que, através da produção do espaço, moldam a configuração urbana de Anápolis.

No coração de Anápolis, a Avenida Brasil Central emerge como um verdadeiro nó de poder, onde se entrelaçam as dinâmicas comerciais, administrativas e políticas, configurando uma centralidade que transcende a mera confluência de fluxos econômicos. Enquanto a Avenida Brasil Sul se especializa em atividades que acentuam as disparidades, a Avenida Brasil Central desempenha um papel decisivo na reprodução e legitimação das relações de poder que estruturam o espaço urbano. Não se trata apenas de um ponto de encontro para atividades econômicas e serviços, mas de um espaço onde se concentram recursos e infraestruturas que reforçam a hierarquia espacial, consolidando essa porção da avenida como um núcleo vital para a organização socioespacial de Anápolis.

Entretanto, a centralidade da Avenida Brasil Central, longe de promover um desenvolvimento urbano equilibrado, opera como um mecanismo que perpetua e aprofunda as desigualdades socioespaciais. Ao concentrar poder, infraestrutura e recursos nas áreas centrais, essa avenida não apenas reorganiza a cidade em torno dos interesses de uma elite econômica e política, mas também acentua a marginalização das periferias. Assim, a Avenida Brasil Central não se limita a refletir as dinâmicas de poder em Anápolis; ela intensifica as divisões socioespaciais, consolidando um modelo de urbanização que, ao privilegiar poucos, sacrifica as necessidades da maioria.

A Avenida Brasil Norte desponta como um território marcado por uma crescente diversidade funcional, onde a expansão das atividades econômicas se entrelaça com a emergência de novas funções urbanas, como a educação e a saúde. Essa centralidade vai além das restrições das tradicionais dinâmicas econômicas, ela se reinventa como um espaço de produção e circulação de saberes e serviços, redefinindo os contornos do poder urbano. A presença de universidades e hospitais é sintomática de uma reconfiguração das centralidades urbanas, que agora transcendem as funções convencionais de comércio e administração, alcançando novas áreas de influência que questionam as lógicas espaciais estabelecidas.

Contudo, essa diversificação, longe de ser uma manifestação inequívoca de progresso, revela as contradições inerentes ao processo de urbanização contemporânea. À medida que a cidade se expande e se complexifica, as novas centralidades, ao invés de integrarem a totalidade do espaço urbano, muitas vezes intensificam as desigualdades socioespaciais preexistentes. Conforme a análise de Santos (2002), essas centralidades, ao invés de promoverem uma redistribuição mais justa dos recursos e serviços, acabam reforçando os mecanismos de segregação, criando enclaves de privilégio cercados por zonas de exclusão. Assim, a Avenida Brasil Norte emerge não apenas como um símbolo de modernização, mas também como um reflexo das tensões e desigualdades que permeiam o

tecido urbano de Anápolis, reforçando a dualidade entre os espaços de riqueza e aqueles relegados à marginalização.

Essas observações sobre as Avenidas Brasil permitem-nos vislumbrar que o espaço urbano de Anápolis é uma construção incessante, onde as centralidades emergentes não apenas refletem, mas também moldam e contestam as dinâmicas socioeconômicas que as engendram. Cada trecho da avenida funciona como um laboratório de experimentação urbana, onde as forças do mercado, do poder político e das necessidades sociais se entrecruzam, produzindo novos modos de organização espacial que, por sua vez, alimentam novas formas de desigualdade e resistência. Como afirma Corrêa (1999, p. 42):

O espaço é, então, um produto social. Nesse sentido, a urbanização configura-se como um processo de produção do espaço, em que as forças sociais, econômicas e políticas estão em permanente interação. A cidade não é um simples reflexo das condições econômicas, mas um palco de luta e resistência, onde diferentes agentes sociais disputam o controle sobre o uso do solo urbano e a distribuição dos recursos. Assim, a centralidade urbana deve ser compreendida não apenas como um lugar de concentração de atividades, mas como um espaço onde se cristalizam as relações de poder e onde se expressam as contradições inerentes à sociedade capitalista.

A complexidade dessas centralidades e a diversidade de atividades nelas concentradas revelam uma cidade em constante metamorfose, onde o espaço urbano não é um simples reflexo passivo das dinâmicas econômicas, mas um ator ativo na configuração das relações sociais. As três Avenidas Brasil, quando analisadas em conjunto, oferecem uma visão integrada das forças que moldam Anápolis, evidenciando como o espaço urbano é produzido e reproduzido através das interações entre diferentes agentes, interesses e resistências. Nesse sentido, a avenida transcende seu papel funcional de via de circulação, emergindo como um território de disputas onde o futuro da cidade é continuamente negociado e redefinido.

Ao refletirmos sobre as novas centralidades que se consolidam ao longo dessas três Avenidas Brasil, torna-se evidente que estamos diante de um processo de reconfiguração do espaço urbano de Anápolis, onde as lógicas tradicionais de organização espacial são contestadas e rearticuladas. A avenida, em seus diferentes segmentos, revela-se como um campo de forças em constante movimento, onde as centralidades emergentes não apenas reconfiguram a cidade, mas também apontam para novas direções no processo de urbanização, desafiando as velhas estruturas e criando novas formas de organização espacial e social. No capítulo subsequente, exploraremos como essas centralidades, ao se consolidarem, redefinam o papel da Avenida Brasil no contexto urbano de Anápolis, oferecendo uma nova cartografia das forças que moldam a cidade e seu território.

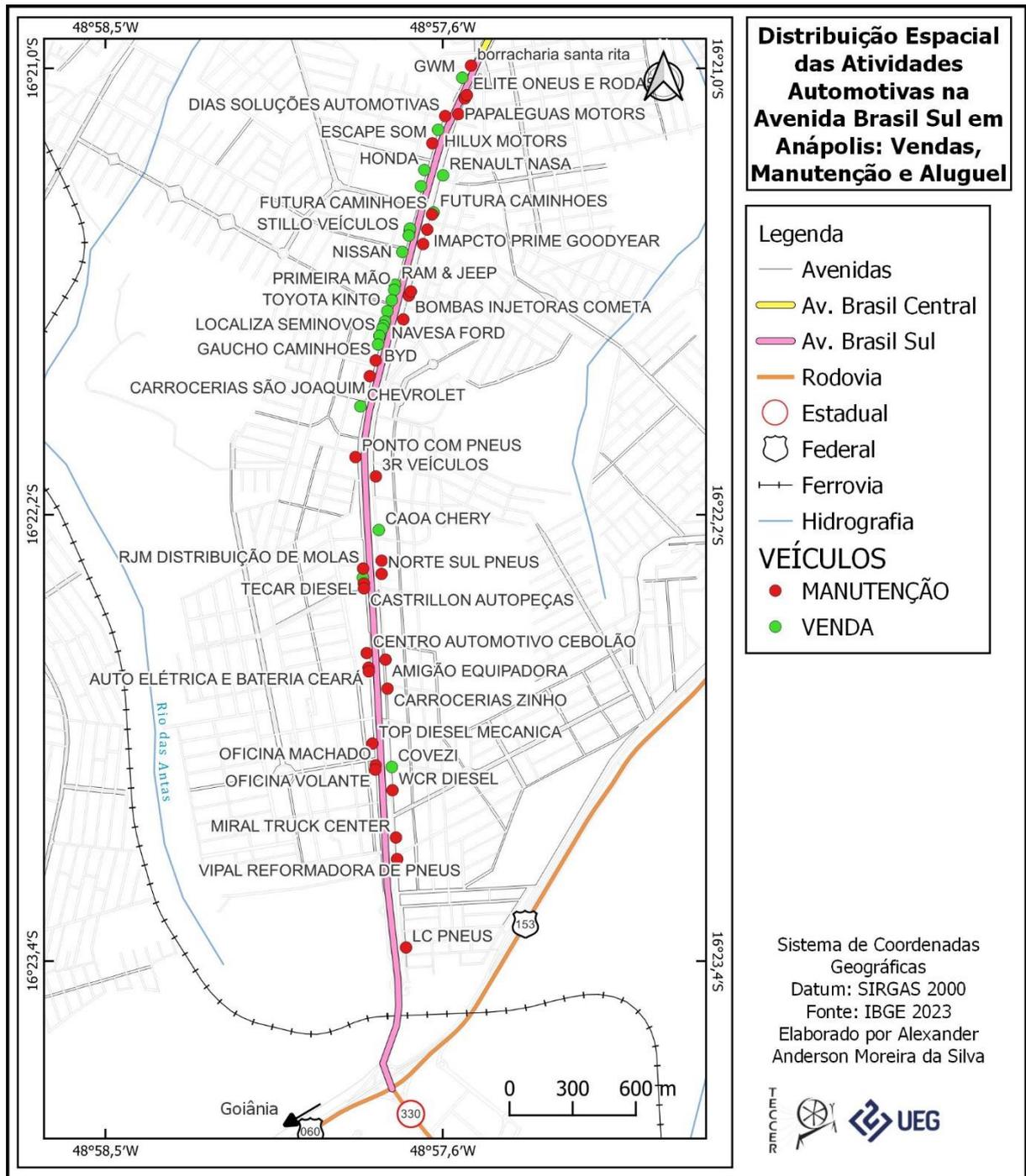
3.3.1 Avenida Brasil Sul: a concentração de atividades automotivas

A Avenida Brasil Sul, ao longo dos últimos anos, tem se destacado por uma intensa concentração de atividades relacionadas ao setor automotivo, configurando-se como um corredor especializado nesse tipo de comércio e serviços. Este trecho da avenida apresenta uma predominância significativa de estabelecimentos voltados à venda e à manutenção de veículos automotivos, incluindo grandes concessionárias, oficinas mecânicas especializadas e lojas de autopeças, que atendem à população local, e a uma clientela proveniente de outras regiões.

Conforme se observa no Mapa... abaixo, essa concentração de atividades automotivas não é um fenômeno aleatório, mas sim o resultado de uma lógica de valorização do espaço urbano que privilegia determinados setores econômicos em detrimento de outros. A formação dessa centralidade econômica na Avenida Brasil Sul reflete as dinâmicas de mercado que moldam o uso e a ocupação do solo urbano em Anápolis. O setor automotivo, devido à sua capacidade de atrair investimentos e gerar fluxo constante de consumidores, acaba por dominar essa porção da avenida, transformando-a em um polo de referência regional para serviços e comércio automotivo.

Essa concentração consolida o trecho como um eixo vital para o comércio automotivo na cidade, como também redefine a paisagem urbana, estabelecendo padrões de desenvolvimento que favorecem a expansão desse tipo de atividade em detrimento de outras funções urbanas. Além disso, a especialização desse espaço contribui para a criação de um ambiente onde a circulação de capital e de consumidores se intensifica, reforçando a centralidade da avenida como um espaço estratégico dentro do tecido urbano de Anápolis. Por fim, essa dinâmica também influencia a valorização imobiliária ao longo da avenida, estimulando a instalação de novos empreendimentos que complementam e reforçam a vocação automotiva da região.

Figura 22: Mapa – Distribuição espacial das atividades automotivas na Avenida Brasil Sul em Anápolis: vendas, manutenção e aluguel



Fonte: IBGE, 2023 (Organização própria).

A Avenida Brasil Sul materializa-se como um território de especialização econômica, onde a concentração de atividades automotivas se cristaliza como um reflexo das estratégias de acumulação capitalista que privilegiam setores específicos em detrimento de outros. A segmentação desse espaço, longe de ser aleatória, responde a uma lógica de valorização desigual do solo urbano, exacerbando as desigualdades socioespaciais e reforçando a fragmentação da cidade. Tal configuração não só revela as forças do mercado

que determinam a organização espacial, mas também escancara as limitações e exclusões impostas por um desenvolvimento urbano que serve prioritariamente aos interesses econômicos dominantes. Conforme destacado por Santos (2023, p. 69):

Os empresários aproveitaram circunstâncias supostamente vantajosas para se estabelecerem, como a localização desejável e o conhecimento de que ainda havia mercado para isso. Essas zonas comerciais integradas apresentam diferenças significativas entre si em termos dos produtos que vendem, do público a que atendem e do horário de funcionamento. Mas a partir de um certo ponto, o mercado fica saturado e só sobrevivem aqueles que se adaptaram a ele.

Esse processo de especialização econômica contribui para a configuração de uma centralidade urbana que influencia a organização espacial e as dinâmicas socioeconômicas da cidade. A valorização desse espaço se dá, em grande parte, pela sua capacidade de atrair consumidores e investidores, o que gera um ciclo de reforço positivo onde o sucesso econômico de alguns setores tende a atrair mais investimentos, consolidando ainda mais a sua posição como um corredor automotivo de grande relevância.

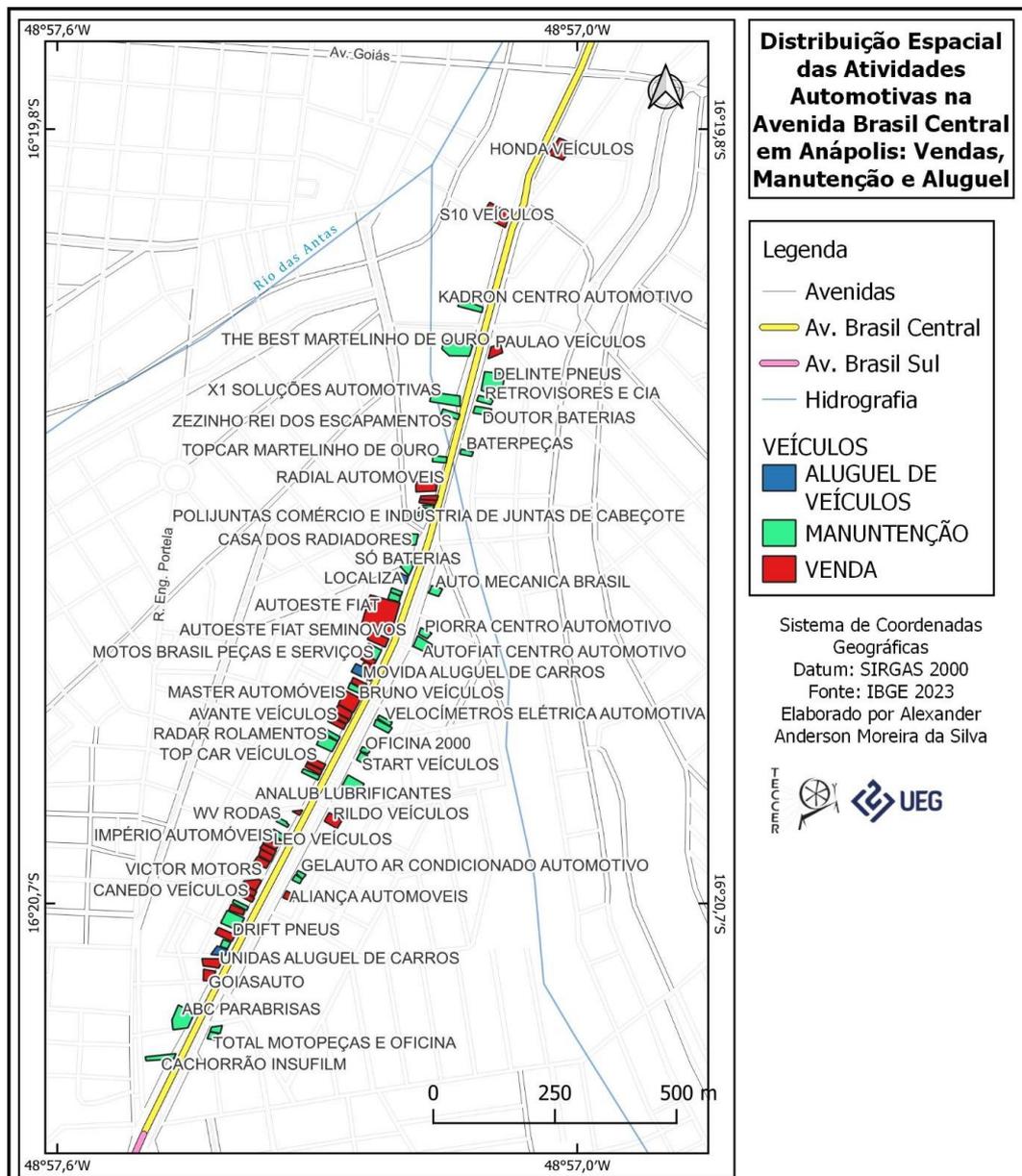
3.3.2 Avenida Brasil Central: a articulação entre comércio e serviços

Na região central da Avenida Brasil, delinea-se uma centralidade que se configura pela coexistência de um comércio diversificado e uma ampla oferta de serviços, abrangendo desde a venda, manutenção e aluguel de veículos até uma série de atividades complementares. Este trecho da avenida desvela, pela presença significativa de atividades automotivas, um espaço onde as dinâmicas econômicas se entrelaçam com as lógicas de circulação e consumo, transformando-o em um verdadeiro epicentro de fluxos urbanos, como pode-se observar no mapa a seguir. Contudo, essa centralidade pode ser definida como uma manifestação concreta das relações de poder que se materializam no espaço urbano, onde a concentração de atividades econômicas revela uma estrutura de valorização desigual do território.

Essa região, ao integrar múltiplos serviços e funções, adquire uma complexidade que vai além da soma de suas partes. Nota-se, as interações comerciais e de serviços que geram novas formas de apropriação e uso do espaço, consolidando-o como um lugar de intensa atividade econômica e social. Essa centralidade, portanto, funciona como um ponto

nodal⁸ que articula os diferentes tempos e espaços da cidade, refletindo as contradições e as potencialidades do processo urbano. Ela expressa, em última instância, as lutas sociais que se desenrolam no tecido urbano, onde o espaço é ao mesmo tempo produto e condição das práticas sociais e econômicas que nele se desenvolvem.

Figura 23: Mapa – Distribuição espacial das atividades automotivas na Avenida Brasil Central em Anápolis: vendas, manutenção e aluguel



Fonte: IBGE, 2023 (Organização própria).

⁸ Na perspectiva geográfica, um "ponto nodal" é entendido como um local central dentro do espaço urbano, onde se concentram e se articulam fluxos econômicos, sociais e culturais. Esses pontos desempenham um papel crucial na organização espacial da cidade, funcionando como eixos de convergência que conectam diferentes áreas urbanas. Além disso, são locais onde as relações de poder e as dinâmicas de desenvolvimento se manifestam de maneira evidente, influenciando a configuração e a estrutura do espaço urbano (Corrêa, 1997).

A análise da Avenida Brasil Central, portanto, não pode ser restringida à sua função como polo automotivo, embora essa seja uma de suas características mais marcantes. O papel da avenida vai muito além da concentração de atividades ligadas ao comércio de veículos. De fato, a Avenida Brasil Central se destaca como o principal eixo administrativo de Anápolis, onde se concentram os poderes políticos e administrativos do município, o que confere à região uma centralidade multifacetada e altamente estratégica.

Nesta região, localizam-se a Prefeitura de Anápolis, a Câmara dos Vereadores e importantes órgãos de administração estadual, como os postos de atendimento "Vapt-Vupt". Esses estabelecimentos não apenas centralizam os serviços administrativos e burocráticos, mas também atraem um fluxo constante de pessoas que necessitam acessar esses serviços, gerando uma dinâmica particular no uso do espaço urbano.

Essa concentração de poderes e serviços administrativos na Avenida Brasil Central reflete a maneira como as elites políticas e econômicas do município estruturam o espaço urbano, transformando essa região em um núcleo de poder que vai além do mero comércio. A presença desses órgãos de administração pública reforça a centralidade da avenida, ao mesmo tempo em que molda a forma como o espaço urbano é organizado e utilizado. Essa organização espacial, por sua vez, influencia diretamente as dinâmicas de desenvolvimento urbano, estabelecendo uma relação de interdependência entre as atividades econômicas e os serviços públicos. Como afirma Milton Santos, “a cidade como espaço de controle e comando, onde a centralização dos serviços e das funções administrativas define as lógicas de desenvolvimento urbano” (Santos, 2002, p. 73).

Não se pode esquecer que essa centralidade administrativa também exerce uma função simbólica na cidade, representando o coração político de Anápolis. A concentração de poder na Avenida Brasil Central revela como as decisões sobre o uso do espaço urbano são tomadas e como os recursos são distribuídos, frequentemente favorecendo a área central em detrimento das periferias. Assim, essa centralidade não é apenas geográfica, mas também política e econômica, definindo os rumos do desenvolvimento urbano e as prioridades do município. Aqui, o espaço urbano funciona como um “nó”, onde se materializam as relações de poder e se exercem as forças que moldam a cidade (Santos, 1996, p. 105).

Além disso, essa configuração espacial onde o poder político e o econômico se entrelaçam, como observado na Avenida Brasil Central, revela as dinâmicas de poder que estão em jogo na cidade. O espaço urbano, portanto, como já discutido nos capítulos anteriores, é um campo de disputa e de exercício de poder, onde se materializam as relações sociais e econômicas que estruturam a vida urbana. Dessa forma, a Avenida Brasil Central

emerge como um espaço onde se concentra e se exerce o poder, configurando-se como um ponto nodal dentro da cidade, onde se cruzam e se reforçam as dinâmicas políticas, econômicas e sociais de Anápolis.

3.3.3 Avenida Brasil Norte: expansão e diversificação de funções urbanas

Partindo para uma análise mais aprofundada da Avenida Brasil Norte, é evidente que essa região se destaca pela diversificação das funções urbanas, como ilustrado pelos mapas de distribuição espacial apresentados abaixo. Enquanto a concentração de atividades automotivas ainda desempenha um papel significativo, a presença de instituições de ensino, serviços de saúde e comércio de materiais de construção revela uma expansão das funções urbanas que vai além do setor automotivo tradicional. Esse fenômeno indica que a Avenida Brasil Norte não se limita a ser um corredor automotivo, mas está em processo de transformação, evoluindo para se tornar uma centralidade multifuncional dentro do tecido urbano de Anápolis.

A presença de universidades e hospitais nessa área é especialmente reveladora, pois sugere que a Avenida Brasil Norte está se consolidando como um polo educacional e de serviços. Essa centralidade emergente atrai investimentos, como também reconfigura o espaço urbano ao introduzir novas dinâmicas de fluxo de pessoas e capital, ampliando as possibilidades de desenvolvimento da região. Além disso, a diversidade de atividades na Avenida Brasil Norte reflete um processo de requalificação urbana, onde diferentes setores econômicos coabitam e se complementam, gerando uma sinergia que impulsiona o desenvolvimento da região como um todo. Essa coesão entre funções diversas contribui para a criação de um ambiente urbano mais equilibrado e resiliente, capaz de suportar as flutuações econômicas e adaptar-se às novas demandas da sociedade. A reconfiguração espacial observada na Avenida Brasil Norte também sugere uma redistribuição das centralidades dentro de Anápolis, que se reflete na maneira como os recursos e serviços são alocados e acessados pela população.

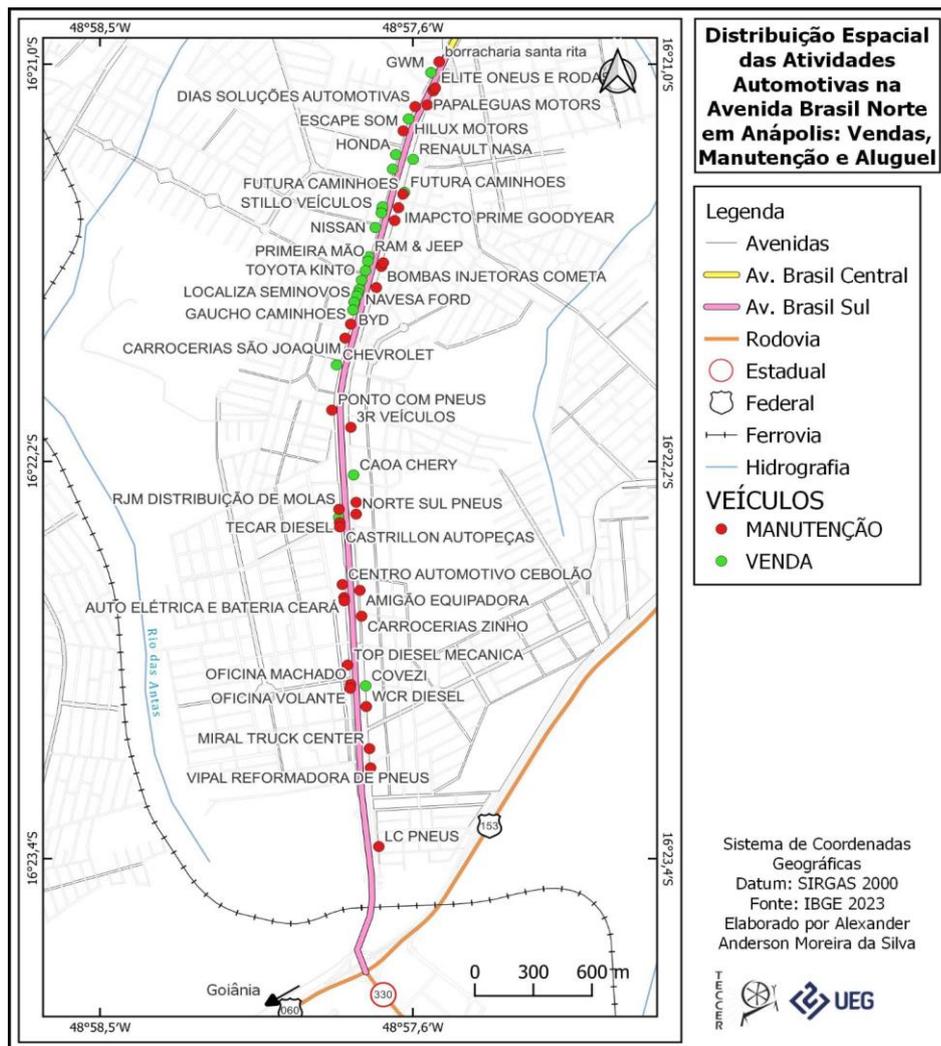
Entretanto, é crucial reconhecer que a tendência atual de se pensar a cidade para os carros teve um impacto significativo na forma como a Avenida Brasil Norte e suas adjacências foram desenvolvidas. Como afirma Rezio (2015, p. 97):

A tendência atual de se pensar a cidade para os carros, fez com que a obra fosse considerada prioridade, ignorando a paisagem existente e, sobretudo, a escala humana. Esse viaduto está presente para constatação. Nele, não foram adotados

como partido o transporte público, tampouco o pedestre. Mesmo que a Avenida Brasil seja um importante vetor para o transporte de cargas e para o transporte público coletivo, o Viaduto Nelson Mandela é uma obra exclusivamente pensada para o carro particular. O automóvel foi e continua sendo o principal partido para o atual projeto das cidades brasileiras. O Viaduto Nelson Mandela demonstra o poder dos agentes capitalistas que atuam na produção do espaço e da forma urbana, reforçando seu domínio sobre o Estado e a produção das leis.

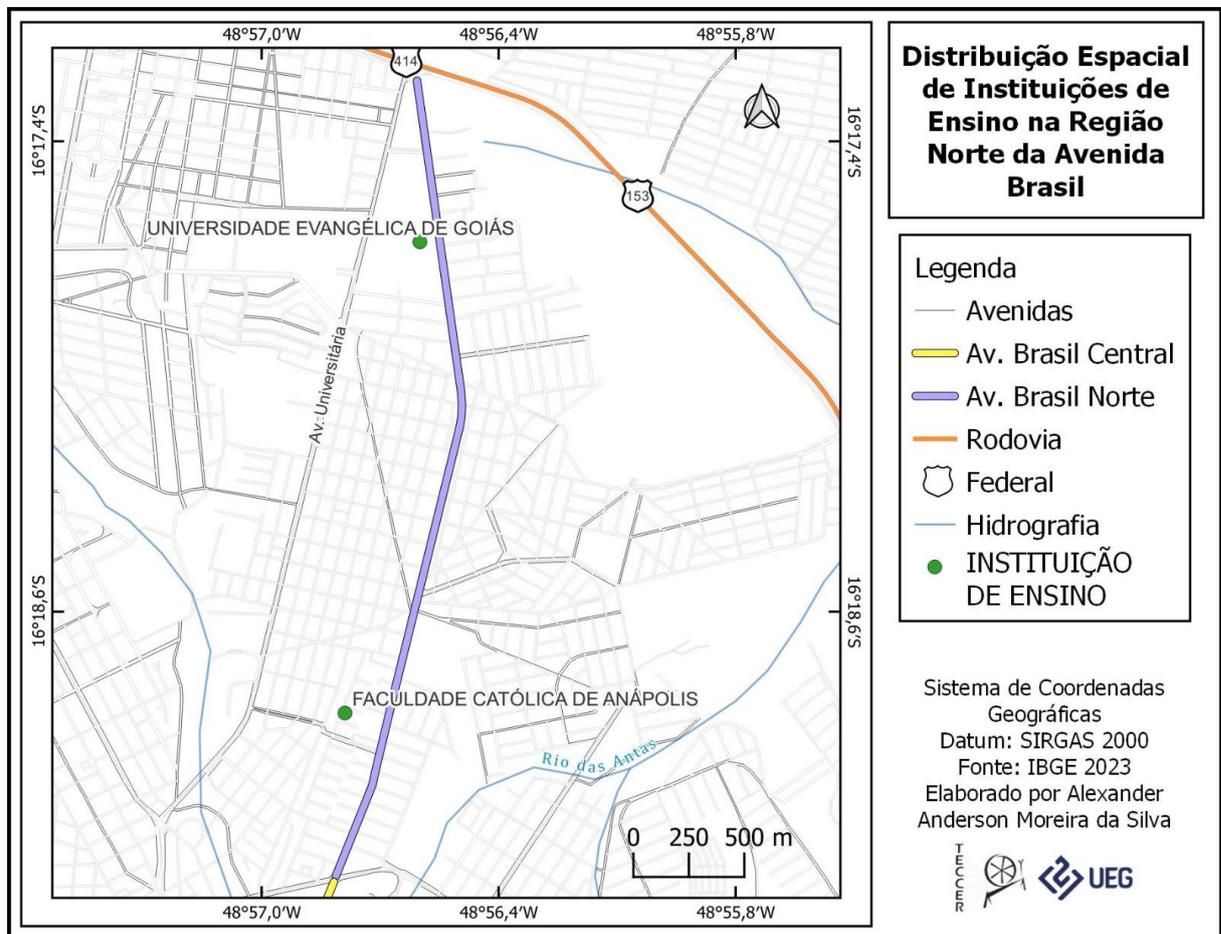
Esse trecho reforça como as decisões de planejamento urbano podem, muitas vezes, priorizar o transporte particular em detrimento de outras formas de mobilidade, o que impacta diretamente a estrutura e a funcionalidade da cidade. Essa transformação, portanto, não só fortalece a Avenida Brasil Norte como uma centralidade emergente, mas também influencia a organização espacial de Anápolis como um todo, demonstrando a capacidade da cidade de se reinventar e se adaptar às mudanças.

Figura 24: Mapa – Distribuição espacial das atividades automotivas na Avenida Brasil Norte em Anápolis: vendas, manutenção e aluguel



Fonte: IBGE, 2023 (Organização própria).

Figura 25: Mapa – Distribuição espacial de instituições de ensino na região norte da Avenida Brasil

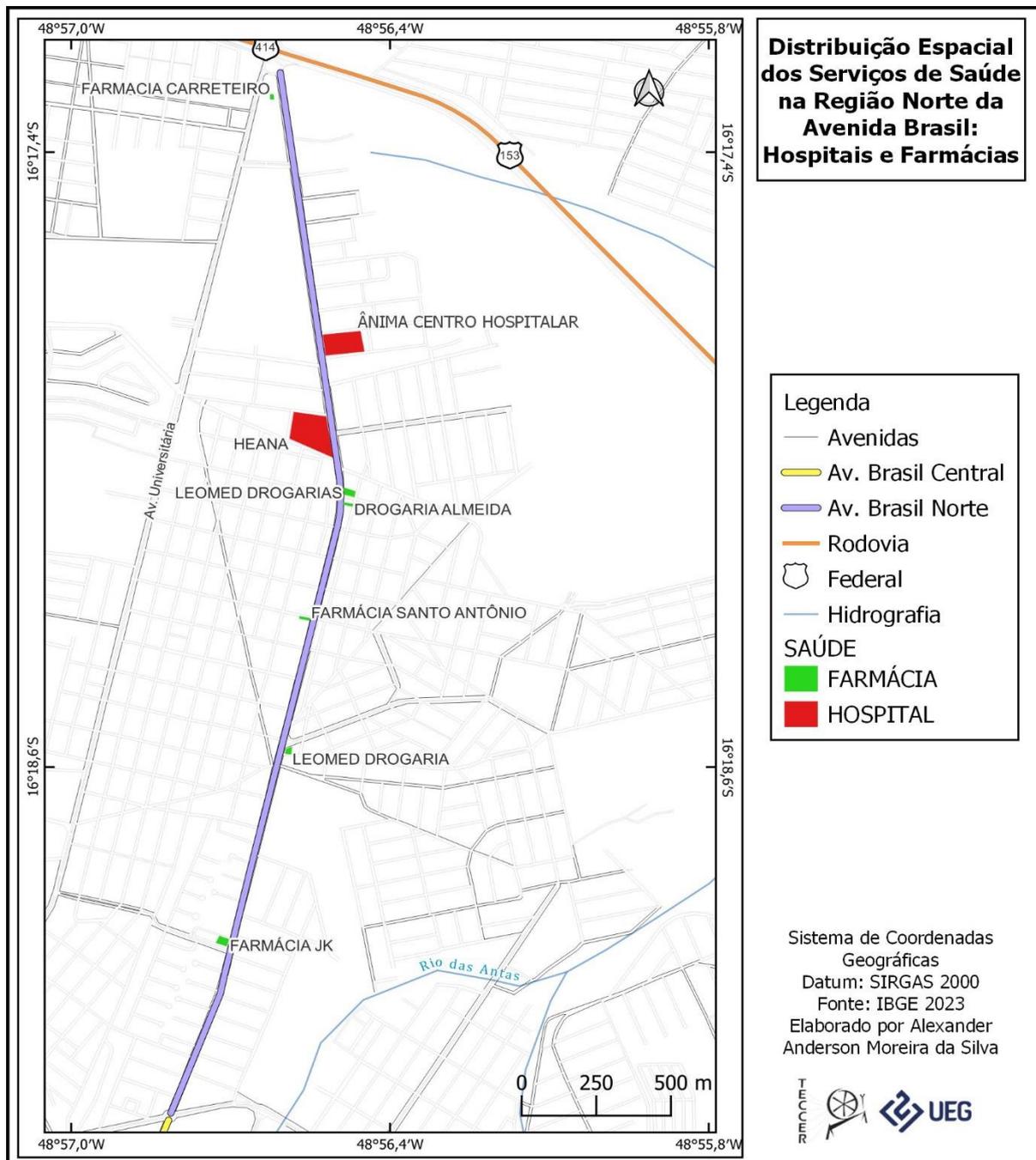


Fonte: IBGE, 2023 (Organização própria)

Na Avenida Brasil Norte, o espaço urbano se revela como uma arena complexa e multifacetada, onde a coexistência de diferentes funções urbanas delineia uma centralidade em constante transformação. Neste território, a lógica do capital, traduzida na expansão das atividades econômicas, encontra-se em interação contínua com as necessidades sociais, reconfigurando a estrutura urbana de maneira profunda e significativa.

Ao analisar o mapa... que nos oferece uma visão detalhada da distribuição espacial dos serviços de saúde, observamos que a presença de hospitais e farmácias não é mera coincidência, mas sim o resultado de uma estratégia deliberada de concentração de serviços essenciais que reorienta o fluxo urbano. Esses serviços de saúde não apenas servem à população local, mas também atraem pessoas de outras regiões, reforçando a Avenida Brasil Norte como um núcleo vital para o bem-estar social e, simultaneamente, como um espaço de reprodução das relações de poder que regem a cidade.

Figura 26: Mapa – Distribuição espacial de saúde na região norte da Avenida Brasil: hospitais e farmácias

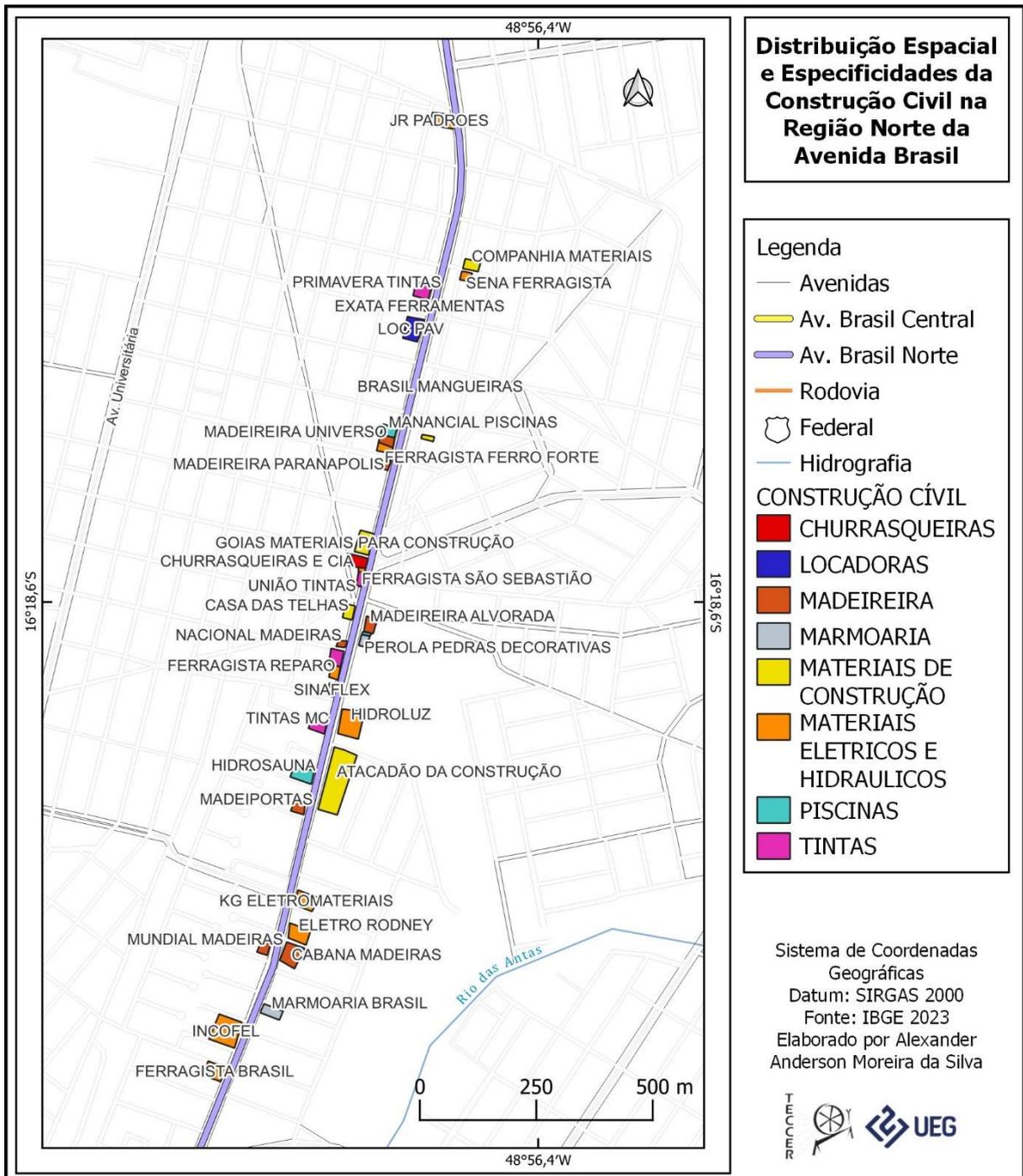


Fonte: IBGE, 2023 (Organização própria).

O mapa a seguir, que retrata a distribuição das atividades de construção civil, revela outra camada dessa centralidade multifuncional. A concentração de estabelecimentos voltados para a infraestrutura urbana, como lojas de materiais de construção e madeireiras, não apenas sustenta o desenvolvimento físico da cidade, mas também indica a convergência de interesses econômicos que promovem o crescimento espacial ordenado segundo a lógica

do capital. Nesse sentido, a Avenida Brasil Norte emerge não apenas como um corredor de circulação econômica, mas como um ponto nodal de articulação entre diferentes setores que, juntos, modelam o futuro urbano de Anápolis.

Figura 27: Mapa – Distribuição espacial e especificidades da construção civil na região norte da Avenida Brasil



Fonte: IBGE, 2023 (Organização própria).

Estas representações revelam como a Avenida Brasil Norte, longe de ser apenas uma via de passagem, se torna um palco onde se travam disputas pelo espaço, refletindo as tensões entre as forças hegemônicas que moldam o capital e as demandas da sociedade por um espaço urbano mais justo e acessível.

Dessa forma, a análise da Avenida Brasil Norte, por meio da leitura crítica desses mapas, nos convida a compreender como as novas centralidades emergem não apenas como respostas às pressões do mercado, mas também como loci de resistência e de negociação, onde o espaço urbano é continuamente refeito e redefinido. A cidade, aqui, não é um dado estático, mas um processo em constante construção, onde cada mudança no tecido urbano representa uma nova configuração de poder e de possibilidades, reafirmando a capacidade da cidade de se reinventar diante das contradições impostas pelo capital.

Ao contemplarmos a totalidade da Avenida Brasil, em suas porções Sul, Central e Norte, emerge uma leitura rica e multifacetada das dinâmicas espaciais que estruturam o tecido urbano de Anápolis. Cada trecho da avenida se revela como uma expressão concreta das forças socioeconômicas que atuam sobre o espaço, delineando centralidades que, embora interconectadas, possuem particularidades que evidenciam as diferentes lógicas de ocupação e organização espacial.

Na Avenida Brasil Sul, a especialização em atividades automotivas não é uma simples ocorrência, mas a materialização de uma lógica de desenvolvimento que privilegia determinados setores econômicos em detrimento de outros. Esse trecho configura-se como um corredor econômico específico, onde a força do capital automotivo molda o espaço urbano, criando uma centralidade altamente especializada. Contudo, essa especialização também acentua as disparidades socioespaciais, ao direcionar o desenvolvimento e os investimentos para uma área que, embora economicamente robusta, contribui para a fragmentação do espaço urbano.

Por outro lado, a Avenida Brasil Central se constitui como um espaço de articulação entre comércio, serviços e poder político. A presença de órgãos administrativos e a diversidade de serviços configuram essa área como o núcleo administrativo de Anápolis, onde as funções políticas e econômicas se sobrepõem, gerando uma centralidade complexa e estratégica. Esse trecho da avenida não apenas concentra as atividades comerciais, mas também reforça a centralização do poder, evidenciando a hierarquia espacial que beneficia as áreas centrais em detrimento das periferias. Aqui, a centralidade transcende a mera funcionalidade econômica, assumindo um papel simbólico e estratégico na organização do espaço urbano.

Já na Avenida Brasil Norte, observamos uma diversificação maior das funções urbanas, onde a introdução de instituições de ensino e saúde, além do comércio tradicional, aponta para a formação de uma nova centralidade, multifuncional e em expansão. Essa região ilustra um movimento de reconfiguração espacial, onde as centralidades não se limitam às atividades comerciais e administrativas, mas se expandem para incluir novas funções que ampliam a influência e o papel dessa avenida no contexto urbano de Anápolis. A Avenida Brasil Norte, assim, não só diversifica as centralidades existentes, mas também desafia e reconfigura as lógicas espaciais estabelecidas, promovendo um desenvolvimento urbano mais integrado e multifacetado.

Por fim, a análise dos diferentes segmentos da Avenida Brasil nos permite compreender como as centralidades urbanas em Anápolis são resultado de processos complexos de interação entre economia, poder e sociedade. Cada trecho da avenida atua como um microcosmo das forças que moldam a cidade, refletindo tanto as oportunidades quanto as contradições do processo de urbanização. A Avenida Brasil, em sua totalidade, não é apenas uma via de circulação, mas um espaço onde se materializam e se confrontam as diversas dinâmicas que definem o futuro urbano de Anápolis. Assim, a compreensão dessas centralidades é crucial para decifrar as lógicas espaciais que governam a cidade e as estratégias de planejamento que as sustentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou a Avenida Brasil, em Anápolis, como um território urbano dinâmico, marcado pela coexistência de múltiplas redes sociais, econômicas e políticas que revelam as profundas contradições do espaço urbano contemporâneo. Guiado pelos conceitos desenvolvidos por Milton Santos dentre outros teóricos, o estudo destacou a dialética entre fixos e fluxos, as desigualdades socioespaciais e a seletividade das políticas de urbanização que estruturam a avenida.

A Avenida Brasil exemplifica de forma evidente como o espaço urbano se configura como produto das intenções políticas e econômicas, refletindo a força do capital no direcionamento das transformações territoriais. Ao longo da pesquisa, observou-se que a avenida, embora sirva como um importante eixo de circulação de bens e pessoas, também atua como um vetor de segregação, onde áreas são priorizadas ou marginalizadas de acordo com os interesses predominantes. Assim, o estudo confirmou a hipótese inicial de que a Avenida Brasil é palco de um processo contínuo de regionalização seletiva, que reproduz as desigualdades espaciais e reforça as assimetrias no acesso aos serviços e à infraestrutura.

Os resultados deste estudo indicam que a Avenida Brasil pode ser dividida em três regiões principais, cada uma marcada por características econômicas, sociais e espaciais próprias. A região Sul, com sua forte concentração de atividades automotivas, destaca-se como uma zona de alta competitividade econômica, enquanto a região Central articula-se como um polo comercial e de serviços, responsável por grande parte das trocas econômicas da cidade. Por sua vez, a região Norte, em processo de expansão e diversificação, revela tanto o potencial quanto as limitações do desenvolvimento urbano em áreas periféricas. Essas divisões evidenciam a fragmentação da avenida em termos de funcionalidade e uso do solo, mas também denunciam a ausência de um planejamento urbano que promova maior integração entre as diferentes partes da cidade.

A dissertação também sublinha o impacto das transformações tecnológicas e do meio técnico-científico-informacional no processo de urbanização de Anápolis. A Avenida Brasil é moldada por essas forças globais, que intensificam o ritmo da urbanização e demandam uma fluidez crescente para a circulação de mercadorias e capital. No entanto, essa modernização seletiva tem contribuído para o aprofundamento das desigualdades, onde áreas menos favorecidas sofrem com a falta de investimentos e infraestrutura adequada. Nesse sentido, o estudo reforça a tese de que a urbanização contemporânea, orientada pelas

demandas do capital, tende a intensificar as disparidades socioespaciais, criando zonas de alta intensidade econômica e zonas opacas, negligenciadas pelos gestores públicos.

Com base nas análises realizadas, esta pesquisa sugere que a regionalização proposta ao longo da dissertação pode oferecer uma alternativa para mitigar os efeitos negativos do processo de urbanização desigual na Avenida Brasil. A divisão da avenida em três regiões, cada uma com suas centralidades e funções específicas, permite uma leitura mais precisa das demandas e potencialidades locais. A regionalização, portanto, emerge como uma ferramenta analítica fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas que promovam maior equilíbrio na distribuição dos serviços urbanos e na oferta de infraestrutura, garantindo assim que os benefícios do desenvolvimento sejam mais amplamente compartilhados.

Diante desse cenário, conclui-se que a Avenida Brasil, em Anápolis, representa uma manifestação concreta das contradições inerentes ao processo de urbanização contemporânea. A cidade, se configura como um espaço de múltiplas temporalidades e intenções, onde as forças do capital e do poder político operam de maneira seletiva, privilegiando determinadas áreas em detrimento de outras.

Por fim, este estudo destaca a complexidade das dinâmicas espaciais presentes em Anápolis, onde múltiplos interesses e demandas se entrelaçam, moldando o espaço urbano de maneira desigual. A análise da Avenida Brasil revela como o território urbano reflete as diversas influências políticas, econômicas e sociais que caracterizam a urbanização contemporânea. Diante disso, a compreensão dessas dinâmicas pode contribuir para reflexões mais amplas sobre os desafios enfrentados pelas cidades em constante transformação, onde as interações entre diferentes grupos e forças sociais configuram o espaço de formas imprevisíveis e contraditórias.

REFERÊNCIAS

BALTRUSIS, Nelson; D'OTTAVIANO, Maria Camila Loffredo. **A cidade na era da globalização: o fenômeno da Alfavela**. São Paulo: Contexto, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRAGA, Andréa Luiza Currálinho; PESSALI, Huáscar Fialho. **Direito à cidade, participação social e a política urbana no contexto brasileiro**. *Guaçu*, Matinhos, v.1, n. 2, p. 3-22, jul./dez. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307691074_Direito_a_cidade_participacao_social_e_a_politica_urbana_no_contexto_brasileiro. Acesso em: 24 out. 2023

BRENNER, Neil. **Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2018.

CARDOSO JÚNIOR, Hamilton Matos; LUNAS, Divina Aparecida Leonel. Densidade técnica e a especialização regional produtiva na extração mineral no Brasil. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO DO CCSEH – SEPE, 2015, Anápolis. **Anais [...]**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed., 4. impressão. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano: A cidade como espaço de luta**. São Paulo: Ática, 1999.

EMPRESA AQUI. **Empresas no bairro Jundiá em Anápolis/GO por porte empresarial, 2023**. Acesso em: 23 de Abril de 2024. URL: <https://www.empresaquei.com.br/listas-de-empresas/GO/ANAPOLIS/jundiai>

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

FERREIRA, Thayne Micaele dos Santos; MORENO, Bruno Bonfim. A complexificação da centralidade na cidade de Anápolis-GO: estudo de caso da Vila Jaiara. In: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG. **Anais [...]**. Anápolis: UEG, 2023.

GASPAR, Ricardo Carlos. A economia política da urbanização contemporânea. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 235-256, jan./jun., 2011.

GODOI, Jeniffer Franco de; MORENO, Bruno Bonfim. A complexificação da centralidade na cidade de Anápolis (GO): o caso do eixo comercial Avenida Pedro Ludovico. In: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG. **Anais [...]**. Anápolis: UEG, 2023.

HAESBAERT, Rogério. **Regionalização e Desigualdade Social**: um estudo sobre as dinâmicas territoriais. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HARVEY, David. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2008.

HARVEY, David. **The urban experience**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1989.

IBGE. **Vista aérea da BR-14 entre Goiânia e Anápolis, 1957**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.

LIMONAD, Ester. Espaço-tempo e urbanização: algumas considerações sobre a urbanização brasileira. **Cidades**, Chapecó, v. 5, n. 8, p. 244-258, 2008.

LUZ, Janes Socorro da. **A (re)produção do espaço de Anápolis/GO**: a trajetória de uma cidade média entre duas metrópoles, 1970-2009. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em: <http://www.ppgeo.ig.ufu.br/node/172>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MARICATO, Ermínia. **Crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MORAIS, Rubens Elias Santana. **Classes sociais e apropriação do espaço urbano na cidade de Anápolis, Goiás**. 2021. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Unidade Universitária de Anápolis – Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2021.

POCHMANN, Marcio; SILVA, Laerte César da. Concentração Espacial da Produção e Desigualdades Sociais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Presidente Prudente, v. 22, 2020. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6016/5291>. Acesso em: 8 ago. 2024.

POLONIAL, Jucelino. **A expansão ferroviária em Goiás e suas implicações socioeconômicas**. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

PORTAL 6. O que a polícia já descobriu sobre o incêndio nas galerias pluviais da Avenida Goiás, em Anápolis. **Portal 6**, Anápolis, 24 ago. 2022. Disponível em: <https://portal6.com.br/2022/08/24/o-que-a-policia-ja-descobriu-sobre-o-incendio-nas-galerias-pluviais-da-avenida-goias-em-anapolis/>. Acesso em: 17 set. 2024.

RÉZIO, Tiago José Duarte. **A tradição do novo: uma análise das transformações da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Unidade Universitária de Anápolis – Ciências Socioeconômicas e Humanas – Néelson de Abreu Júnior, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Nobel, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Edusp, 1994.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SCOTT, Allen J.; STORPER, Michael. **The nature of cities: the scope and limits of urban theory**. *International Journal of Urban and Regional Research*, 2018.

SIQUEIRA, Thalita Aguiar. **Corpos segregados e pobreza absoluta no processo de produção de pessoas em situação de rua em Anápolis (GO)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Unidade Universitária de Anápolis – Ciências Socioeconômicas e Humanas – Néelson de Abreu Júnior, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.

SOJA, Edward. **Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions**. Blackwell Publishing, 2000.

SOUZA, Bruno Augusto de; LUZ, Janes Socorro da. A centralização e a descentralização na cidade de Anápolis (GO): novas centralidades e eixos comerciais. **Revista Eletrônica de Economia da Universidade Estadual de Goiás**, Anápolis, v. 10, n. 4, p. 86-101, dez., 2004. Disponível em: <http://www.ueg.racine.org.br/index.php/economia/viewArticle/>. Acesso em: 03 ago. 2024.

SOUZA, Bruno Augusto de; LUZ, Janes Socorro da. Eixos comerciais em Anápolis (GO): estudo de caso das atividades presentes nas principais vias da área nordeste da cidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 32, n. 65, p. 49-67, set./dez., 2017.

TEIXEIRA, Leandro Borges. **Entre a proposta de espaço urbano planejado e a desordem: um estudo da cidade de Ceres-GO**. 2024. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Unidade Universitária de Anápolis – Ciências Socioeconômicas e Humanas – Néelson de Abreu Júnior, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2024.

VILLAÇA, Flávio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação.** São Paulo: Global, 2005.